

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Unidade Curricular: Estágio Profissional I;II;III e IV

Relatório de Estágio

Carmen Micaela Marques Cardeal

Lisboa, fevereiro de 2017

Relatório de Estágio Profissional

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Unidade Curricular: Estágio Profissional I;II;III e IV

Relatório de Estágio

Carmen Micaela Marques Cardeal

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Ensino do Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico sob a orientação do Professora Doutora Teresa Botelho

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do/a Orientador/a

Nome do/a orientador/a Teresa de Silveira Botelho,
tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a)
licenciado/a Carmen Nicolle Marques Candeal,
realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Profissionalizantes) em Educação
..... Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino
..... Básico,
considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.
Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrado do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um
Júri para apreciação do respetivo Relatório apresentado pelo/a candidato/a.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 20 17



Relatório de Estágio Profissional

Agradecimentos

O presente trabalho representa muito esforço e só foi possível a sua realização com o apoio e a ajuda de algumas pessoas que estiveram presentes na minha vida, a quem eu quero agradecer por isso, pela ajuda prestada, de forma indireta ou direta, que contribuíram para que este sonho se tornasse realidade.

Agradeço em primeiro lugar à minha mãe, Ana Marques, agradeço por tudo, por me ter incentivado e me ter dado apoio, nos bons e nos maus momentos, pelo esforço que fez para que eu conseguisse alcançar este objetivo. UM MUITO OBRIGADA por tudo o que me transmitiste ao longo dos anos, pois aquilo que sou é graças à educação que me deste.

Agradeço ao meu namorado, pela dedicação, pelo afeto, pela paciência, pelos conselhos e pelo carinho prestado ao longo do tempo. A ti, meu amor, quero simplesmente, agradecer-te o facto de teres entrado na minha vida. Sem ti não teria sido igual. MUITO OBRIGADA!

Às minhas colegas de curso, o meu obrigada por todos os momentos que passámos juntas, uns melhores que outros, mas que nos ajudaram a crescer como pessoas e como amigas. Sem elas nada seria o mesmo.

Ao Dr. António de Deus Ramos Ponces de Carvalho, por me ter permitido a entrada na sua instituição, pois dificilmente conseguiria ter a preparação que tive se tirasse o curso noutra instituição de ensino.

Agradeço também ao meu orientador, Professora Doutora Teresa Botelho, cuja maneira de ser e estar muito admiro e agradeço o apoio, a dedicação, a paciência e por me ter transmitido os melhores e mais úteis ensinamentos.

Quero agradecer às professoras e educadoras do Jardim-Escola dos Olivais, pois ajudaram-me bastante, mostrando-se sempre disponíveis, fazendo-me crescer como futura profissional.

Não poderia deixar de dar um ESPECIAL OBRIGADA a todas as crianças, pelos maravilhosos momentos que me proporcionaram durante o meu percurso, enquanto estagiária. Elas sim ensinaram-me e fizeram-me perceber o quanto gratificante é esta profissão.

Um obrigada a todos os que estiveram comigo nesta minha conquista.

Índice Geral

Índice de Figuras		. XIII
Índice de Quadros		. XIV
Introdução		. 1
1. Identificação do local de estágio		. 3
2. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional		. 4
3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional		. 4
4. Identificação do grupo de estágio		. 5
5. Metodologia utilizada		. 5
6. Pertinência do estágio		. 6
7. Cronograma do estágio		. 8
 CAPÍTULO 1 – Relatos diários		 . 13
 1.1. Primeira secção: Sala dos 3 anos		 . 14
1.1.1. Período de Estágio		. 14
1.1.2. Caracterização da turma		. 14
1.1.3. Caracterização do espaço		. 14
1.1.4. Rotinas		. 15
1.1.5. Horário		. 17
Relatos Diários		. 19
 1.2. Segunda secção: Sala dos 4 anos		 . 36
1.2.1. Período de Estágio		. 36
1.2.2. Caracterização da turma		. 36
1.2.3. Caracterização do espaço		. 36
1.2.4. Rotinas		. 37
1.2.5. Horário		. 37
Relatos Diários		. 40
 1.3. Terceira secção: Sala dos 5 anos		 . 55
1.3.1. Período de Estágio		. 55
1.3.2. Caracterização da turma		. 55
1.3.3. Caracterização do espaço		. 56
1.3.4. Rotinas		. 56
1.3.5. Horário		. 56

Relatório de Estágio Profissional

Relatos Diários	.	.	.	.	.	.	.	. 58
1.4. Quarta secção: Estágio Intensivo	.	.	.	.	.	.	.	. 75
1.5. Quinta secção: 4.º Ano A	.	.	.	.	.	.	.	. 77
1.5.1. Período de Estágio	.	.	.	.	.	.	.	. 77
1.5.2. Caracterização da turma	.	.	.	.	.	.	.	. 77
1.5.3. Caracterização do espaço	.	.	.	.	.	.	.	. 77
1.5.4. Rotinas	.	.	.	.	.	.	.	. 78
1.5.5. Horário	.	.	.	.	.	.	.	. 78
Relatos Diários	.	.	.	.	.	.	.	. 80
1.6. Sexta secção: 3.º Ano A	.	.	.	.	.	.	.	. 94
1.6.1. Período de Estágio	.	.	.	.	.	.	.	. 94
1.6.2. Caracterização da turma	.	.	.	.	.	.	.	. 94
1.6.3. Caracterização do espaço	.	.	.	.	.	.	.	. 95
1.6.4. Rotinas	.	.	.	.	.	.	.	. 95
1.6.5. Horário	.	.	.	.	.	.	.	. 95
Relatos Diários	.	.	.	.	.	.	.	. 97
1.7. Sétima secção: 2.º Ano A	.	.	.	.	.	.	.	. 114
1.7.1. Período de Estágio	.	.	.	.	.	.	.	. 114
1.7.2. Caracterização da turma	.	.	.	.	.	.	.	. 114
1.7.3. Caracterização do espaço	.	.	.	.	.	.	.	. 114
1.7.4. Rotinas	.	.	.	.	.	.	.	. 114
1.7.5. Horário	.	.	.	.	.	.	.	. 115
Relatos Diários	.	.	.	.	.	.	.	. 117
1.8. Oitava secção: 1.º Ano A	.	.	.	.	.	.	.	. 131
1.8.1. Período de Estágio	.	.	.	.	.	.	.	. 131
1.8.2. Caracterização da turma	.	.	.	.	.	.	.	. 131
1.8.3. Caracterização do espaço	.	.	.	.	.	.	.	. 131
1.8.4. Rotinas	.	.	.	.	.	.	.	. 132
1.8.5. Horário	.	.	.	.	.	.	.	. 132
Relatos Diários	.	.	.	.	.	.	.	. 134

CAPÍTULO 2 – Planificações		145
2.1 Descrição do capítulo		147
2.2. Fundamentação Teórica		147
2.3. Planificações do Pré-Escolar		150
2.3.1. Planificação da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita		150
2.3.2. Planificação da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática		153
2.4. Planificações do 1º Ciclo		156
2.4.1. Planificação da área de Língua Portuguesa		156
2.4.2. Planificação da área de Estudo do Meio		158
CAPÍTULO 3 – Dispositivos de Avaliação		161
3.1. Descrição do capítulo		163
3.2. Fundamentação teórica		163
3.3. Dispositivos de avaliação da área de Conhecimento do Mundo		167
3.3.1. Contextualização		167
3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação		167
3.3.3. Grelha de avaliação		169
3.3.4. Apresentação dos resultados em gráfico		170
3.3.5. Análise conclusiva		170
3.4. Dispositivos de avaliação da área do Domínio da Matemática		171
3.4.1. Contextualização		171
3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios		171
3.4.3. Grelha de avaliação		174
3.4.4. Apresentação dos resultados em gráfico		175
3.4.5. Análise do gráfico		175
3.5. Dispositivos de avaliação da área do Domínio da matemática		176
3.5.1. Contextualização		176
3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação		176
3.5.3. Grelha de avaliação		179
3.5.4. Apresentação dos resultados em gráfico		180
3.5.5. Análise do gráfico		180

Relatório de Estágio Profissional

3.6. Dispositivos de avaliação da área de Língua Portuguesa	.	.	.	.	.	.	.	.	180
3.6.1. Contextualização	.	.	.	.	.	.	.	.	180
3.6.2 Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	.	.	.	.	.	.	.	.	181
3.6.3. Grelha de avaliação	.	.	.	.	.	.	.	.	184
3.6.4. Apresentação dos resultados em gráfico	.	.	.	.	.	.	.	.	185
3.6.5. Análise do gráfico	.	.	.	.	.	.	.	.	185
Reflexão Final	.	.	.	.	.	.	.	.	187
Reflexão Final	.	.	.	.	.	.	.	.	189
Limitações ao Estudo	.	.	.	.	.	.	.	.	190
Novas Pesquisas	.	.	.	.	.	.	.	.	190
Referências Bibliográficas	.	.	.	.	.	.	.	.	191

Anexos

Anexo 1

Anexo 2

Anexo 3

Anexo 4

Índice de Figuras

Figura 1 – Exercícios elaborados pelos alunos	84
Figura 2 – Gráfico de resultados da avaliação da atividade na área de Conhecimento do Mundo	170
Figura 3 – Gráfico de resultados da avaliação da atividade na área de Expressão e Comunicação do Domínio da Matemática	175
Figura 4 – Gráfico de resultados da avaliação da atividade na área do Domínio da Matemática	180
Figura 5 – Gráfico de resultados da avaliação da atividade na área de Língua Portuguesa	184

Índice de Quadros

Quadro 1 – Distribuição dos três momentos de Estágio no Pré-Escolar . . .	8
Quadro 2 – Distribuição dos quatro momentos de Estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico . . .	9
Quadro 3 – Cronograma de estágio Profissional no Pré-Escolar.	10
Quadro 4 – Cronograma de estágio Profissional no 1.ºCiclo do Ensino Básico . . .	11
Quadro 5 – Horário da sala dos 3 anos	18
Quadro 6 – Horário da sala dos 4 anos	39
Quadro 7 – Horário da sala dos 5 anos	57
Quadro 8 – Horário do 4.º Ano A	79
Quadro 9 – Horário do 3.º Ano A	96
Quadro 10 – Horário do 2.ºAno A	116
Quadro 11 – Horário do 1.º Ano A	133
Quadro 12 – Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem	150
Quadro 13 – Planificação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita . . .	151
Quadro 14 – Planificação da área de Expressão e Comunicação do Domínio da Matemática	154
Quadro 15 – Planificação da aula de Língua Portuguesa	157
Quadro 16 – Planificação da aula de Estudo do Meio	159
Quadro 17 – Escala de Avaliação utilizada	167
Quadro 18 – Parâmetros, critérios e cotações do dispositivo de avaliação da área de Conhecimento do Mundo	168
Quadro 19 – Grelha de avaliação dos parâmetros e critérios do dispositivo de avaliação da área de Conhecimento do Mundo	169
Quadro 20 – Parâmetros, critérios e cotações do dispositivo de avaliação da área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática	173
Quadro 21 – Grelha de avaliação dos parâmetros e critérios do dispositivo de avaliação da área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática	174

Quadro 22 – Parâmetros, critérios e cotações do dispositivo de avaliação da área do Domínio da Matemática	178
Quadro 23 – Grelha de avaliação dos parâmetros e critérios do dispositivo de avaliação da área do Domínio da Matemática	179
Quadro 24 – Parâmetros, critérios e cotações do dispositivo de avaliação da área de Língua Portuguesa	183
Quadro 25 – Grelha de avaliação dos parâmetros e critérios do dispositivo de avaliação da área de Língua Portuguesa.	184

Introdução

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional

No âmbito da Unidade Curricular de Prática Pedagógica I, II e III, foi-me solicitada a elaboração de um Relatório de Estágio alusivo à mesma, pertencente aos últimos anos do mestrado em Ensino do Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Este relatório consiste na descrição do meu dia-a-dia, num Jardim-Escola.

A elaboração deste trabalho tem como objetivo proporcionar-me, como futura profissional, uma observação direta do funcionamento das aulas nos diferentes graus de ensino.

O presente relatório é bastante importante para poder refletir sobre as minhas aprendizagens, e melhorar cada vez mais a minha forma de agir como futura docente.

O estágio decorreu no período compreendido entre 27 de setembro de 2011 a 25 de janeiro de 2013, e realizava-se às segundas, terças e sextas-feiras, das 9h às 13h.

Neste relatório é possível encontrar relatos do que vivenciei, observações, opiniões pessoais e fundamentação teórica relativamente aos aspetos que considerei mais pertinentes. Serão omitidos os nomes dos estabelecimentos de ensino onde estagiei, bem como o nome dos educadores, professores e colegas de estágio.

1. Identificação do local de Estágio

O Jardim-Escola, no qual estagiei, está localizado na parte ocidental de Lisboa, no bairro dos Olivais. Este bairro dispõe de vários serviços sociais, como por exemplo Bombeiros, Hospital do SAMS, Polícia de Segurança Pública, entre outros.

É um local com acesso aos transportes públicos, como o metro e a carris.

Neste Jardim-Escola, as turmas são separadas pelas diferentes faixas etárias. O Jardim-Escola tem duas zonas de recreio: uma destinada aos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico e a outra área destinada às crianças do Pré-Escolar. Em ambas as zonas existe uma área de entretenimento para as crianças.

Quanto ao espaço interior, o jardim-escola é constituído por dois pavilhões. Um dos pavilhões é constituído por um piso térreo, onde podemos encontrar 5 salas, uma sala para as crianças com 3 anos, duas salas para as crianças com 5 anos, duas salas para as crianças do 1.º ano do ensino básico e o salão, onde se encontram as duas turmas de 4 anos. É neste pavilhão que encontramos também o refeitório. Existem também duas casas de banho, no salão, uma para os meninos e outra para as meninas.

O segundo pavilhão é constituído por dois pisos. No piso térreo encontramos quatro salas, duas para o 2.º ano e outras duas para o 3.º ano. No primeiro andar

encontramos duas salas, pertencentes ao 4.º ano e o ginásio. Neste pavilhão existem 6 casas de banho, 3 para meninas e 3 para meninos, situadas junto a cada sala (do 2.º ano, do 3.º ano e do 4.º ano).

As crianças que frequentam o jardim-escola têm idades compreendidas entre os três e os dez anos de idade.

2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

O presente trabalho é individual e divide-se em quatro capítulos, uma introdução (onde faço referência à identificação do local de estágio, à importância da elaboração do relatório de Estágio Profissional, à identificação do grupo de estágio, à metodologia utilizada, à pertinência do estágio e dois cronogramas com a distribuição do tempo das várias atividades) e anexos.

O capítulo 1 – **Relatos diários** - onde são apresentados os relatos diários de estágio, registadas as principais observações de todas as manhãs de estágio, assim como as respetivas inferências, cientificamente fundamentadas.

O capítulo 2 – **Planificações** – onde são apresentadas as planificações didáticas e a sua fundamentação. Estas planificações são baseadas no Modelo T de Aprendizagem.

O capítulo 3 - **Dispositivos de Avaliação** – onde são apresentadas as avaliações que realizei nas aulas que lecionei durante o Estágio Profissional, e justifico as estratégias que apliquei juntamente com o suporte de referência teórico.

Na última parte do relato/**Reflexão Final**, refiro a importância do estágio para a minha formação profissional, fazendo uma retrospectiva do período referido.

Este relatório também apresenta anexos e uma lista de referências bibliográficas que utilizei na sua elaboração.

3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

A elaboração do presente trabalho, foi bastante importante para mim, tanto a nível profissional como a nível pessoal e cultural, na medida em que representa a conclusão da última etapa do Mestrado, permitindo-me uma certificação profissional ambicionada.

Uma das principais razões para a elaboração deste relatório é o facto de permitir uma reflexão sobre o trabalho que se faz e que se vê fazer.

A sua realização implicou pesquisa, investigação, estudo e reflexão sobre conceitos, ideias e metodologias que contribuíram para construção do meu conhecimento sobre o ensino, permitindo-me, também, desenvolver hábitos de leitura, pesquisa e reflexão que me irão ajudar a tornar-me numa docente atualizada, capaz de pesquisar e integrar novas metodologias. Segundo Loughran (citado por Flores e Simão, 2009), “os alunos futuros professores desenvolvem compreensões profundas acerca do ensino e da aprendizagem quando investigam a sua própria prática e quando são convidados a adotar uma perspetiva de investigadores”. (p.34).

Futuramente poderá servir também para o uso de consultas que possam surgir durante a nossa vida profissional.

4. Identificação do Grupo de Estágio

Ao longo do meu Estágio Profissional, o meu grupo de estágio foi constituído por três elementos, eu e mais duas colegas, da minha turma de Mestrado em Ensino do Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Foi bastante interessante trabalharmos as três, pois houve uma maior troca de experiências, de ideias e de conhecimento. O grupo de estágio permaneceu o mesmo, tanto no estágio do Pré-Escolar como do 1º Ciclo do Ensino Básico. Colaborámos umas com as outras e ajudámo-nos mutuamente. Penso que isso se notou bem durante este período de estágio.

5. Metodologia utilizada

A metodologia utilizada na recolha de dados, para a realização do presente Relatório Profissional foi principalmente feita através da observação, investigação e análise documental.

A observação desempenha um papel muito importante em qualquer metodologia de investigação.

Segundo Damas e Ketele (1985) a observação “é um processo cuja função primeira, imediata, consiste em recolher informações sobre o objecto tomado em consideração, em função do objectivo organizador...” (p. 11) Os mesmos autores referem que “A observação designa então uma fase da investigação que consiste em se familiarizar com uma situação ou um fenómeno, em descrevê-los e em analisá-los, com o fim de fazer surgir uma hipótese coerente com o corpo de conhecimentos anteriores bem estabelecidos.” (p.12)

Durante todo este percurso, as observações foram feitas de uma forma participante e direta.

Segundo Estrela (1994), “fala-se de observação participante quando, de algum modo, o observador participa na vida do grupo por ele estudado.” (p.31) O autor refere ainda que este tipo de observação “corresponde a uma observação em que o observador poderá participar (...) na actividade do observado, mas sem deixar de representar o seu papel de observador e, consequentemente, sem perder o respectivo estatuto.” (p.35)

Para Quivy e Campenhoudt (1992) “a observação directa é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação.” (p. 165)

A recolha dos dados presentes neste relatório assenta numa investigação qualitativa. Esta investigação apresenta algumas características enunciadas por Bogdan e Biklen (1994) tais como:

- (i) Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;
- (ii) Os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contacto directo;
- (iii) A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números;
- (iv) A palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registo dos dados como para a disseminação dos resultados;
- (v) Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. (pp. 47-50)

Estrela (1994) afirma que “o professor deverá ser formado através da investigação, não só para desenvolver a atitude experimental exigida pela sua prática quotidiana, como para poder integrar nela os resultados da investigação.” (p.26) O mesmo menciona ainda que “O principal objectivo da investigação num programa de formação deverá ser o de contribuir para a formação de uma *atitude experimental*.” (p.26)

O objetivo desta metodologia foi verificar as estratégias efetuadas pelos docentes, assim como a metodologia utilizada pelos mesmos, e se estas eram ou não eficazes na aprendizagem dos alunos.

Para a elaboração deste Relatório de Estágio Profissional, utilizei a metodologia de acordo com as normas da *American Psychological Association* (APA).

6. Pertinência do Estágio

O estágio profissional é um processo de grande importância na aprendizagem de qualquer futuro profissional. Este permite adquirir competências sobre a prática,

preparando-o, assim, a enfrentar os desafios da carreira profissional e a ultrapassar algumas inseguranças que advêm da inexperiência desta vida.

Segundo Formosinho (2009), “a Prática Pedagógica é a componente intencional da formação de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática profissional docente.” (p. 104)

Estrela (1994) afirma que:

O acto pedagógico se constrói e reconstrói continuamente a partir da análise do real, através de um percurso que em tudo se assemelha ao percurso da construção do conhecimento científico: partindo da observação do real e da sua problematização para o desenho da intervenção e verificação dos seus efeitos. (p.11)

O mesmo autor afirma ainda que:

Só através de uma prática pedagógica de carácter científico se tornará possível ultrapassar o empirismo e fazer inflectir definitivamente a atitude tradicional que reduz a Pedagogia a uma arte. O professor, para poder *intervir* no real de modo fundamentado, terá de saber *observar* e *problematizar* (ou seja, interrogar a realidade e construir hipóteses explicativas). (p.26)

A formação de professores é um ponto de partida para a entrada na vida profissional. É importante pois permite ao futuro docente a aquisição de saberes e competências necessárias à prática docente, de forma a que, durante a sua vida profissional, seja capaz de responder eficazmente às solicitações do sistema ao qual pertence.

Para o autor, Loureiro (2000) “espera-se que a formação inicial possa proporcionar aos futuros professores quer os conhecimentos gerais e específicos quer os princípios psicopedagógicos e científicos necessários para que desenvolvam posteriormente de forma adequada a sua actividade profissional.” (p. 33)

Este estágio profissional foi uma mais-valia para a minha aprendizagem enquanto futura docente. A oportunidade que me deram, em contactar com a realidade profissional é imprescindível para quem está a dar os primeiros passos na vida profissional, sendo também deveras importante referir a presença de Professoras da Equipa de Supervisão, pois a sua orientação e o seu apoio, permitiu-nos melhorar a qualidade deste processo.

Para Alarcão e Tavares (1987), a supervisão tem como objetivo “o desenvolvimento profissional do professor.” (p.16)

Segundo Jacinto (2003):

o orientador pode ser formado no sentido de desempenhar o papel de conselheiro, de facilitador do autodesenvolvimento do estagiário, criando para tal um ambiente caloroso em que o professor em formação se sinta seguro para se expor, expressar livremente as suas dificuldades, motivações pessoais, potencialidades e competências, num sentimento de bem estar para consigo próprio e por conseguinte para com os alunos. (p.61)

O mesmo autor afirma ainda que “o orientador preocupa-se em estabelecer critérios, em fornecer orientações, revelando uma atitude prescritiva e correctora da acção do estagiário, sem atender às concepções que possui acerca do desempenho do seu papel” (p.47)

Todo este contacto que nos permite ter o estágio profissional é extremamente importante para um melhor desempenho futuro da carreira docente e para melhor servir a humanidade na área da educação. Por isso, pode afirmar-se que ser-se estagiário é bastante produtivo, pois permite observar uma variedade de realidades, que incide tanto nas áreas de conteúdos como na aquisição de competências por parte das crianças, que depois contribuem para a formação total da criança e para o nosso sucesso como docentes.

7. Cronograma de Estágio

No decorrer do Estágio Profissional I, II e III permaneci em sete salas (três salas do Ensino Pré- Escolar e quatro salas do 1.º Ciclo).

No Ensino Pré-Escolar, comecei por estagiar na sala dos 3 anos, posteriormente na sala dos 4 anos e por último, na sala dos 5 anos.

Estes diferentes períodos de estágio podem ser observados no quadro 1.

No 1.º Ciclo do Ensino Básico estagiei na sala do 4.ºano, na sala do 3.ºano, posteriormente na sala do 2.º ano e por último na sala do 1.ºano.

Estes diferentes períodos de estágio podem ser observados no quadro 2.

Quadro 1 – *Distribuição dos três momentos de Estágio no Pré-Escolar*

Sala dos 3 anos	Sala dos 4 anos	Sala dos 5 anos
27 de setembro de 2011 a 4 de novembro de 2011	7 de novembro de 2011 a 16 de dezembro de 2011	2 de janeiro de 2012 a 10 de fevereiro de 2012

Quadro 2 – *Distribuição dos quatro momentos de Estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico*

Sala do 4.º ano	Sala do 3.º ano	Sala do 2.º ano	Sala do 1.º ano
5 de março a 27 de abril	30 de abril a 22 de junho	25 de setembro a 16 de novembro	19 de novembro a 25 de janeiro

Seguidamente, nos quadros 3 e 4, serão apresentados dois cronogramas onde está registado o número total de horas referentes ao Estágio Profissional e às aulas por mim lecionadas.

Nestes cronogramas estão presentes as aulas programadas pela Educadora/Professora Cooperante, as aulas programadas durante as manhãs, as aulas programadas para a equipa de supervisão pedagógica, as aulas surpresa da Educadora Cooperante, bem como as aulas surpresa da equipa de supervisão. Para finalizar este cronograma, está também presente a Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional (PPACP).

Relatório de Estágio Profissional

Quadro 3 – Cronograma de estágio Profissional no Pré-Escolar

	setembro				outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro			
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Atividade																								
Aulas programadas																								
Aulas-surpresa																								
Estágio Intensivo																								
Reuniões de Prática Pedagógica																								
Pesquisas bibliográficas																								
Elaboração do Relatório de Estágio Profissional																								

- Sala dos 3 anos
- Sala dos 4 anos
- Sala dos 5 anos
- Outros

Relatório de Estágio Profissional

Quadro 4 – Cronograma de estágio Profissional no 1.ºCiclo do Ensino Básico

	março				abril				maio				junho				setembro				outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro			
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Atividade																																								
Aulas programadas																																								
Aulas-surpresa																																								
Reuniões de Prática Pedagógica																																								
Pesquisas bibliográficas																																								
Elaboração do Relatório de Estágio Profissional																																								

-  Sala do 4º ano
-  Sala do 3º ano
-  Sala do 2º ano
-  Sala do 1º ano
-  Outros

Capítulo 1- Relatos Diários

Neste primeiro capítulo serão descritas as práticas pedagógicas observadas ao longo deste período de estágio. Está dividido em oito secções, de acordo com os momentos de estágio, sendo que as três primeiras secções fazem parte do Ensino Pré-Escolar e as últimas quatro, pertencem ao 1º Ciclo do ensino Básico, referenciando as respetivas datas. Em cada secção apresentada será descrita a caracterização da turma e do espaço, as rotinas, o horário e a respetiva fundamentação bibliográfica.

1.1. 1.ª Secção: Estágio na sala dos 3 anos

1.1.1. Período de Estágio: 27 de setembro de 2010 a 4 de novembro de 2011

1.1.2. Caracterização da turma:

Os dados da caracterização desta turma foram gentilmente cedidos pela educadora titular da turma.

A turma é composta por 29 crianças, das quais dezoito são do sexo masculino e onze do sexo feminino. Todas as crianças fizeram três anos de idade até 31 de dezembro de 2011.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do jardim-escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.1.3. Caracterização do espaço:

A sala, desta turma, é bastante ampla, luminosa e acolhedora. Esta sala está dividida em dois espaços, pois abrange duas turmas de crianças com 3 anos de idade. O espaço que acolhe as crianças da turma é bastante mais pequeno. Não tem porta de acesso ao salão, nem ao pátio, pelo que, se entra pelo espaço pertencente à turma A. A sala tem uma janela virada para o pátio.

Este espaço está dividido em duas zonas: a zona de trabalho e a zona do tapete. A zona de trabalho possui quatro mesas coloridas retangulares, onde as crianças realizam os trabalhos e aprendem a estar sentados. A zona do tapete é onde as crianças se sentam, geralmente, em semicírculo e onde a educadora costuma realizar várias atividades, tais como a estimulação à leitura, dialogar com as crianças, entre outras.

Segundo Formosinho et al. (1996) “o espaço físico da sala de aula, quando transformando em ambiente educacional, é a primeira dimensão curricular, porque pode promover a aprendizagem activa.” (p.56) O mesmo autor refere ainda que “a aprendizagem activa é definida como a aprendizagem na qual a criança, através da sua acção sobre os objectos e da sua interacção com as pessoas, as ideias e os acontecimentos, chega à compreensão do mundo.” (p. 56)

Na parede existem placares que servem para colocar/expor os trabalhos, à medida que os vão realizando. Por baixo dos placares, estão os cabides, cada um identificado com o nome da criança, de forma a colocar a sua saca e casacos, no momento em que entra na sala de aula.

Existem também, nas paredes, desenhos relacionados com o mapa das presenças, com os aniversários, fotografias das crianças com as suas famílias, e de alguns momentos vividos na escola. Existe ainda um armário, com gavetas, para arrumar e organizar o material. Cada criança é responsável pela sua gaveta e possui alguns materiais indispensáveis, como canetas de feltro, lápis de cera, lápis de cor, cola e tesoura.

Zabalza (2001) refere que: “a forma como organizamos e utilizamos o espaço físico da sala constitui, em si mesma, uma mensagem curricular, isto é, reflecte o nosso modelo educativo.” (p. 124)

1.1.4. Rotinas:

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, Ministério da Educação (1997), “o tempo educativo tem, em geral, uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade”, aos quais, chamamos rotinas (p.40).

Nesta idade, a rotina tem um papel muito relevante, pois estas crianças estão a iniciar um novo ritmo de vida e de aprendizagem ao iniciarem esta etapa da sua vida, a iniciação à educação pré-escolar.

Segundo Formosinho et al. (1996) “Uma rotina educacional é muito mais que um conjunto nomeado de tempos. Para ser verdadeiramente uma rotina educacional, as actividades específicas de cada tempo tem de ser proporcionadoras de aprendizagens significativas para cada criança que frequenta aquela sala de actividades.” (p.60) Os mesmos autores afirmam ainda que “a rotina diária cria uma estrutura para os acontecimentos do dia; cria uma estrutura para a agenda educacional diária; em resumo, cria uma estrutura para o tempo.” (p.60)

As crianças de 3 anos começam sempre a manhã no salão em forma de roda, cantando e dançando com as crianças das outras faixas etárias (4 e 5 anos), e as suas respetivas educadoras.

Belchior (2004) afirma que o acolhimento é:

O primeiro momento, ou seja, o de acolhimento, consiste essencialmente em realizar uma conversa participada e animada com todas as crianças. Neste momento são apresentadas “as novas produções, de expressão escrita ou de expressão plástica, que todos podem comentar, e que se traça o plano do dia. (p. 112)

Segundo Formosinho et al. (1996) “No tempo de acolhimento da manhã, o interesse verdadeiro da educadora pelas experiências familiares de cada criança na tarde e na noite anteriores torna-se numa experiência de conhecimento de cada criança.” (p.67)

É um momento onde todos os docentes se reúnem, com os respetivos alunos, numa roda, cantando diversas canções durante cerca de quinze a trinta minutos.

A disposição das crianças é feita em roda, começando pelas crianças de 3 anos no centro, seguindo-se das crianças de 4 anos e por último as crianças de 5 anos.

A Educação Pré-Escolar encontra-se no salão e o 1.º Ciclo no ginásio.

Durante o acolhimento os alunos cantam canções, aleatoriamente, até que a respetiva educadora os chame. No final do acolhimento, sensivelmente às 9h30, as crianças dirigem-se à casa de banho, onde, depois de terem feito a sua higiene, fazem um comboio à porta, para se dirigirem para a sua sala, acompanhadas sempre pela educadora. As idas à casa de banho realizam-se sempre depois da roda, antes do almoço, após o almoço, para além das ocasiões onde vão por vontade própria.

A meio da manhã, os alunos vão para o recreio onde permanecem das 10h30 às 11h e onde comem bolachas ou pão com manteiga. Quando as condições climáticas não o permitem, as crianças passam este momento dentro do salão.

Para Cordeiro (2007)

o recreio é um espaço da maior importância (...) o recreio apresenta uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em atividades lúdicas vigorosas, barulhenta, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos (p.377).

As crianças do pré-escolar dirigem-se para o refeitório por volta do meio-dia. O almoço realiza-se na cantina. Neste espaço estão as crianças de três anos, que por norma comem autonomamente. O mesmo autor afirma ainda que a hora das refeições também serve para,

criar uma maior autonomia (estimulada pelos outros e por um sentido correto da competição, o que faz comerem tudo pelo seu punho no jardim-de-infância e em casa terem de ser os pais a dar), passar implícitas noções de higiene e de

saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo, mesmo que com variações pessoais, e noções de alimentação e nutrição. (p. 373)

Para uma boa alimentação, a presença do educador no refeitório torna-se elemento chave.

O que distingue mais a rotina das crianças desta faixa etária, às outras do pré-escolar é a hora da sesta. Este momento ocorre sempre depois de almoço e tem uma duração de duas horas, tendo início por volta das 13h e terminando por volta das 15h.

Como afirma Cordeiro (2007) a sesta é:

Um direito da criança, nesta idade. Deve ser feita num ambiente calmo (contrastando com o ambiente de «converseta» da hora do almoço), e estimulada a autonomia (as crianças devem tirar elas próprias os sapatos, deitar-se e tapar-se sozinhas, mesmo que as educadoras dêem o toque final). (pp. 373-374)

O mesmo autor afirma que “a sesta deve ser um passo da rotina, que a criança já antecipa quando está a fazer outras coisas anteriores, como lavar as mãos para ir comer”. (p. 306)

1.1.5. Horário:

As crianças desta faixa etária realizam atividade no âmbito do Conhecimento do Mundo, da Estimulação à Leitura e da iniciação à Matemática. Para além destas atividades também praticam outras atividades tais como: Educação do Movimento, Educação Musical, Informática/Biblioteca e Cerâmica.

No período da tarde, as crianças realizam atividades tais como: desenhos, modelagem, corte e colagem, dobragens, entre outras.

Em seguida, apresento o horário da sala dos 3 anos.

Relatório de Estágio Profissional

Quadro 5 – Horário da sala dos 3 anos

Sala dos 3 anos	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00	Partilha de saberes	Acolhimento/Canções de Roda		Música	Acolhimento/Canções de Roda
9.30-10.00	Área de Projeto: Estimulação à Leitura				
10.00-10.30	Partilha de saberes	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Educação do Movimento
10.30-11.00	Educação do Movimento	Proposta de Trabalho	Proposta de Trabalho	Proposta de Trabalho	Iniciação à Matemática
11.00-11.30	RECREIO				
11.30-12.00	Higiene e preparação para o almoço				
12.00	ALMOÇO				
12.30-14.30	Recreio (livre e orientado) / hora da sesta				
14.30-15.00	Higiene e preparação da sala				
15.00-16.00	Atividades de arte plástica; desenvolvimento da motricidade fina; jogos orientados; estimulação à leitura; aulas de descoberta				
16.00-16:20	Higiene				
16:20-17.00	LANCHE / SAÍDA				

Horário sujeito a alterações

Relatos diários

26 de setembro de 2011

Reunião com as professoras orientadoras da Prática Pedagógica. Esta serviu para nos entregarem o regulamento relativo ao ano letivo 2011/2012 e para nos informar como se iria processar a avaliação, bem como a elaboração do presente trabalho.

Inferências e fundamentação teórica

Estas reuniões com a equipa de supervisão são extremamente importantes para esclarecimento de dúvidas relativamente ao Estágio Profissional. Juntamente com o apoio dos professores quer da Equipa da Supervisão Pedagógica, quer cooperantes, torna-se um dos aspetos mais marcantes que podemos usufruir durante este período, que é a nossa formação enquanto educador/professor.

Segundo Alarcão e Tavares (1987):

a supervisão deve consistir, pois, numa visão de qualidade, inteligente, responsável, experiencial, acolhedora, empática, serena, e envolvente de quem vê o que se passou antes, o que se passa durante e o que se passará depois, ou seja, de quem entra no processo para compreender por fora e por dentro. (p.47)

Segundo Severino (2007), a supervisão da prática pedagógica assume um papel indispensável no desenvolvimento dos alunos, visto esta assumir-se:

como um contributo para o percurso de desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos-formandos recorrendo, para o efeito, a estratégias de formação de carácter dinâmico, verdadeiramente construtivo e formativo, no sentido da promoção, entre todos os intervenientes, de uma comunicação efectiva e problematizante, de modo a que os mesmos se tornem não só mais flexíveis, mais seguros e preparados para autodirigirem as suas aprendizagens. (p.44)

27 de setembro de 2011

No início da manhã fomos recebidos pela diretora do Jardim-Escola. Esta falou-nos sobre o regulamento do estágio, sobre algumas dúvidas que pudéssemos ter e informou-nos quais as salas por onde iríamos passando ao longo deste período.

Após esta pequena reunião, as minhas colegas de estágio e eu dirigimo-nos à sala onde íamos ficar. Apresentámo-nos à educadora titular de turma e esta apresentou-se e apresentou-nos ao resto da turma.

Quando chegámos à sala, a educadora estava a marcar as presenças.

De seguida, e com as crianças sentadas em forma “U”, no tapete, contou a história *Matilde – Vai-te Embora ó Medo* de Mary Katherine Martins e Silva, e posteriormente conversou com as crianças sobre a mesma.

Logo depois, uma colega de estágio, aluna do 4º Ano do Curso de Educadores de Infância, deu uma aula na Área do Domínio da Matemática, com o material 1º Dom de Fröebel, mantendo as crianças sentadas no tapete e abordando noções espaço-temporais e a cor encarnada. Terminada a aula com o material, a minha colega sentou as crianças nas mesas, nos seus respetivos lugares, e entregou-lhes uma proposta de trabalho que consistia em pintarem, com a cor encarnada, um morango.

Inferências e Fundamentação Teórica

O primeiro dia de estágio é sempre um pouco diferente, pois apresentamo-nos um pouco mais nervosas, coisa que vai desaparecendo ao longo do dia, enquanto interagimos com as crianças e com a educadora.

Foi a primeira vez que estagiei com a educadora e com esta turma.

Durante a atividade de leitura, a educadora mostrou ser meiga, mas ao mesmo tempo firme, pois estas crianças estão a aprender novas regras e novas rotinas diárias do jardim-escola.

Segundo Formosinho *et al.* (1996) a rotina é “uma estrutura da qual a criança, progressivamente, aprende o próprio processo, isto é, o fluir de rotina, e onde define, apoiada pelo adulto, a sua agenda educacional.” (p.61)

Cordeiro (2007) afirma que o mapa das presenças “permite começar a adquirir noções matemáticas (quantos estão, quantos faltam), introdução à leitura através do reconhecimento das letras, organização temporal, observação e a linguagem, pela verbalização consequente”. (p.371)

Depois de terminada a leitura, a minha colega de estágio manteve as crianças sentadas no tapete e retirou, para o centro do tapete, o material estruturado 1.º Dom de Fröebel. Este é um material manipulável, estruturado, feito em madeira, criado por Friedrich Wilhelm August Fröebel. É imprescindível referir que Fröebel foi o primeiro educador e o mestre do uso do brinquedo e da actividade lúdica e defendia as suas utilizações. Este material destina-se a crianças a partir dos dois anos. É composto por seis bolas de cores diferentes (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta), que se encontram dentro de uma caixa de madeira, com a forma de um paralelepípedo.

Com esse material trabalhou a algumas noções espaço-temporais e a cor encarnada. Esta foi a primeira vez que vi o 1.º Dom de Fröebel. Este material, como

afirma Caldeira (2009), “é essencialmente destinado a crianças a partir dos 2/3 anos de idade.” e “é composto por seis pequenas bolas (...) nas seguintes cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Estas bolas estão dentro de uma caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo.” (p.243)

30 de setembro de 2011

A manhã teve início com a turma a ser dividida em dois grupos, por ser dia de Cerâmica. As minhas duas colegas de estágio acompanharam o primeiro grupo, enquanto eu acompanhei, posteriormente, o segundo grupo.

Quando a aula de Cerâmica terminou, as crianças foram à casa de banho lavar as mãos, para regressarem à sala de aula.

Após esta aula, a educadora levou as crianças, em comboio, para conhecerem o ginásio e a biblioteca do jardim-escola, tendo, com estas, uma pequena conversa sobre cada um destes espaços.

Na biblioteca, sentou as crianças no chão, à sua frente, e contou-lhes uma história “*Óscar – O pequeno Urso Polar*”.

De seguida, voltámos para a sala de aula, onde a educadora mandou sentar os alunos nas mesas, nos respetivos lugares e entregou-lhes uma proposta de trabalho com o título “A minha escola”, para as crianças ilustrarem.

Inferências e Fundamentação Teórica

É extremamente importante induzir hábitos de leitura às crianças. As crianças, desde muito cedo, ao terem contacto direto com o livro, começam a adquirir o gosto e o hábito de leitura.

Mata (2008) afirma que “a leitura de histórias é uma atividade muito rica e completa, pois permite a integração de diferentes formas de abordagem à linguagem escrita, em geral, e à leitura, de uma forma específica.” (p. 78)

Conforme é referido nas Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, do ME (1997) “as histórias lidas ou contadas pelo educador, recontadas, inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar um texto narrativo que, para além de outras formas de exploração noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler.” (p. 70) O mesmo autor afirma ainda que “é através dos livros, que as crianças descobrem o prazer pela leitura e desenvolvem a sensibilidade estética. (p. 70)

A biblioteca escolar, por norma, é um espaço calmo e agradável, onde os alunos costumam contactar com uma variedade de livros.

A Biblioteca tem um papel decisivo, ao contribuir para que os alunos adquiram as competências relacionadas com o manuseio da informação, e sua posterior transformação em conhecimento que lhes seja relevante, devendo, o corpo docente ser cúmplice do seu desenvolvimento e da sua dinamização.

De acordo com Calixto (1996):

As atitudes pedagógicas dos professores, na sua generalidade, devem ter em atenção a necessidade do uso da Biblioteca. Os alunos devem ser incentivados e encaminhados na utilização da Biblioteca, não como uma actividade marginal ou secundária mas no centro do desenvolvimento curricular (p. 21).

Para Martins e Niza (1998) “a familiarização das crianças com diversos materiais da biblioteca, o olhar para os livros e tentar descobrir o que eles dizem, o manusear diversos suportes contendo texto e imagem, estimula nas crianças o desejo de os conhecer”. (p. 86)

3 de outubro de 2011

Nesta manhã, começámos por ajudar as crianças a vestir o equipamento de ginástica e a levá-las à casa de banho.

Depois de estarem todos prontos para a aula de ginástica, sentaram-se à volta do tapete e a educadora fez um jogo, apelando a dois dos cinco sentidos, a audição e a visão.

De seguida, uma das minhas colegas foi ajudar a educadora a montar o *datashow*, enquanto a outra minha colega e eu ficámos com a turma, cantando algumas canções.

Logo depois, as crianças voltaram a sentar-se no tapete, para que a educadora pudesse contar a história *A Lagartinha Comilona*, de Eric Carle, adaptada em *Powerpoint*.

Terminada a história, as crianças foram para a ginástica.

Inferências e Fundamentação Teórica

O jogo é sem dúvida muito importante para a aprendizagem da criança pois, através dele, o momento de aprendizagem torna-se alegre e motivador.

Bartolomeis (1968) afirma que “Quando se descobriu que o jogo é o trabalho da criança, portanto actividade muito séria que é necessário não só permitir mas também favorecer, deu-se um enorme passo em frente na compreensão das

exigências da infância.” (p. 82) O mesmo autor afirma ainda que “Também no jogo se encontram diversamente empenhados os instrumentos intelectuais, as capacidades sociais, a elaboração simbólica, a destreza senso motriz, as qualidades de carácter.” (p. 81)

Cordeiro (2007) declara que é:

através da brincadeira espontânea ou do jogo mais estruturado, só ou com outros meninos que aprenderá a utilizar uma linguagem e comunicação cada vez mais simbólica, organizadas e amplas. É o brincar que também lhe facilitará a aquisição de conhecimentos, o equilíbrio de tensões e a catarse de emoções e sentimentos difíceis. (p.329)

A estratégia utilizada pela docente foi diferente da habitual. Normalmente, as crianças estão habituadas a ouvir contar histórias e a ver as imagens do livro, quando a educadora as mostra. Desta vez, as crianças podiam estar constantemente a olhar para as imagens que iam aparecendo ao longo da leitura, em ponto grande, tornando aquele momento mais atrativo. As crianças estiveram sempre atentas e motivadas a ouvirem a história.

Cury (2004) afirma que:

educar é contar histórias. Contar histórias é transformar a vida na brincadeira mais séria da sociedade. A vida envolve perdas e problemas, mas deve ser vivida com optimismo, esperança e alegria. Pais e professores devem dançar a valsa da vida como contadores de histórias. (p.132)

Ao ler e/ou contar histórias para as crianças, a educadora está não só a incutir nos alunos hábitos de leitura, como também a enriquecer o vocabulário das crianças.

4 de outubro de 2011

A educadora iniciou a manhã, contando a história “*Matilde – Vasco vai ao bacio*”, da autora Mary Katherine Martins e Silva. No final desta, dialogou um pouco com as crianças sobre o tema falado anteriormente.

De seguida, sentou as crianças nas mesas e pediu a cada estagiária que se sentasse em cada mesa, para ajudarmos as crianças a realizar uma proposta de trabalho. Esta consistia em desenhar a “Figura Humana”. Enquanto isso, a educadora estava sentada com um pequeno grupo de crianças, para preencher a grelha de avaliação, referente à contagem.

Após terminarem a proposta de trabalho, as crianças pintaram um desenho referente à Área de Projeto “A Natureza”.

Inferências e Fundamentação Teórica

Na sala de aula, a educadora lê, quase todos os dias, uma história para as crianças, pois defende que estimula a imaginação e a memória das crianças, para além de estimular o modo de conversação da criança e de aumentar o seu vocabulário. Segundo as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, do ME (1997), “a aquisição de um maior domínio da linguagem oral é um objetivo fundamental da educação pré-escolar, cabendo ao educador criar as condições para que as crianças aprendam.” (p. 66)

É indispensável que os educadores criem momentos dedicados à leitura de histórias com as crianças. Estas, desde muito cedo, ao terem contacto direto com o livro, começam a ganhar gosto e hábitos de leitura.

A arte de ler não pertence a uma etapa concreta da nossa vida, mas acompanha-nos sempre, em todos os momentos e lugares, assumindo uma série de papéis, que vão mudando, mas que nunca perdem a sua importância.

Segundo as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, do ME (1997), “o desenvolvimento da motricidade fina insere-se no quotidiano do jardim-de-infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objectos”. (p.59)

O exercício de agarrar no lápis e desenhar de forma correta é uma ótima preparação para o ato da escrita.

O desenho é um pouco banalizado por ser uma atividade de acesso fácil, pois nem sempre é utilizado de uma forma pedagógica, mas sim como uma ocupação de tempo livre para a criança. A educadora, ao dar oportunidade às crianças de escolherem o desenho como forma de se expressarem livremente, tendo como base um tema explorado em sala de aula, está a desenvolver a imaginação, a criatividade, a motricidade fina da criança.

Segundo Sousa (2003):

os bonecos que desenha expressam a noção que a criança tem do seu próprio corpo (auto-imagem, esquema corporal) e não a sua habilidade para o desenho: primeiro a cabeça e as pernas; depois o corpo; braços saindo inicialmente do meio da barriga e depois correctamente colocados nos ombros; o aparecimento da cintura, do pescoço, etc. (p. 197)

Conforme é citado nas Orientações Curriculares para a o Pré-Escolar, do ME (1997) “não se pode, porém, esquecer que o desenho é uma forma de expressão plástica que não pode ser banalizada, servindo apenas para ocupar tempo. Depende do educador torná-la uma atividade educativa”. (p. 61)

Segundo o mesmo autor:

o desenho é também uma forma de escrita e que os dois meios de expressão e comunicação surgem muitas vezes associados, complementando-se mutuamente. O desenho de um objecto pode substituir uma palavra, uma série

de desenhos permitir “narrar” uma história ou representar os momentos de um acontecimento... (p. 69)

7 de outubro de 2011

Logo de manhã, as minhas colegas e eu ajudámos as crianças a equiparem-se para a ginástica. Apesar de não irem logo de manhã, ficavam já prontas para a aula.

De seguida, os alunos sentaram-se nas cadeiras. Estas encontravam-se organizadas em 3 filas, umas atrás das outras.

A educadora começou por dialogar com as crianças, sobre o tema: corpo humano.

Depois desta breve abordagem sobre o tema, a educadora elaborou uma atividade que consistia em construir um boneco e as suas diferentes partes do corpo, como por exemplo a cabeça, o tronco, os braços, as pernas, o cabelo, os olhos, a boca, o nariz, entre outros.

No início da atividade, pediu a uma criança para se deitar sobre papel de cenário. De seguida, foi pedindo a várias colegas que, com uma caneta, desenhassem, delineando através do corpo do colega, um boneco. Terminando esta fase, pediu a participação de todas as crianças para fazerem as outras partes do corpo. Chamou grupos de duas ou três crianças ao mesmo tempo, para estas desenharem as várias partes do corpo.

De seguida foram para a ginástica.

Inferências e Fundamentação teórica

Ao falar sobre o corpo humano, a educadora vai de encontro às Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) que referem “... conteúdos relativos à biologia, conhecimento dos órgãos do corpo humano, ... podem ser realizadas por crianças do pré-escolar.” (p.81)

Também Martins *et al.* (2007) diz que as ciências devem constar na educação como um elemento importante para a formação de futuros cidadãos cientificamente cultos. Estas aprendizagens permitirão ao cidadão ser crítico das situações que lhe são apresentadas. (p.11)

A estratégia utilizada pela Educadora nesta aula foi extremamente produtiva e apelativa, pois as crianças mostraram-se sempre atentas e entusiasmadas, mesmo quando esperavam pela sua vez para participar.

De acordo com as Orientações Curriculares do Pré-Escolar, do ME, (1997):

A expressão plástica enquanto meio de representação e comunicação pode ser da iniciativa da criança ou proposta pelo educador partindo das vivências individuais ou de grupo. Recriar momentos de uma atividade, aspetos de um passeio ou de uma história, são meios de documentar projetos que podem ser depois analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido e da evolução das crianças e do grupo, servindo também para transmitir aos pais e comunidade o trabalho desenvolvido (p.62).

O mesmo autor refere ainda que “a expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão” (p. 61)

10 de outubro de 2011

A educadora iniciou a manhã, contando a história “*O Gonçalo é desastrado*”. No final desta, dialogou, um pouco, com as crianças sobre a mesma.

De seguida, deu a terceira cor do material 1º Dom de Froebel (cor de laranja). Enquanto trabalhava este material, a educadora abordou também noções espaço-temporais, o conceito de cheio/vazio e transparente/opaco.

Para concluir esta manhã, as crianças sentaram-se à mesa, nos seus respetivos lugares, para realizarem uma proposta de trabalho, que consistia em pintarem uma cenoura da cor aprendida anteriormente.

Inferências e Fundamentação teórica

A leitura de histórias às crianças tem um papel exponencial no desenvolvimento das competências linguísticas das crianças e quanto mais cedo melhor.

Para Mata (2008)

a leitura de histórias não só apoia a construção de sentido em torno da escrita, como também enriquece a interação da criança com a leitura.” Se a criança tiver livros que lhe deram prazer de escutar ao serem lidos por um adulto vai com certeza ter vontade de aprender a ler, e gostar de ler sozinha os livros que mais lhe agradam (p. 80).

Segundo as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, do ME (1997) “é através dos livros, que as crianças descobrem o prazer pela leitura e desenvolvem a sensibilidade estética. Por isso, os livros devem ser escolhidos segundo critérios de estética literária e plástica.” (p. 70)

As crianças contactam com o mundo da matemática ainda antes de frequentarem a Educação Pré-Escolar. Moreira e Oliveira (2003) são defensoras desta ideia e declaram “as crianças não só possuem um conhecimento informal e intuitivo da

matemática antes de chegarem à educação pré-escolar, como também têm um pensamento matemático complexo”. (p. 40)

Não é apenas dentro da sala de aula que a criança toma contacto com a realidade matemática, o mesmo acontece no seu dia-a-dia, mesmo sem a criança se aperceber.

11 de outubro de 2011

A manhã teve início com os alunos sentados em forma de “U”, no tapete, e com a educadora sentada à sua frente, para trabalhar com o material 1º Dom de Froebel. Durante a aula abordou vários temas, como as cores e novamente as noções espaço-temporais. Enquanto falava com os alunos sobre esses temas, a educadora ia realizando exercícios com as crianças, sobre os mesmos, como alguns exemplos que vou citar:

- “Coloca uma bola amarela em cima de uma cadeira de mesma cor.”
- “Coloca uma bola cor de laranja à frente do “João”.”
- “Coloca uma bola amarela perto da “Sofia”.”
- “Coloca uma bola cor de laranja longe da “Catarina”.”

De seguida, a educadora referiu algumas lengalengas, as quais os alunos iam repetindo de diferentes maneiras, como a saltar, a falar baixinho, a gritar, a cantar, entre outras.

Inferências e Fundamentação teórica

Segundo Mendes e Delgado (2008) “a observação e manipulação de objectos permite desenvolver capacidades de visualização espacial.” (p. 12)

A atividade que a educadora realizou com as crianças, para estas localizarem e posicionarem os objetos em determinado sítio em relação às caixas ou em relação aos seus colegas, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) mencionam, que é através da “consciência da sua posição e deslocação no espaço, bem como da relação e manipulação de objetos que ocupam o espaço, que a criança pode aprender o que está longe e perto, dentro, fora e entre, aberto e fechado, em cima e em baixo” (p. 73).

Este é um material que, quando é bem utilizado por parte do docente, é um ótimo recurso para o progresso da inteligência espacial.

De acordo com Antunes (2005), “o estímulo da inteligência espacial pode ser promovido de diferentes maneiras e, para cada faixa etária, existem estratégias correspondentes.” (p. 30)

14 de outubro de 2011

A Educadora iniciou o dia com a Área do Domínio da Matemática, trabalhando o material Blocos Lógicos. Durante a aula, abordou o atributo da cor, utilizando vários objetos presentes na sala, para melhor compreensão das crianças.

De seguida, foram para a aula de ginástica. Terminada a aula de ginástica, as crianças foram, com a educadora e com as estagiárias, para o recreio.

Inferências e Fundamentação teórica

Os Blocos Lógicos são um material estruturado, manipulável. Este material é constituído por quarenta e oito peças, que estão divididas em formas diferentes (quadrangular, retangular, triangular e circular), cores (azul, amarelo e vermelho), espessura (grosso, fino) e tamanho (grande, pequeno). Ao trabalharmos este material, desenvolvemos na criança a capacidade de raciocínio, formas de pensamento, o tamanho, cor, espessura e forma.

Segundo Caldeira (2009), “muitas relações lógicas são construídas pelas próprias crianças quando lidam com critérios e atributos. As noções de critério envolvem a coordenação de relações lógicas entre atributos, na medida em que estas podem ser combinadas”. (p. 364)

Depois, a educadora, através deste material manipulável, ensinou alguns conteúdos programáticos, como as cores e, posteriormente, permitiu que todas as crianças tivessem a oportunidades de explorar o material livremente.

Caldeira (2009) afirma que

num primeiro contato com os Blocos Lógicos a criança usa-os como jogos de construção, tomando como referência a experiência que tem da realidade. Ao proceder assim a criança enriquece o campo da sua percepção estruturando o espaço na horizontal e na vertical, descobrindo certas leis do equilíbrio. É necessário apresentar as situações das actividades e as regras dos jogos de forma clara e apropriada à idade e capacidade das crianças. (p.364)

17 de outubro de 2011

Hoje foi o dia de uma das minhas colegas dar aula durante toda a manhã. Começou por sentar as crianças no tapete, em filas, como se estivessem no cinema, para assistirem à história “Pequeno Azul e Pequeno Amarelo”, de Leo Lionni, contada pela minha colega, com o auxílio de um *Powerpoint*.

Terminada a história, conversou um pouco com as crianças sobre a mesma.

De seguida, foi com estas para o coreto, que se encontra num dos recreios. Já no coreto, a minha colega sentou as crianças em roda, nas “almofadinhas”, e dialogou sobre as cores, lembrando a história que tinham ouvido anteriormente.

Depois, pediu as crianças para identificar algumas cores, fazendo-as corresponder a alguns frutos.

Para terminar e concluir a sua aula, a minha colega realizou o jogo da memória, com as cores. Para a realização deste colocou várias peças (com duas peças sempre da mesma cor) e pediu às crianças para olharem durante um certo tempo, e com muita atenção, para as peças.

De seguida virava-as todas para baixo, para não se ver a cor, e as crianças tinham de virar duas peças de cada vez, com a mesma cor. No fim do jogo lembrou novamente as cores.

Inferências e Fundamentação teórica

Para contar a história, a minha colega utilizou o auxílio de uma apresentação em *Powerpoint*.

Segundo Borrás (2002),

os contos também podem ser contados por meio de outros suportes, como sombras-chinesas, marionetas, diapositivos, cassetes ou CD, vídeo ou programas interativos de computador. Qualquer método pode ser adequado se for bem preparado e se forem analisadas as vantagens e as limitações. (...) É necessário controlar que o material seja de boa qualidade e também a sua reprodução, que as imagens sejam nítidas e as vozes claras. (p.401)

Ao levar as crianças para o recreio, quebrou um pouco a rotina, o que as levou a ficarem mais entusiasmadas e mais curiosas do que iam fazer.

Tal como refere Zabalza (1998):

costuma-se dizer que uma das tarefas fundamentais de um professor(a) de Educação Infantil é saber organizar um ambiente estimulante e possibilitar às crianças que assistem a essa aula terem inúmeras possibilidades de ação, ampliando, assim, as suas vivências de descobrimento e consolidação de experiências (p. 53).

Como consolidação da matéria dada, a minha colega realizou um jogo com as crianças.

Segundo Jesus (2002), “é através do Jogo que a criança descobre o mundo que a rodeia, se integra na sociedade e com ela se relaciona e, (...) realiza as suas experiências” e “aprende jogando e dessa forma o Jogo vai influenciar decididamente a sua personalidade.” (p. 61).

18 de outubro de 2011

Hoje foi o dia de uma colega dar aula durante toda a manhã.

Começou por sentar as crianças no tapete, para contar a história “*Adivinha o quanto gosto de Ti*”. Antes de ler a história, começou por falar na capa do livro e dos animais que faziam parte desta. Durante a história, a minha colega interagiu com as crianças. Ao terminar a história falou sobre “gostar das outras pessoas” e sobre a amizade, com as crianças.

De seguida, a educadora sentou-se com as crianças, nas cadeiras, mas também estas organizadas em forma de “U”. Depois de estarem todos calmos e sentados, a educadora colocou no centro, no chão, onde todas as crianças pudessem ver, a caixa do material 1º Dom de Fröebel e material não estruturado (escovas de dentes de grandes dimensões). De seguida, e com o auxílio destes materiais, a educadora começou por trabalhar, com as crianças, noções espaço-temporais. Para isso, foi elaborando alguns exercícios com as mesmas, como os exemplos que passo a citar:

- Pedia a uma criança para vir tirar uma bola à sua escolha, de seguida, perguntava-lhe qual a cor da bola que tinha retirado da caixa e, por fim, pedia para esta ir colocar a bola junto de uma escova de dentes da mesma cor.
- Pedia a uma criança para tirar uma bola amarela da caixa e, de seguida, pedia-lhe para a colocar de baixo de uma mesa amarela.

Depois de alguns exercícios, sobre as noções espaço-temporais, a educadora começou por perguntar alguns exercícios sobre o domínio da Matemática, perguntando às crianças o número de escovas de dentes de cada cor.

Inferências e Fundamentação teórica

O tapete é um espaço na sala de aula, onde os alunos se reúnem em grupo para ouvir histórias, cantar ou conversar sobre assuntos do quotidiano. Por esta razão, este espaço é, a meu ver, um local de grande importância, uma vez que os alunos interagem entre si e com a educadora, partilhando vivências e comunicando, desenvolvendo, desta forma, o conceito de “sociedade”.

A forma como o professor comunica é bastante importante pois influencia o processo de aprendizagem de forma direta. De acordo com Carvalho (2002) “a comunicação (tomada em sentido amplo) é o instrumento que possibilita a emissão e recepção de informação, a expressão de sentimentos e opiniões, a concretização de atitudes, atravessando, assim, toda a actividade”. (p. 173)

O recurso a materiais manipuláveis, para a compreensão de um novo tema ou conteúdo, é fundamental.

Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999) afirmam que “para haver uma apropriação de novas ideias e novos conhecimentos, não basta que o aluno participe em actividades concretas, é preciso que ele se envolva num processo de reflexão sobre as actividades”. (p. 73)

21 de Outubro e 2011

A manhã iniciou-se com algumas aulas surpresa a várias colegas que se encontravam a estagiar no 1º Ciclo do Ensino Básico, e a uma colega que se encontrava a estagiar no Pré-Escolar, no bibe encarnado.

Nesta manhã, as minhas duas colegas de estágio e eu fomos assistir à aula dada na sala dos 4 anos. A Professora Orientadora de Estágio entregou-lhe um livro de histórias que se chamava *O Ratinho Torto* e pediu-lhe para a contar às crianças e fazer uma atividade de Estimulação à Leitura. A aula foi dada no salão.

A minha colega começou por sentar as crianças em forma de “U” e de seguida, acendeu uma vela e colocou à sua frente no chão. Antes de começar a história, apelou à imaginação das crianças e fez com que estas fizessem de conta que estavam a entrar para um castelo.

Terminada a história, pediu às crianças para cantarem a música do “Coelho Alberto”.

De seguida, as crianças foram para a ginástica e as estagiárias para a reunião de estágio, que se realiza sempre depois das aulas assistidas.

Inferências e Fundamentação teórica

Tal como acontece todos os dias em que há aulas surpresas com as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica, hoje também houve reunião, após finalizadas as aulas pedidas.

Para Severino (2007):

a supervisão da prática pedagógica deverá, assim, constituir-se como um contributo para o percurso de desenvolvimento pessoal e profissional dos

alunos-formandos recorrendo, para o efeito, a estratégias de formação de carácter dinâmico, verdadeiramente construtivo e formativo, no sentido da promoção, entre todos os intervenientes, de uma comunicação efectiva e problematizante, de modo a que os mesmos se tornem não só mais flexíveis, mais seguros e preparados para auto-dirigirem as suas aprendizagens, mas também mais imbuídos de uma curiosidade perscrutadora e inquietante, que se traduza numa atitude de questionamento socrático e de reflexão permanente. (p.44)

Estas reuniões com as orientadoras de estágio são muito importantes para nós, estagiárias, pois auxiliam-nos sobre as possíveis estratégias a adotar nas aulas lecionadas, a adotar uma postura mais segura de nós mesmos e também na reflexão que fazemos da nossa própria postura.

Para Tavares e Moreira (citados por Severino, 2007), a formação “deverá ser um processo de construção de conhecimento e de personalidade proporcionador de atitudes críticas, no contexto da realidade educativa, que não pode ser alheio a uma perspectiva de intervenção social.” (p. 40)

24 outubro de 2011

Hoje o dia começou com a aula programada da minha colega. Nestas aulas, uma ou duas professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica assistem.

A minha colega começou por sentar as crianças no tapete em forma de “U”. À sua frente, colocou um sofá (feito de cartolina) com vários animais (também estes feitos de cartolina). Depois de estar tudo preparado, começou a contar a história “*Todos no Sofá*”. Terminada a história, a minha colega falou com as crianças sobre a mesma e de seguida, utilizando o mesmo material, iniciou a aula do Domínio da Matemática, em que trabalhou a associação à quantidade.

Por fim, deu uma aula de Conhecimento do Mundo, onde trabalhou uns dos cinco sentidos: o olfato. Para trabalhar este tema com as crianças, primeiro falou sobre o mesmo e, depois, deu-lhes a cheirar vários alimentos (café, limão, cebola e vinagre).

Inferências e Fundamentação teórica

A aula de Conhecimento do Mundo foi um momento divertido, pois todos queriam cheirar os alimentos. Todos estavam entusiasmados com a atividade, julgo que o facto de fugir das suas rotinas ajudou a estimular as crianças.

Para Reis (2008), a educação em Ciências nas primeiras idades “pode ser definida como o estudo, a interpretação e a aprendizagem sobre nós mesmos e o ambiente que nos rodeia, através dos sentidos e da exploração pessoal”. (p. 15)

Tal como se realizam as reuniões de supervisão nos dias de aulas surpresas, também estas se realizam no dia de aulas programadas.

Alarcão e Roldão (2008) referem ainda que a supervisão prepara os formandos para “a actuação em situações complexas, a exigir adaptabilidade; a observação crítica; a problematização e a pesquisa; o diálogo; a experiencição de diferentes papéis; o relacionamento plural e multifacetado e o autoconhecimento relativo a saberes e práticas.” (p. 54)

Como tal, o apoio do supervisor é essencial para adquirir conhecimentos úteis para a prática profissional.

25 de outubro de 2011

Hoje foi o dia da minha aula programada.

Para a área de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, sentei-os em forma de “U” no tapete. Acendi duas velas e contei a história do “*Ovo do Ivo*”. Durante a leitura da história, trabalhei também, com as crianças, as cores, contagem e algumas noções espaço-temporais.

Depois da leitura, retirei do saco algumas personagens da história lida anteriormente (feitas em cartolina) para trabalhar algumas noções de lateralidade, tais como: em cima, em baixo, dentro, fora, entre outras.

De seguida, pedi às crianças que mudassem de lugar, sentando-se nas cadeiras, para iniciar a aula de Conhecimento do Mundo, em que o tema da aula foi o tato. Distribui, por cada uma, um saco amarelo, que continha 4 objectos com texturas diferentes (cartolina, papel canelado, lã e lixa). A aula consistia em as crianças tirarem do saco, sem verem, só sentindo, o material com a textura que era pedida.

No final da aula, cantámos uma canção alusiva ao tema da história, lida anteriormente, “Pintinho, Pintinho”

Inferências e Fundamentação teórica

Foi a primeira vez que dei aula na sala dos 3 anos e estava um pouco receosa. Na Estimulação à Leitura, o meu objetivo era que as crianças participassem, ao mesmo tempo que eu estava a contar a história, para a tornar mais dinâmica.

Optei por mudá-los de espaço físico durante as aulas pois sendo muito novos, o seu poder de concentração é reduzido, o que poderia fazer com que as crianças ficassem cada vez mais inquietas. De acordo com Hohmann e Weikart (2004) “o ímpeto para aprender surge, claramente, de dentro da criança”, mas um docente não

se pode deixar dominar somente pela vontade da criança, deve criar estratégias adequadas que aliciem o seu interesse por aquilo que se vai fazer, como por exemplo, mudá-los de espaço físico ou jogar com o fator surpresa. (p. 23)

Segundo Zabalza (2001), “uma das variáveis fundamentais da estruturação didática da escola infantil é a organização de contextos adequados de aprendizagem, de espaços que promovam a alegria (...)”. (p. 119)

Optei também por fazer o jogo “O rei manda”, durante a mudança de espaço, para quebrar um pouco a aula, fazendo com que as crianças pulassem, batessem palmas, estalassem os dedos, gastando um pouco as energias.

Durante a aula do Conhecimento do Mundo, permiti que todas as crianças tocassem nos objetos e explorassem as diferentes texturas, dialogando um pouco sobre as mesmas e tirando várias conclusões. É importante deixar a criança estabelecer contacto com a nova aprendizagem e, sempre que possível, deve deixar-se as crianças explorar, através dos sentidos, o que se está a ensinar, pois o cérebro assimila toda a informação sensorial, proporcionando uma aprendizagem significativa.

Como aponta Jensen (2002) “o mundo exterior é um verdadeiro alimento para o cérebro em crescimento. Absorve os cheiros, os sons, as visões e o toque, e volta a reunir a informação em incontáveis conexões neuronais”. (p. 54)

Quanto à música cantada no final da aula, Sousa (2003) afirma que “o objetivo da educação pela música é a criança, a sua educação, a sua formação como ser, como pessoa, o desenvolvimento equilibrado da sua personalidade” (p. 18); considera ainda que, para isso, “não é necessário o professor ter conhecimento de escrita musical nem saber tocar qualquer instrumento para se poder proporcionar à criança meios e motivações para desenvolver o seu sentido musical e satisfazerem neste domínio as suas necessidades de expressão e criação”. (p.18)

31 de outubro de 2011

Hoje foi dia de *Roullemant*.

Nestes dias, as duas salas com a mesma faixa etária juntam-se, pois só uma das educadoras é que vem ao jardim-escola. Como eramos cinco estagiárias numa sala, a educadora pediu-nos ajuda para organizar e cortar alguns trabalhos. As outras duas colegas sentaram-se com as crianças no tapete, enquanto uma delas leu a história “*O Gonçalo é desastrado*”.

Depois de terminar a leitura da história, as crianças sentaram-se nas mesas e puderam brincar com plasticina, que já se encontrava em cada um dos lugares.

Por fim, foram para o recreio, onde permaneceram até à hora de almoço.

4 de novembro de 2011

Hoje o dia teve início com uma aula dada pela educadora, sobre o material *Blocos Lógicos*. Com as crianças sentadas à volta do tapete, a educadora espalhou no chão o material.

De seguida fez alguns exercícios matemáticos, em relação à cor e à contagem dos mesmos.

Por fim, a educadora falou de outros dois atributos em que as peças se diferenciam, do tamanho e na espessura, dando exemplos. A educadora terminou esta aula fazendo alguns exercícios com as crianças com por exemplo:

- Pedir a uma criança que vá buscar uma peça de espessura fina, de cor amarela e uma peça de espessura grosso, de cor encarnada.
- Pedir a uma criança que vá buscar duas peças azuis de espessura fina e de tamanho pequeno.

Para concluir a aula, a educadora solicitou a uma criança que fosse guardar todas as peças encarnadas na caixa, de seguida pediu a outra criança que fosse arrumar, na caixa, todas as peças amarelas e, por fim, pediu a outra criança para arrumar, na caixa, todas as peças azuis.

Inferências e Fundamentação teórica

Durante a aula do Domínio da Matemática, os alunos tiveram como principal objetivo classificar e identificar as peças que constituem o material Blocos Lógicos, através dos seus atributos (cor, tamanho e espessura).

De acordo com Mendes e Delgado (2008): “é importante que as crianças sejam envolvidas em atividades nas quais tenham de observar e manipular objectos com várias formas geométricas, de modo a irem desenvolvendo a capacidade de reconhecer essas formas.” (p. 10)

Para Moreira e Oliveira (2008):

saber classificar requer que a criança seja capaz de incluir um objeto num conjunto atendendo a determinadas propriedades. Para isso, a criança tem de conseguir identificar propriedades nos objetos à sua volta. É importante que se aperceba que, por vezes, é possível classificar de diversos modos, de acordo com as propriedades. (p.42)

1.2. 2.ª Secção: Estágio na sala dos 4 anos

1.2.1. Período de Estágio: 7 de novembro a 16 de dezembro de 2011

1.2.2. Caracterização do grupo:

A turma da sala dos 4 anos é composta por 28 crianças, 15 do género feminino das quais 4 têm quatro anos e 11 têm cinco anos e 13 do género masculino das quais 6 tem quatro anos e 8 têm cinco anos (em Setembro de 2011). Uma destas crianças frequenta pela primeira vez este jardim-escola.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim Escola, que fomenta a organização do ambiente educativo de modo a que a criança se relacione consigo própria, com os outros e com o mundo. Pressupõe, igualmente o desenvolvimento de valores e atitudes, favorecendo a formação e a inserção da criança na sociedade como ser autónomo, livre e solidário. A educadora estabelece uma relação individualizada com cada criança facilitadora da sua inserção no grupo e da sua relação com as outras crianças. Essa relação implica a criação de um ambiente seguro, em que cada criança conhece e onde se sente valorizada.

A nível afetivo-emocional a grande maioria das crianças demonstra um temperamento equilibrado, expansivo, extrovertido, comunicativo e alegre. Gostam de receber e de corresponder a trocas afetivas.

De uma forma geral as crianças desta turma demonstram motivação e interesse pelas diversas aprendizagens. São muito participativas, interessadas e colaborativas e alguns alunos possuem grande capacidade imaginativa e criativa.

1.2.3. Caracterização do espaço:

As crianças de 4 anos têm, maioritariamente, as suas aulas no salão. Este espaço é dividido com a outra turma desta faixa etária. No meio dos espaços destinados às duas turmas encontra-se uma área ampla, onde as crianças do Pré-Escolar se reúnem de manhã durante o acolhimento. É um espaço amplo e bem iluminado. Está decorado com trabalhos realizados pelas crianças, fotografias destas a realizar uma determinada atividade e alguns projetos da turma.

A sala é composta por quatro mesas hexagonais, onde as crianças realizam maioritariamente as suas tarefas.

O salão é um local de passagem para as outras salas do Pré-Escolar e ainda para o refeitório, por isso algumas vezes acaba por existir barulho.

Por vezes, passam algumas crianças, não só para se dirigirem às casas-de-banho mas, também, para irem buscar materiais, pois no salão também se encontram armários com os materiais manipulativos de Matemática, que são usados não só pelos alunos do Pré-Escolar, mas, também, pelos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

1.2.4. Rotinas:

As rotinas diárias das crianças desta faixa etária são semelhantes às referidas anteriormente. Quando chegam ao Jardim-Escola, as crianças são recebidas pela educadora ou por uma auxiliar de educação que as encaminha para a “roda das canções”. Segundo Ferreira e Santos (1994), “uma canção, uma história, o espaço das novidades ou um jogo que promova a convivialidade e a coesão do grupo são certamente algumas das formas agradáveis de receber os alunos.” (p.42)

Terminadas as canções, por volta das 9h30m as crianças vão à casa de banho e depois iniciam as suas atividades.

Às 10h30m vão ao intervalo, regressam para a sala às 11h, onde ficam a trabalhar até às 12h.

Às 12h vão para o almoço.

Ao contrário das crianças de 3 anos, estas, depois do almoço, não fazem a sesta, pois dirigem-se para o exterior para mais uma pausa, o recreio, onde brincam livremente.

De acordo com Cordeiro (2007), “o recreio é um espaço da maior importância. Nesta idade, representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos.” (p.377)

1.2.5. Horário:

Tal como acontece em todas as outras salas, o horário desta está estipulado entre as 9h e às 17h. Contudo, durante o período matinal (entre as 9h e as 12h), são trabalhadas as áreas curriculares de Expressão e Comunicação:

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática, Conhecimento do Mundo, Educação Física e Formação Cívica. O período da manhã termina com o almoço, que ocorre entre as 12 e as 13 horas. Na parte da tarde, as crianças têm Expressão Dramática e Corporal, Estimulação à Leitura, Educação

Relatório de Estágio Profissional

Musical, Biblioteca, Expressão Plástica com: picotagem, carimbos, dobragens, digitinta, entre outras atividades.

De seguida, apresento o horário desta sala facultado pela Educadora, para que seja possível observar de uma forma mais descrita todas as atividades praticadas pelos mesmos.

Relatório de Estágio Profissional

Quadro 6 – Horário da sala dos 4 anos

Sala dos 4 anos	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00	Acolhimento/Canções de Roda				
9.30-10.00	Iniciação à Matemática (Dons de Froebel)	Iniciação à Matemática (contagem/material alternativo)	Iniciação à Matemática (Geoplano/ Tangram/Calculador es Multibásicos)	Iniciação à Matemática (Cuisenaire)	Iniciação à Matemática (Blocos lógicos/ Diagramas/ Conjuntos/ Sequências)
10.00-10.30	Descobrir o que se sabe	Formação cívica	Grafismos	Formação cívica	Trabalhos de Grupo
10.30-11.00	Recreio	Partilha de Saberes	Recreio	Ginástica	Recreio
11.00-11.30	Conhecimento do Mundo	Ginástica	Conhecimento do Mundo	Música	Conhecimento do Mundo
11.30-12.00	Jogos de Roda/Higiene e preparação para o almoço				
12.00	ALMOÇO				
12.30-14.30	Recreio (livre e orientado)				
14.30-15.00	Expressão Dramática	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica (pinturas/digitinta/ carimbos)	Atividades Gráficas (ditados/desenhos de série)	Descoberta dos pequenos cientistas
15.00-15.30	Área Projeto	Expressão Plástica (desenho livre/ilustrações)	Jogos de mesa e Plasticina/modelagem		Estimulação à Leitura
15.30-16:00	Dobragens/ Entrelaçamentos/ Enfiamentos/ harmónios	Atividades nos cantinhos/Jogos de tapete	Picotagem/contorno/ rasgagem/ recorte colagem	Jogos tradicionais	Expressão Corporal
16:00-16.25	Lengalengas/destrava línguas e adivinhas	Expressão Dramática/ Biblioteca	Rimas/Poesias	Rimas/Poesias	Reflexão semanal
16:25-16.45	Lanche				
16.45-17.00	Despedidas				

Horário sujeito a alterações

Relatos Diários

7 de novembro de 2011

Hoje foi o primeiro dia na sala dos 4 anos. Quando chegámos ao salão, a educadora apresentou-nos à turma. Logo de seguida chegaram as Professoras Orientadoras para mais umas aulas-surpresa. Uma Professora Orientadora de Estágio pediu-me para voltar à sala dos 3 anos, onde tinha estado anteriormente, e entregou-me um livro de histórias, que se chamava “*Que dia tão bonito*” e pediu-me para contá-la às crianças e fazer uma atividade de Estimulação à Leitura.

Depois de pensar numa estratégia e ver as imagens do livro, pedi às crianças para se sentarem no tapete, em forma de “u”.

Iniciei a minha leitura, passando imagem a imagem, contando a história pedida. Durante a leitura, todas as crianças estavam atentas e, assim que terminei, cantei a música do *Coelhinho branco*.

No final das aulas-surpresa, realizou-se a reunião com todas as alunas e com todas as Professoras Orientadoras.

Inferências e Fundamentação teórica

As aulas-surpresa são ótimos momentos de aprendizagem, que nos permitem perceber onde errámos, e em quais os aspetos poderemos melhorar, contribuindo assim para nos tornarmos profissionais mais competentes.

Na minha aula surpresa falharam alguns aspetos. Um desses foi a forma como contei a história, pois, com os nervos, acabei por me esquecer de fazer inflexões de voz. É fundamental, para o sucesso de uma leitura e durante toda a história, conseguir cativar as crianças e fazer com que estas tenham interesse até ao fim; para isso, e segundo Figueiredo (s.d) “dar vida às personagens por meio de diálogos.” (p. 109) é um aspeto muito importante na leitura, aspeto esse que deixei passar na minha aula.

Poderia também ter feito mais interdisciplinaridade, pois tanto a história como as imagens do livro eram bastantes apelativas e criativas.

Durante a reunião, foram referidos os aspetos positivos e os aspetos a melhorar das aulas que foram dadas. Estas reuniões são bastante importantes, pois permite-nos refletir sobre o que fazer para melhorar o nosso desempenho à frente da turma, pois o diálogo que estabelecemos com os professores cooperantes, com as colegas de estágio e com as professoras da Prática Pedagógica, permite-nos evoluir enquanto futuros docentes.

Segundo Alarcão e Tavares (1987), “no diálogo construtivo que se estabelece entre pares e entre os professores e supervisores, todos são parceiros da mesma comunidade profissional, interessados em inovar e provocar mudanças nos contextos educativos.” (p.41)

Schön (1987, citado por Pacheco e Flores, 1999) afirma que a prática não se aprende sozinho:

quando alguém aprende uma prática é iniciado nas tradições de uma comunidade de praticantes e no mundo da prática que habitam. Aprende as suas convenções, constrangimentos, linguagens e sistemas apreciativos, os seus repertórios de exemplares, conhecimento sistemático e modelos do saber-em-ação. Pode fazê-lo de diferentes maneiras. Raramente pode aprender a prática sozinho, como alguém aprende carpintaria ou caça. Pode tornar-se num aprendiz dos praticantes seniores, como muitos comerciantes, operários industriais e profissionais o fazem. (p.28)

8 de novembro de 2011

A educadora iniciou a manhã de atividades com uma aula do Domínio da Matemática, em que se utilizou o material Blocos Lógicos.

A educadora começou por relembrar os atributos deste material, colocando questões às crianças. De seguida fez duas tabelas de dupla entrada no quadro. Na primeira tabela, as crianças tinham de associar a cor à forma e na segunda tabela, tinham de associar a quantidade à cor. A educadora chamava uma criança de cada vez para ir ao quadro realizar aquilo que era pedido.

Terminada a aula do Domínio da Matemática, as crianças foram para o recreio. De volta ao salão, a educadora levou as crianças para a biblioteca, para iniciar a aula de Conhecimento do Mundo sobre os Planetas e o que existia no Universo.

Inferências e Fundamentação teórica

Este material é muito particular, pois as peças que o constituem possuem quatro atributos. Ao ser explorado um material manipulativo, é muito importante, todas as crianças terem acesso ao mesmo, uma vez que este é essencial no processo de aprendizagem e, segundo Turrioni (2004, citado por Caldeira 2009) “facilita a observação e análise, desenvolve o raciocínio lógico, crítico e científico, é fundamental e é excelente para auxiliar ao aluno na construção de seus conhecimentos”. (p. 18)

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, do ME (1997) “a construção de noções matemáticas tem como ponto de partida as atividades espontâneas e lúdicas.” (p. 73)

A biblioteca do Jardim-Escola foi o local escolhido pela educadora para a aula de Conhecimento do Mundo porque, depois da hora do recreio, o salão está sempre mais agitado, por ser um local de passagem de todas as outras turmas, tanto para a casa de banho como para o recreio.

11 de novembro de 2011

Nessa manhã, as crianças estavam todas sentadas às mesas, enquanto a educadora distribuiu, por cada uma, um pequeno arco e, no centro de cada mesa colocou vários botões, para falar com as crianças sobre *conjuntos*. Quando a educadora começou a aula, as minhas duas colegas e eu fomos chamadas para ir assistir a uma aula surpresa de outra colega, no bibe amarelo.

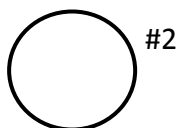
Foi pedido a essa colega, uma estimulação à leitura com a história “*O Ratinho Torto*”.

Terminada a aula, voltámos para o salão, onde se encontrava o bibe encarnado. A educadora estava a falar sobre o sinal cardinal (#) e o seu significado em relação aos conjuntos.

Enquanto explicava, escrevia e desenhava os sinais no quadro.

Para consolidar a matéria dada, fez alguns exercícios no quadro, com as crianças, como por exemplo:

- Olhando para o que está no quadro, pedir a uma criança que desenha o número de elementos.



Depois de realizar alguns exercícios no quadro, pediu a todas as crianças que, com os botões e com o arco que tinham em cima da mesa, representassem alguns conjuntos que esta ia dando, através de algarismos, que ia dando ou através do número de palmas, que ia batendo.

Por fim, explicou também às crianças, como se chamava um conjunto com apenas um elemento (conjunto singular) e um conjunto com zero elementos (conjunto vazio).

Terminada esta aula, os alunos foram para a cerâmica, e depois para o recreio, onde permaneceram até à hora de almoço.

Inferências e Fundamentação teórica

Este material não estruturado apresentado às crianças pela educadora, foi utilizado para trabalhar a teoria de conjuntos.

Caldeira (2009) refere que “a um qualquer número de elementos de uma determinada espécie dá-se o nome de conjunto. Esses elementos podem ser um número finito ou infinito. Assim um grupo de objetos, pessoas e animais constitui um conjunto”. (p. 382)

Zabalza (1998) defende que as crianças começam desde cedo a “reunir os objetos, agrupando-os de uma forma que tem muito a ver com as suas semelhanças e diferenças.” (p. 200)

O material em questão pode ser agrupado de diversas formas, de acordo com os seus atributos (por exemplo: cor e tamanho). Caldeira (2009) refere que “para que um conjunto seja formado é necessário que seja estabelecido o critério. Os elementos do conjunto são analisados quanto aos seus atributos, isto é, tendo em atenção as suas características.” (p. 364)

14 de novembro de 2011

A manhã teve início com as crianças sentadas nas suas mesas, e com a educadora a distribuir, por cada uma, o material Geoplano.

Antes de iniciar a aula com este material, a educadora falou um pouco com as crianças sobre a visita de estudo ao teatro, que iam realizar no dia seguinte. Terminada a conversa, a educadora faz algumas perguntas sobre o mesmo.

De seguida começou a “desenhar”, com os elásticos, algumas figuras geométricas, fazendo algumas perguntas como por exemplo:

- “Que figura está representada no Geoplano?”
- “Porque é que é um quadrado?”
- “E se tivesse os lados iguais dois a dois, como se chamava a figura?”

Logo depois, perguntou às crianças o que tinham no centro das suas mesas (ao que elas responderam serem os elásticos) e em que é que se diferenciavam uns dos outros (cor e tamanho).

Antes de começarem a trabalhar com o Geoplano, a educadora lembrou duas regras importantes da sua utilização. Depois, realizou alguns exercícios com as crianças em que trabalhou linhas verticais e horizontais.

Logo depois, pediu às crianças para fazerem diferentes figuras geométricas.

Para terminar a aula com este material, fez, com as crianças, uma sequência, trabalhando a lateralidade e a contagem.

Depois do recreio, a educadora levou as crianças para a biblioteca, onde falou sobre os planetas e os movimentos do Planeta Terra. Para facilitar a compreensão das crianças, a educadora dramatizou, com estas, os dois movimentos (rotação e translação). Três crianças tinham “presas” às suas roupas, o Sol, a Lua, e o Planeta Terra e, através deles a educadora explicou os movimentos do Planeta Terra, falando sobre o dia e a noite e as estações do ano.

Inferências e Fundamentação teórica

Este material é constituído por um tabuleiro (normalmente feito em acrílico) e pregos (também em acrílico), existindo também este material em madeira. Os pregos estão fixados à mesma distância uns dos outros, de forma a disporem-se em linhas paralelas, verticais e horizontais. A distância entre os pregos varia consoante o tamanho do Geoplano. Com este material manipulável, a educadora trabalhou figuras geométricas, a destreza manual e motricidade fina. O Geoplano é utilizado com material acessório, que são os elásticos de várias cores e tamanhos.

O Geoplano é um material que é muito versátil, pois os alunos podem rapidamente desfazer-se das figuras que têm e construir uma nova, podem construir percursos, entre outras coisas, pois há imensos conteúdos que podemos trabalhar com este material.

Este material dá à criança a possibilidade de manusear e experimentar, de uma forma inicial, construções inventadas, construções de figuras do seu quotidiano. Segundo Mendes e Delgado (2008):

as crianças começam a desenvolver as suas capacidades de visualização espacial, desde muito cedo, ao observarem e manipularem os objectos. Estas experiências são fundamentais para, progressivamente, irem desenvolvendo as suas capacidades de perceber mudanças de posição, orientação e tamanho dos objectos, ao mesmo tempo que desenvolvem noções geométricas importantes tais como a congruência, a semelhança e a transformação de figuras (p. 10).

De acordo com Moreira e Oliveira (2003):

uma das vantagens do geoplano, quando comparado com a folha de papel, é a sua mobilidade e flexibilidade. Podem fazer-se e desfazer-se figuras com grande facilidade. Pode ver-se uma figura em diferentes posições. Quando a solução encontrada não parece a mais adequada pode corrigir-se imediatamente se necessário. (p.109)

15 de novembro de 2011

Neste dia a turma realizou uma visita de estudo ao Teatro Tivoli, para ver a peça *“Ovos, canela e verdade”*.

Inferências e Fundamentação teórica

A realização de visitas de estudo permite que os meninos tenham contacto com o meio exterior à escola. Tal como pode ser lido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “o espaço exterior do estabelecimento de educação pré-escolar é igualmente um espaço educativo. Pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merece a mesma atenção do educador que o espaço interior.” (p. 40)

As visitas de estudo num contexto escolar representam sempre uma mais-valia para as aprendizagens. De acordo com Almeida (1998) “uma visita de estudo é uma viagem organizada pela escola e levada cabo com objectivos educacionais, na qual os alunos podem observar e estudar os objectos de estudo nos seus locais funcionais.” (p.51).

18 de novembro de 2011

A manhã iniciou-se com os ensaios para a festa de Natal.

Terminados os ensaios, com as crianças já no salão, a educadora contou-lhes uma história *“Avós”*.

21 de novembro de 2011

Hoje foi dia da minha colega dar aula durante a manhã. Começou por ditar as regras em sala de aula e, de seguida, colocou em cada mesa, uma caixa de material não estruturado. Pediu a uma criança, de cada mesa, que tirasse da caixa uma imagem, sem ver. As crianças, de duas das mesas, tiraram a imagem do Sol e as outras, das outras duas mesas tiraram a imagem da Lua. De seguida pediu ajuda a uma criança para distribuir, pelos colegas, um pequeno saco, que continha alguns papéis, todos eles com um número. Depois solicitou às crianças para tirarem do saco um determinado número de imagens e, de seguida, retirarem o número correspondente à quantidade das imagens retiradas anteriormente. Fez também algumas contagens e, ao longo da sua aula, foi trabalhando também a lateralidade,

pedindo para colocarem as figuras à sua esquerda e os algarismos à sua direita, ajudando sempre as crianças com mais dificuldade.

Depois de trabalhar com as imagens nas mesas, pediu a uma criança que fosse escrever um algarismo ao quadro, fazendo algumas operações simples, de adição e subtração.

Terminada a aula, a minha colega sentou as crianças em roda no chão, em cima das “almofadinhas”, para contar a história “*A que sabe a Lua*”.

Durante a história, fez contagens e interagiu com as crianças.

De seguida, a minha colega levou as crianças para a biblioteca, sentando-as em bancos, que estavam colocados em forma de “U”.

Relembrou o que tinham estado a falar anteriormente, pois o tema da aula de Conhecimento do Mundo era a Lua e o Sol.

Começou por mostrar algumas imagens da Lua, do Planeta Terra e do Sol, fazendo algumas perguntas sobre estes. De seguida falou, também, das medidas de segurança, que se deviam tomar em relação ao Sol.

Para terminar a sua aula, a minha colega, pediu a três crianças, para se “vestirem”, de Sol, de planeta Terra e de Lua, para poderem dramatizar e explicar os movimentos de translação e de rotação, com o auxílio de uma lanterna.

Inferências e Fundamentação teórica

As crianças demonstraram uma postura ativa durante a aula de Conhecimento do Mundo, participando e colocando questões permanentemente.

A atividade de simulação dos movimentos da Terra e da Lua que a minha colega realizou foi bastante pertinente. Ao imitarem o comportamento dos corpos celestes, as crianças adquiriram uma noção concreta, que de outra forma lhes seria difícil de perceber. Por esta razão, penso que a representação dramática levada a cabo pelas crianças foi muito positiva, apesar de um pouco confusa para algumas crianças. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, (1997):

Também decorre da intervenção do educador a possibilidade de chegar a dramatizações mais complexas que implicam um encadeamento de acções, em que as crianças desempenham diferentes papéis, como por exemplo, a dramatização de histórias conhecidas ou inventadas que constituem ocasiões de desenvolvimento da imaginação e da linguagem verbal e não-verbal. (p.60)

A expressão dramática revela-se um instrumento essencial para o desenvolvimento da criança pois permite, segundo Reis (2003), “o desenvolvimento da linguagem correta, a construção de frases bem estruturadas, o uso de locuções e da mímica adequada”. (p.130) Também através da dramatização, e segundo a autora

mencionada anteriormente, “a criança interage com uma ou mais crianças, em situações de comunicação verbal ou não verbal. É uma forma da criança se auto-descobrir, de se afirmar e de tomar contato com diferentes situações sociais” (p.130)

22 de novembro de 2011

A manhã iniciou-se, com as crianças sentadas nas mesas, a trabalharem com o material Blocos Lógicos.

A educadora espalhou, no centro de cada mesa, uma caixa deste material. Começou por perguntar às crianças o nome e os diferentes atributos deste material (cor, forma, tamanho e espessura).

De seguida, falou das figuras geométricas e das suas características, como o número de lados e o número de vértices.

Logo depois, a educadora realizou um jogo com as crianças, que consistia em vender os olhos de uma criança e esta ter de adivinhar os atributos da peça que era escolhida no meio das outras. Para ajudar, a educadora dava sempre uma peça de comparação, para que a criança conseguisse distinguir a espessura grosso da fina e o tamanho pequeno do grande.

Enquanto as crianças realizavam este pequeno jogo, as minhas duas colegas e eu, fazíamos várias peças do material Cuisenaire, em cartolina.

Inferências e fundamentação teórica

De acordo com Damas *et al.* (2010), os Blocos Lógicos são um material manipulativo estruturado formado por 48 peças lógicas distintas, sendo que “cada peça lógica tem quatro propriedades/valores referentes a quatro variáveis: forma, cor, espessura e tamanho. O uso destas peças lógicas permite a realização de actividades aliciantes e diversificadas que ajudam a construir conceitos de lógica” (p.13).

Moreira e Oliveira (2003) referem que “os conceitos sobre as formas geométricas começam a formar-se durante o período pré-escolar e estabilizam por volta dos seis anos, sendo, por isso, oportuno trabalhar sobre formas entre os três e os seis anos de idade” (p.45).

25 de novembro de 2011

Esta foi a primeira manhã de atividades que programei para a sala dos 4 anos.

Iniciei a manhã de atividades, contando a história “*Caracolinhas de Ouro*”, com as crianças sentadas no chão em cima das “almofadinhas” em forma de “U”. Quando terminei de ler, falei um pouco sobre a história com as crianças, aproveitando-a para passar à aula do Domínio da Matemática.

Posteriormente, e já com as crianças sentadas, nos seus respectivos lugares, trabalhei as noções matemáticas de ordem crescente e ordem decrescente. Para isso, utilizei um material não estruturado. Esse material era constituído por ursinhos de plástico de três tamanhos diferentes. Distribui por cada mesa o material, colocando-o no centro da mesma. Falei sobre os conceitos de crescente e decrescente e, de seguida, pedi às crianças para irem ao centro da mesa buscar três ursinhos de tamanhos diferentes e colocá-los por ordem crescente e, posteriormente por ordem decrescente.

Após o intervalo, levei os alunos para a biblioteca e iniciei uma atividade de Conhecimento do Mundo. Continuei a conversar com os alunos sobre a história lida no início da manhã, aproveitando-a para introduzir o tema da aula “*As divisões da casa*”. Para esta aula, já tinha preparada uma casa de madeira em miniatura com a respetiva mobília. Esta não se encontrava dentro da casa, mas sim fora. Durante a aula, dialoguei com as crianças sobre as divisões das suas casas e sobre o que tinham em cada uma. Posteriormente, e com a ajuda das crianças, fomos mobilando a casa e falando sobre a utilidade de cada um dos objetos.

Inferências e fundamentação teórica

No decorrer da aula do Domínio da Matemática, quando as crianças tinham os “ursinhos” por ordem crescente, não corriji duas crianças que os tinham por ordem decrescente.

Durante a aula do Conhecimento do Mundo, poderia ter aprofundado melhor a utilidade dos objetos pois, com a preocupação da gestão do tempo, não aproveitei como devia as respostas que as crianças me iam dando.

É relevante que a criança aprenda, desde cedo, a organizar o espaço, compreenda os espaços da sua casa e os objetos que deles fazem. A observação e exploração do espaço e dos objetos proporciona à criança o reconhecimento e a representação de diferentes formas, sendo através destas experiências que a mesma inicia uma descoberta de princípios lógicos que lhe possibilitam classificar os objetos num determinado espaço a que os mesmos pertencem.

Segundo Mendes e Delgado (2008), “a observação e manipulação de objectos permite desenvolver capacidades de visualização espacial.” (p. 12)

28 de novembro de 2011

Hoje foi dia da minha colega dar aula durante a manhã. Começou com uma aula do Domínio da Matemática, em que trabalhou o cálculo mental com as crianças. De seguida, levou as crianças para a biblioteca, onde iniciou a área de Conhecimento do Mundo, falando sobre os diferentes tipos de habitações, sempre acompanhada de imagens.

Por fim, na aula do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, fez a leitura da história “*Os três porquinhos*”.

Inferências e fundamentação teórica

O desenvolvimento do cálculo mental é cada vez mais importante, pois é uma ferramenta utilizada todos os dias, em diferentes ocasiões.

Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999) dizem que “ A aquisição de destrezas de cálculo mental promove o desenvolvimento da compreensão numérica, uma vez que encoraja a procura de processos mais fáceis baseados nas propriedades dos números e das operações.” (p.61)

29 de novembro de 2011

Mais uma vez, a manhã iniciou-se com os ensaios para a festa de Natal. Terminados os ensaios, os alunos dirigiram-se para o salão, onde estava montado um Teatro Circense.

2 de dezembro de 2011

Hoje foi dia de *roullement* e as crianças das duas turmas do bibe encarnado estavam sob responsabilidade de uma única educadora. Durante o dia de hoje, as educadoras pediram às estagiárias que organizassem atividades com as crianças. As minhas colegas e eu resolvemos fazer, com as crianças, figuras natalícias com pasta de moldar e, de seguida, pintá-las, para as crianças poderem levá-las para casa e colocarem-nas na sua árvore de Natal.

Inferências e fundamentação teórica

De acordo com as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (1997), as atividades de Expressão Plástica “tornam-se situações educativas quando implicam

um forte envolvimento da criança que se traduz pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que considera acabado.” (p.61) O mesmo autor defende que é necessário proporcionar atividades que permitam à criança explorar atividades tridimensionais:

à expressão plástica a duas dimensões acrescentam-se as possibilidades tridimensionais, como a modelagem. A modelagem pode utilizar materiais diversos (...) como o barro, de preferência, mas também a plasticina e a pasta de papel, passando eventualmente pela massa de cores. (p.63)

Segundo Sousa (2003) “a criança é por natureza altamente expressiva e criativa, sendo estas necessidades bem satisfeitas através da ação de modelar e de criar formas em materiais moldáveis”. Considerando que as atividades de expressão plástica são fundamentais para o desenvolvimento mental e motor da criança. (p. 255)

O mesmo autor salienta as várias capacidades e valores que as crianças adquirem, quando criam o hábito de realizar este tipo de tarefas:

a ordem, a paciência, o asseio e a persistência são apenas alguns dos valores que estão associados à atividade de moldagem. As capacidades de imaginação encontram espaço de criação tridimensional. A destreza conseguida nas suas habilidades manuais são assimiladas posteriormente, na rapidez com que aprende a desenhar a escrita. (p. 255)

5 de dezembro de 2011

A educadora iniciou a manhã, sentando as crianças em roda, nas “almofadinhas”, para falar sobre o que tinham feito durante o fim-de-semana.

De seguida, foram para o ginásio onde decorreram os ensaios para a festa de Natal.

De regresso ao salão, a educadora pediu uma aula surpresa à minha colega que consistiu na leitura do livro “*Tanto, tanto*”.

Inferências e fundamentação teórica

O desenvolvimento da linguagem assume um papel relevante nas crianças em idade pré-escolar e, nesta mesma idade, é fundamental que sejam criadas oportunidades que desenvolvam as competências comunicativas das crianças.

Penso que seja deveras importante que as crianças falem abertamente e contem as suas vivências ao grupo e à educadora. Deste modo, estão a desenvolver a oralidade, a melhorar o vocabulário. Este momento é bastante importante, porque faz com que todas as crianças participem/falem, pois há crianças que só falam quando lhes é solicitado e, mesmo quando o são, pouco comunicam.

Lopes, Velásquez, Fernandes e Bártolo (2004) afirmam que “a aquisição de vocabulário revela-se crucial para o sucesso académico. A exposição a novos conteúdos transporta a criança a um conjunto de novos conceitos, realidades e representações que naturalmente são carregados por vocabulário novo”. (p.68)

6 de dezembro de 2011

Durante a manhã, as crianças estiveram grande parte do tempo nos ensaios para a festa de Natal.

Depois de regressar ao salão, a educadora deu uma aula do Domínio da Matemática com o material *Geoplano*. Durante a aula, a educadora trabalhou, com as crianças, a linha horizontal, a linha vertical, as sequências e a figura geométrica, o triângulo.

Terminada a aula, foi-me pedido pela educadora que fizesse a leitura da história “*Um dia mal-humorado*”.

Inferências e fundamentação teórica

O Geoplano é um material privilegiado para trabalhar a geometria. De acordo com Matos e Serrazina (1996):

Uma das grandes vantagens do geoplano é a sua mobilidade, o que faz com que os alunos se habituem a ver figuras em diversas posições. Outra das vantagens específicas do geoplano é que, ao contrário da folha e do papel, é um aparelho dinâmico, permitindo “desenhar” e “apagar” facilmente (p.14).

Este material estruturado é um instrumento facilitador da aquisição das figuras geométricas regulares e irregulares porque permite desenvolver a capacidade de visualização espacial.

Para Moreira e Oliveira (2003) “é sabido que as crianças muitas vezes apenas reconhecem como triângulos os equiláteros e os isósceles (quase equiláteros). Com o geoplano é possível desenhar outros tipos de triângulos ampliando deste modo o seu conhecimento daquela figura geométrica”. (p.109)

9 de dezembro de 2011

Hoje foi dia de *roullement* e as crianças das duas turmas de 4 anos estavam sob responsabilidade de uma única educadora.

A educadora iniciou a manhã com uma aula do Domínio da Matemática com o material 3.º Dom de Fröebel, com os alunos sentados nas mesas. Esta pediu para que

dois alunos fossem buscar ao armário dos materiais, as caixas do material para as distribuírem pelos colegas.

A docente contou uma história e realizou algumas situações problemáticas com os alunos. Com este material, os alunos realizaram a construção, da cama, da mesa, das cadeiras e torre alta com base. Quando terminaram as construções arrumaram o material dentro das respectivas caixas.

Terminada a aula, as educadoras pediram às estagiárias para realizar uma atividade com as crianças. Nós, estagiárias, resolvemos enfeitar uma árvore de Natal com a ajuda das crianças, seguida da realização de um postal para oferecer às educadoras.

Inferências e fundamentação teórica

O 3.º Dom de Fröebel é um material manipulável, feito em madeira, e que foi criado por Friedrich Wilhelm August Fröebel. Este material é constituído por oito cubos de madeira, que permitem explorar noções matemáticas através da representação de construções. Destina-se a crianças a partir dos 4 anos de idade.

Achei bastante interessante a forma como a educadora introduziu as construções, contando sempre uma história e realizando exercícios que fossem predestinados àquela história, ou seja, as construções surgiram sempre num contexto, tal como todas as situações problemáticas propostas.

Segundo Caldeira (2009):

é mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo surjam pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história. (p.255)

Durante a aula, as crianças realizaram quatro construções. A mesma autora revela a importância de selecionarmos “três ou quatro construções, das onze predefinidas e com elas elaborar uma pequena história que permita ao aluno fazer raciocínios matemáticos.” (p. 255-256)

No final da aula, a educadora pediu aos alunos que arrumassem o seu material; esta prática, se for regular, permite que as crianças se tornem mais autónomas e responsáveis.

Segundo Cordeiro (2007) “responsabilidade será um conjunto de capacidades que desenvolvem e aprendem, e que incluem: respeito e solidariedade com os outros; respeito por si próprio; honestidade; integridade (...)” (p.216)

12 de dezembro de 2011

A educadora iniciou a manhã como sempre, sentando as crianças em roda, nas “almofadinhas”, para falar sobre o que tinham feito durante o fim-de-semana.

De seguida foram para o ginásio, onde decorreram os ensaios para a festa de Natal.

De regresso ao salão, as crianças sentaram-se nos seus respetivos lugares e a educadora distribuiu, por cada um, o material *Tangram*. Com este material, a educadora falou das cores e das formas de algumas das peças. De seguida, com as peças deste material, a educadora ensinou a construção do quadrado, falando de algumas características desta figura.

Inferências e fundamentação teórica

A comunicação entre aluno e educador e vice-versa é fundamental na vida das crianças. É através dela que estas adquirem a linguagem e que, com o decorrer do tempo, adquirem vocabulário. É extremamente importante que a criança conheça novas palavras, que aprenda o seu significado, pois só assim aumentará o seu vocabulário e expressar-se-á corretamente perante um adulto.

A educadora, ao conceder tempo e espaço para que todas as crianças falassem sobre o seu fim de semana, fomentou, tal como menciona Zabalza (1998) o “pensamento e a capacidade de descodificar a realidade e a própria experiência, ou seja, a capacidade de aprender”. (p. 51)

Alsina (2004) refere que a utilização do Tangram no ensino da Matemática é muito interessante para explorar as formas geométricas, “tanto no que se refere às suas propriedades (lados formados por linhas rectas ou curvas, número de lados de cada figura, etc.), como nas relações que se podem estabelecer entre diferentes figuras (composição e decomposição de figuras, etc.)” (p.82).

Moreira e Oliveira (2003) indicam que:

os puzzles, como o tangram, ou peças coloridas em plástico constituem bons recursos para desenvolver ideias geométricas. (...) quando brincam com essas peças, elas movem-nas dando origem a diversos arranjos, o que pode constituir uma fonte para desenvolver a orientação e a visualização espacial. (p.93)

A propósito da utilização deste material no ensino, Santos (2007, citado por Caldeira, 2009), afirma que o material “Tangram, como jogo ou como arte possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio. Cada vez mais presentes nas aulas de matemática, as formas geométricas que o compõem, permitem que os professores vejam neste material a possibilidade de inúmeras explorações.” (p.391).

Para além de realizarem construções e serem trabalhadas as formas geométricas, é essencial que as crianças explorem o material, de forma a fazerem novas descobertas.

13 de dezembro de 2011

Com números móveis, espalhados no centro de cada uma das mesas, e com as crianças sentadas nos seus lugares, a educadora iniciou a manhã, fazendo sequências numéricas.

Começou por pedir às crianças que fizessem a sequência numérica do algarismo 1 ao algarismo 9, perguntando sempre a uma criança o algarismo que vinha a seguir, enquanto as outras retiravam do centro da mesa o algarismo. Havia crianças que iam mais avançadas e terminavam a sequência antes da educadora terminar.

Depois, fizeram sequência de formas, no quadro.

De seguida, a educadora desenhou todos os algarismos no quadro e pediu a algumas crianças para identificarem alguns algarismos que esta dizia; as crianças tinham de ir ao quadro e apontar. Houve crianças que identificaram os algarismos sem nenhuma dificuldade, mas outras apresentaram alguma dificuldade em identificar.

Logo depois, a educadora desenhou seis retângulos no quadro e pediu a uma criança que fosse buscar o algarismo correspondente à quantidade de retângulos presentes no quadro.

Terminada a aula, as crianças foram para o ensaio da festa de Natal.

Depois do intervalo, foi a aula surpresa, pedida pela educadora, à minha colega de estágio.

Ela contou uma história “*O Ganso Tanso e o Pato Pateta*” e, para isso levou as crianças para a biblioteca e sentou-os em três filas. Durante a história, a colega fez contagem e trabalhou a memória das crianças.

Inferências e fundamentação teórica

O sentido de número é entendido por Castro e Rodrigues (2008), como sendo, de um modo geral, “a compreensão global e flexível dos números e as suas relações”. (p. 11) Os mesmos autores afirmam ainda que “em idade pré-escolar, o sentido de número pode ser entendido como um processo no qual elas [as crianças] vão aprendendo a compreender os diferentes significados e utilizações dos números e a forma como estes estão interligados”. (p. 11)

Sabendo que cada criança tem o seu próprio ritmo de aprendizagem, os mesmos autores, Castro e Rodrigues (2008), defendem que “cabe ao educador estar atento ao que cada criança já conhece e criar contextos significativos que facilitem o seu desenvolvimento” (p. 15)

16 de dezembro de 2011

Durante este dia, as crianças brincaram livremente no recreio e no salão.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças aproveitam o tempo do recreio para brincar, sendo esta atividade fundamental no seu desenvolvimento.

Para Spodek e Saracho (1998), “a brincadeira tem sido considerada um elemento-chave dos programas de educação para a primeira infância, e uma série de teorias têm tentado descrever a função dela na vida das crianças pequenas” (p.228).

De acordo com Felton-Collins e Peterson (1998) “ao brincar, a criança não se esforça por se acomodar (modifica-se) à realidade; pelo contrário, assimila os objetos e as atividades para sua própria satisfação”. (p. 50)

Sobre o recreio, Cordeiro (2007) diz que é o momento de “brincadeira livre, imaginação, correria, possibilidade de fazer movimentos que estimulam a motricidade larga sem andar aos encontros aos móveis, contacto com a natureza”. (p.374) É quando as crianças, através da brincadeira e diálogo, estabelecem e reforçam amizades.

1.3. 3.ª Secção: Estágio na sala dos 5 anos

1.3.1. Período de Estágio: 2 de janeiro a 10 de fevereiro de 2012

1.3.2. Caracterização do grupo:

A turma dos 5 anos é composta por 30 crianças, 19 do género feminino e 11 do género masculino. Quase todas as crianças têm 5 anos de idade.

Todos os pais possuem, na sua grande maioria, formação superior.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do jardim-escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.3.3. Caracterização do espaço:

A sala é um local amplo, que contém dois quadros de giz e alguns móveis para arrumar materiais e *dossiers*, que ficam do lado oposto da Cartilha Maternal que está colocada junto à secretária da Educadora, num dos cantos da sala.

Esta sala como tem entrada de luz natural é bem iluminada. Os materiais existentes nos móveis da sala estão ao nível das crianças, assim podem ter contacto com os livros, dossiês e materiais didáticos.

Este espaço está decorado com trabalhos realizados pelas crianças, fotografias destas e da educadora.

1.3.4. Rotinas:

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, Ministério da Educação (1997), “o tempo educativo tem, em geral, uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade”, aos quais, chamamos rotinas (p.40).

As rotinas das crianças dos 5 anos são semelhantes às rotinas das dos 4 anos, à exceção das atividades diferenciadas descritas no horário semanal.

1.3.5. Horário:

De seguida, apresento o quadro com o horário semanal da turma, facultado pela educadora cooperante.

Relatório de Estágio Profissional

Quadro 7 – Horário da sala dos 5 anos

Sala 5 anos	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-10.15	Iniciação à Matemática Material Escrita	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita
10.15-10.45	RECREIO + W.C.				
10.45-11.50	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita	Educação ao Movimento (11.00-11.30) Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita Música (10.50-11.40)	Iniciação à Leitura e Escrita
12.00-13.00	ALMOÇO				
13.00-14.00	Recreio (livre e orientado)				
14.00-15.00	Escrita e Letras	Inglês	Jogos Matemáticos Cidadania Área Projeto	Escrita e Letras	Educação ao Movimento
15.00-16.30	Área Projeto	Conhecimento do Mundo Dinamização do tema		Conhecimento do Mundo Dinamização do tema	Computadores (15.30-16.10)
16.30	LANCHE E SAÍDA				

Horário sujeito a alterações

Relatos Diários

2 de janeiro de 2012

Neste dia não compareci no estágio.

6 de janeiro de 2012

Começamos por ajudar as crianças a resolver exercícios de Matemática que tinham em atraso.

Depois, a educadora distribuiu por cada criança, o material Geoplano, começando por fazer algumas perguntas sobre ele.

Começou por pedir que marcassem uma linha mediana horizontal e, depois, uma linha mediana vertical, perguntando em quantas partes ficaria dividido o Geoplano. De seguida, pediu que marcassem uma linha na diagonal, perguntando-lhes quantos quadrados é que viam no Geoplano. Para ser mais fácil a visualização das crianças que estavam com dificuldades em contar os quadrados, a educadora desenhou no quadro e contou com a ajuda delas. Depois, voltou a fazer a mesma pergunta, mas desta vez dos triângulos que se conseguia ver no Geoplano. Por fim, falou de números pares e números ímpares, fazendo alguns exercícios orais com as crianças.

Inferências e fundamentação teórica

Um dos conteúdos matemáticos explorado pela educadora foi a geometria, que segundo Matos e Serrazina (1998, citados por Caldeira, 2009), “deve constituir uma experiência geométrica informal e o seu estudo deve estar relacionado com o mundo real. Por isso, os alunos devem ser estimulados a explorar as relações espaciais envolventes e procurar exemplos de relações geométricas no mundo físico”. (p. 410)

Turrioni (2004) defende que, se utilizado corretamente;

em sala de aula, com intenção e objetivo, o Material Manipulável pode tornar-se um grande parceiro do professor, auxiliando no ensino e contribuindo para que o aluno tenha uma aprendizagem significativa, mesmo porque ele exerce um papel importante na aprendizagem. (p.78)

9 de janeiro de 2012

Hoje foi dia da minha colega dar aula. Começou por falar nas plantas, mostrando uma sequência de imagens do crescimento do feijoeiro. De seguida, mostrou outra imagem, e pediu às crianças para identificarem as diferentes partes da

planta. Falou sobre algumas características destes seres vivos. Posteriormente, entregou uma proposta de trabalho às crianças. Esta proposta consistia num itinerário, em que estas tinham de “ajudar” o João a chegar a uma árvore, utilizando as peças do material Cuisenaire.

De seguida, levou as crianças para o recreio, afim de realizar um jogo. O jogo consistia em que as crianças corressem ao som de uma pandeireta e, quando a minha colega dissesse “raiz”, elas baixavam-se, quando dissesse caule, elas andavam em bicos dos pés com os braços para cima, quando dissesse folhas, ficavam estátuas. Terminado o jogo, voltaram para a sala, onde a minha colega contou a história “A Sementinha”. À medida que ia contando a história, ia colocando imagens no quadro.

De seguida, colocou algumas palavras no quadro e pediu a algumas crianças para lerem e colocarem na respetiva imagem.

Por fim, entregou a cada criança uma folha branca para estas desenharem a história lida anteriormente, enquanto foi à Cartilha com algumas crianças, dar a lição do “g”.

Inferências e fundamentação teórica

Estratégias, como a do itinerário com o Cuisenaire, são bastante importantes para a aprendizagem da orientação espacial. De acordo com Moreira e Oliveira (2003, citadas por Caldeira (2009), “quando a criança realiza tarefas (encontrar caminhos), está a treinar a sua capacidade de visualizar o espaço”. (p. 173)

Caldeira (2009) acrescenta ainda que “o sentido espacial é um conhecimento intuitivo do meio que nos cerca e dos objectos que nele existem. A compreensão espacial é necessária para interpretar, compreender e apreciar o nosso mundo, que é intrinsecamente geométrico”, (p. 173) e é a conjugação desta necessidade com a aprendizagem, através da experimentação, que justifica a utilização de materiais manipuláveis na educação.

A realização do jogo durante as aulas, e não no fim das aulas, possibilitou às crianças um momento de brincadeira, de “descarga de energia”. Para Cunha e Nascimento (2008), as aulas que envolvam a brincadeira são muito positivas.

Brincar é fundamental porque brincando a criança expressa necessidades e desenvolve potencialidades. O desafio contido nas situações lúdicas provoca o pensamento, exercita habilidades e leva a criança a alcançar níveis de desempenho que só as acções por motivação intrínseca conseguem. (p.14)

10 de janeiro de 2012

O dia teve início com a educadora a relembrar o abecedário e o valor das letras (até ao “Z”, letra onde vão os mais avançados)

De seguida, as minhas colegas e eu ajudámos as crianças a ler e escrever palavras e frases, enquanto a educadora dava Cartilha Maternal.

Depois do recreio, as crianças voltaram para a sala. Em cima de cada mesa, tinham duas caixas, uma do material 3º Dom de Fröebel e outra do material 4º Dom de Fröebel.

A educadora começou por fazer algumas perguntas sobre estes materiais e de seguida, pediu as crianças para fazerem a construção da sala. Depois de todas a terem feito, fez algumas perguntas sobre números pares e números ímpares, fez algumas situações problemáticas, em que trabalhou a adição e a subtração, a dezena e a dúzia.

De seguida, a educadora ensinou-lhes uma nova construção, a da camioneta.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças neste Jardim-Escola, aos 5 anos realizam a iniciação à leitura, através da Cartilha Maternal. Deus (1997) diz que a Cartilha Maternal é um método que tem como base:

a análise da língua, feita através dum processo sério e graduado que se baseia num raciocínio lógico. A descoberta de valores e regras a aplicar é um jogo que as crianças vão progressivamente descobrindo, numa atitude construtivista que lhes dá muita satisfação. (p.10)

Ruivo (2009) afirma que:

o Método de Leitura João de Deus (MLJD), criado em 1876, é um Método que se enquadra nos modelos interactivos de leitura. Ele faz da palavra um elemento verdadeiramente fundamental para a aprendizagem, quer na aplicação das estratégias ascendentes (descodificação), quer nas estratégias do tipo descendentes (compreensão). (p. 241)

Sim-Sim (2006) diz que aprender a ler é uma “tarefa para toda a vida e ensinar a ler deve ser uma das prioridades não só dos professores de língua materna, mas de todos os docentes, na medida em que qualquer que seja a disciplina, a leitura vai estar sempre presente” (p. 99); daí ser tão importante conjugar áreas e conteúdos como a iniciação a Matemática com a leitura de histórias.

Sabendo que a Matemática é, nos dias de hoje, considerada a área onde os alunos revelam ter maior dificuldade, torna-se importante colocar as crianças em contacto com a mesma, o mais cedo possível.

Moreira e Oliveira (2003) defendem que:

estes blocos geométricos eram utilizados por Froebel para “ensinar conceitos de forma, simetrias, número, padrões e outros conceitos aritméticos

Relatório de Estágio Profissional

elementares. Com as atividades realizadas, que envolviam construções específicas, pretendia-se que as crianças explorassem propriedades de objectos a três e a duas dimensões, bem como a linha e o ponto, fazendo assim uma progressão na sua aprendizagem matemática. (p. 33)

Os mesmos autores mencionam que “as situações problemáticas apresentadas serem relacionadas com as experiências das crianças.” (p. 65) E, ainda, referem que as situações problemáticas são:

um meio de construção de conhecimento e, por isso, não devem ser entendidas como mais um tópico a explorar, mas como um processo presente nas experiências a desenvolver com as crianças. (...) a resolução de problemas ajuda a desenvolver a compreensão das ideias matemáticas, contribuindo para que as crianças lhes atribuam resultados. (p. 62)

13 de janeiro de 2012

Hoje assistimos à Prova Prática de uma colega de estágio. A nossa colega iniciou a manhã com uma aula do Domínio da Matemática, onde trabalhou, com as crianças, o material 3º e 4º Dom de Froebel.

De seguida, levou as crianças para o refeitório, onde deu a aula de Conhecimento do Mundo. Esta aula tinha como objetivo, fazer pão. Terminada esta aula, a minha colega levou novamente as crianças para a sala de aula. Quando já estavam todas sentadas, nos respetivos lugares, iniciou a aula de Cartilha Maternal. Chamou três alunos para junto da Cartilha Maternal e deu o 1º valor do “g”, enquanto as outras crianças realizavam outra proposta de trabalho.

Por fim, levou as crianças para o recreio, para realizar o jogo.

Inferências e fundamentação teórica

Os materiais manipulativos estruturados têm uma grande importância nas crianças, pois são facilitadores da compreensão e das ideias matemáticas: envolvem os alunos ativamente na aprendizagem, auxiliam o trabalho do professor, beneficiam o ritmo particular da aprendizagem, aumentam a motivação e ainda são instrumentos de avaliação. Estes materiais envolvem os alunos na aprendizagem na medida em que estes aprendem por descoberta, pois é estimulada a procura, o pensamento, a reflexão e a discussão, construindo conceitos e conhecimentos matemáticos nos alunos.

Tal como acontece na área da matemática, as aulas de conhecimento do mundo, onde as crianças possam observar, experimentar e manipular distintos materiais, também são mais produtivas.

Segundo as Orientações Curriculares do pré-escolar (2002, citado por Catita, 2007):

a área do conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação Pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do Mundo. (p.7)

Cada vez que se vai à Cartilha, leva-se um pequeno grupo de crianças que se encontram no mesmo ritmo de aprendizagem.

Segundo Ruivo (2009), “as lições são dadas a grupos de três ou quatro crianças. Essa pequena “equipa” torna as lições mais vivas e equilibra em interação o comportamento individual de cada aluno.” A mesma autora refere ainda que, na Cartilha, as crianças não respondem em coro, cada um fala por sua vez, mas todos estão empenhados na mesma tarefa.
(p.133)

16 de janeiro de 2012

Hoje foi o dia da aula programada da minha colega. Para assistir à aula, veio uma Professora Orientadora da ESE. A minha colega iniciou a manhã com a área de Conhecimento do Mundo, em que o tema era “As plantas”. Durante a aula, a minha colega falou sobre a constituição das plantas e algumas das suas funções, mostrando algumas plantas às crianças.

Terminada esta aula, iniciou a aula do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, iniciando com a dinamização da leitura e terminando com uma aula de Cartilha Maternal. Por fim, distribuiu, por cada uma das crianças, duas caixas do material 3º e 4º Dom de Fröebel, com as quais realizou algumas situações problemáticas.

Inferências e fundamentação teórica

Na sua aula de Conhecimento do Mundo, a minha colega explorou o tema “As Plantas” e, durante a explicação, foi mostrando às crianças vários tipos plantas.

De acordo com Sá (2002),

as observações são as percepções que fazemos dos objetos e fenómenos através dos sentidos. Observar é, frequentemente, o ponto de partida para a investigação. Saber observar é condição para o desenvolvimento de outros processos científicos, como inferir, comunicar, predizer, medir, classificar, etc.
(p.92)

17 de janeiro de 2012

A manhã iniciou-se com as crianças a assistirem a um teatro sobre a higiene oral. O teatro ocorreu no ginásio do Jardim-Escola. Terminado o espetáculo, a educadora levou as crianças para a sala, onde estas se sentaram, cada uma nos seus lugares.

As minhas duas colegas e eu íamos ajudando as crianças na leitura e na escrita, enquanto a educadora dava Cartilha Maternal a algumas delas. Depois, a educadora começou a trabalhar com o material Cuisenaire. Começou por fazer algumas perguntas sobre as peças e os seus respetivos valores, fazendo também alguns exercícios oralmente. Falou da dezena, e o que esta representa. Utilizando a peça cor de laranja, a educadora explicou a dezena às crianças, fazendo, de seguida, algumas perguntas, acompanhadas por pequenos esquemas no quadro. Depois pediu às meninas para fazerem, com as peças do material Cuisenaire, a escada impar por ordem crescente, e aos meninos, a escada par por ordem crescente.

De seguida, pediu a um menino para ler a sua escada por cores, e a outro menino para ler a sua escada por valores, pedindo o mesmo às meninas.

Para terminar a aula, a educadora fez uma situação problemática, em que pediu às crianças para representarem os dados, a indicação e a operação.

Inferências e fundamentação teórica

Uma ida ao teatro é uma mais-valia para as crianças e mesmo sendo no próprio Jardim-Escola, tornou-se num dia diferente para as mesmas.

De acordo com Rodari (2002), o teatro “pode alargar os horizontes da criança inventora” (p.211) e acrescenta que “teatro das crianças” e “teatro para crianças” são duas coisas diferentes, mas igualmente importantes se uma e outra estiverem, e souberem pôr-se realmente, ao serviço das crianças” (p.211). Neste caso, sendo esta uma peça infantil, com atores a representarem para as crianças, tratou-se de uma peça de “teatro para as crianças”.

É possível realizar diversas explorações através do material Cuisenaire. Este material é um material manipulativo estruturado, constituído por uma série de barras paralelepípedicas, com tamanhos e cores diferentes, simbolizando, cada uma, os números naturais de 1 a 10.

O Cuisenaire consiste num material que prepara para a compreensão das quantidades, do cálculo e das operações. Segundo Damas *et al.* (2010), “o manuseamento das barras dá, aos alunos, a possibilidade de descobrirem, eles

próprios, os números e as suas relações podendo observar, manipular, calcular e compreender” (p.65).

Caldeira (2009) defende que “o interesse pedagógico deste material situa-se em termos matemáticos, em aspectos de: iniciação à matemática; desenvolvimento da criatividade; compreensão da noção de número; decomposição de números; relações de grandeza; noção de par e ímpar; manipulação das operações numéricas”, entre outros (p.126).

Deste modo, é crucial que as crianças explorem os materiais e que a partir destes desenvolvam as suas competências matemáticas.

Segundo Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar 1997) existem “materiais utilizados na educação pré-escolar que permitem desenvolver noções matemáticas, uns mais relacionados com a concretização de quantidades e de operações, como por exemplo, o material Cuisenaire. (p. 76).”

Segundo Moreira e Oliveira (2003), “as operações lógicas de conservação, classificação e ordenação têm constituído a base principal do modelo largamente utilizado para alicerçar o conceito de número e o pensamento aritmético das crianças” (p.41).

20 de janeiro de 2012

A educadora iniciou a manhã, falando, com as crianças, sobre frações. Para realizar esta aula, utilizou um material, composto por vários círculos, um inteiro, outro dividido em duas partes, outro dividido em três partes, outro dividido em quatro partes e ainda um dividido em oito partes. Eram todos de madeira e tinham ímanes por trás, o que permitia que ficassem presos ao quadro, possibilitando uma boa visualização a todas as crianças.

A educadora começou por mostrar um círculo inteiro, fazendo de conta que era um bolo. Depois, mostrou o círculo dividido em duas partes e perguntou às crianças em quantas partes tinha partido o bolo e se eram iguais ou não.

Depois de explicar com o auxílio do material, a educadora utilizou uma maçã, cortando-a em duas partes iguais, dando o nome a cada uma das partes (um meio) representando em fração no quadro e explicando o que representa o numerador e o denominador.

De seguida, falou de um terço, depois de um quarto, de um quinto e de um sexto. Após falar do nome das frações, a educadora falou também da unidade, quando o numerador é igual ao denominador.

Posteriormente, realizaram uma proposta de trabalho, que terminaram durante a tarde, pois foram para a aula de Cerâmica no final da manhã.

Inferências e fundamentação teórica

A aula no Domínio da Matemática a que tive a oportunidade de assistir revelou-se bastante interessante, lúdica e estimulante tanto para as crianças como para mim estagiária. Através deste material não estruturado, a educadora explorou estes novos conceitos de uma forma simples e de fácil percepção para as crianças.

Durante a aula constatei que o material didático utilizado pela educadora foi útil e facilitou a estruturação do pensamento das crianças, uma vez que as auxiliou na concretização e elaboração do que era pedido e explicado.

Os materiais devem ser utilizados pelos educadores/professores, tal como diz Prado (1998, citado por Caldeira 2009) “como instrumentos, para motivar as atividades que se pretendem ricas e estimulantes, num processo de manipulação-ação e posteriormente de representação-conceptualização”. (p. 17)

23 de janeiro de 2012

Hoje foi dia de aula programada da minha colega, para a qual trouxe o seu canário. Iniciou a aula, dando pistas às crianças, para estes descobrirem qual o animal que tinha trazido consigo para a aula.

De seguida mostrou um *Powerpoint* sobre as aves, onde falava das diferenças entre aves domésticas e aves selvagens, de diferentes tipos de penas, de diferentes tipos de bicos, de diferentes tipos de patas e, por fim, de aves que não voam. Fez dinamização da Cartilha, utilizando várias palavras relacionadas com a matéria dada anteriormente (ovo, pata, bico e asas).

De seguida realizou uma proposta de trabalho, que consistia em pintarem só os animais que pertenciam à classe das aves. Enquanto as crianças realizavam a proposta de trabalho, a minha colega foi à Cartilha com três crianças, onde reviu a lição do “c” e deu o primeiro valor do “g”.

Terminada a lição de Cartilha, começou a aula do Domínio da Matemática, em que trabalhou com as crianças o material estruturado Geoplano.

Durante esta aula, a minha colega trabalhou somas, subtrações, a noção de números pares e ímpares e também a lateralidade. Terminada esta aula, ela pediu ajuda a duas crianças para distribuírem pelos colegas uma proposta de trabalho, que consistia em fazerem um itinerário.

No final da aula, a colega distribuiu, por cada mesa, penas e dois ovos, uma de galinha e outro de codorniz, para as crianças poderem manipular e ver de perto as suas características.

Inferências e fundamentação teórica

Esta foi a primeira manhã de aulas da minha colega de estágio nesta turma. No início, mostrou-se um pouco nervosa, mas foi ficando mais calma no decorrer da aula. Penso que deveria ter tido uma postura mais dinâmica, alegre e motivadora, enquanto interagia e transmitia conhecimentos às crianças, despertando nestas a curiosidade e o desejo de aprender.

De acordo com Estanqueiro (2010), “a motivação dos professores condiciona a motivação dos alunos. Se um professor gosta de ensinar, poderá despertar, mais facilmente, o gosto de aprender”. (p. 31) O mesmo autor afirma ainda que “o prazer de ensinar revela-se em certos sinais de comunicação: postura descontraída, tom de voz firme, ritmo de fala animado, gesto vivos, contato visual com os alunos, brilho nos olhos e bom humor”. (p. 32)

No princípio da aula as crianças estavam bastante entusiasmadas, pois desejavam saber o que estava dentro da gaiola e, por isso, aderiram muito bem.

Esta estratégia ajudou a cativar os alunos para a aula. Nérici (1969) afirma que “toda a técnica de motivação procura aproveitar as possibilidades energéticas das fontes, para indicar e orientar os esforços do educando no processo de aprendizagem” enriquecedora, pois, a atividade educativa.” (p. 195)

24 de janeiro de 2012

Começamos por ajudar as crianças nos trabalhos que tinham em atraso, no Domínio da Matemática. De seguida, a educadora distribuiu por cada aluno o material estruturado *Geoplano*. Explicou às crianças que iam fazer um caminho, para ajudar a chuva a chegar até à planta, mas para isso tinham de respeitar tudo o que a educadora dissesse.

Começou por orientar as crianças no espaço do material, pedindo-lhes que colocassem o dedo indicador sobre o primeiro prego do canto superior esquerdo.

Depois, a educadora utilizou a história *A Gotinha de Água*, para dar início à sua aula. Durante o exercício, a educadora trabalhou somas, subtrações, números pares e ímpares, lateralidade, metades, dobro, e trabalhou também o valor das peças do

material estruturado Cuisenaire, pedindo, por exemplo, o mesmo número de passos que corresponde à peça cor-de-rosa deste material.

Terminada a aula no Domínio da Matemática, a educadora colocou no quadro vários cartões, e cada cartão com uma palavra. Pediu a várias crianças para irem ao quadro tirar um cartão, para fazer dinamização da Cartilha. Durante esta aula a educadora fez várias perguntas como por exemplo:

- “Quantas sílabas tem esta palavra?”
- “O que é uma sílaba?”
- “Qual a sílaba mais forte?”
- “Como sabemos qual é a sílaba forte?”
- “Quantas vogais tem esta palavra?”
- “Quantas vogais faltam?”
- “Como se chama esta letra?”
- “Vamos ler com que valor?”
- “Como se lê vogal em sílaba forte?”

De seguida ensinou as crianças a dividirem, no papel, as palavras por sílabas, com a ajuda de palmas.

Para terminar a aula, a educadora distribuiu por cada aluno uma folha com várias imagens espalhadas. Depois, fez um ditado de letras em que os alunos tinham de colocar, junto de cada imagem, a letra que a educadora dissesse, por exemplo, junto da imagem da vassoura, as crianças tinham de colocar a letra “v”.

Inferências e fundamentação teórica

A aprendizagem da leitura afeta, de certo modo, a linguagem escrita, uma vez que, de acordo com Sim-Sim (2006), “a linguagem escrita é um uso secundário da oralidade (...). Deste modo, a escrita, enquanto representação oral, está intimamente ligada à própria linguagem oral, o que implica que a mestria da oralidade afeta indubitavelmente o domínio da linguagem escrita” (p.63).

Deus (1997) menciona que “ler é interpretar as mensagens emitidas pelas variadas e diversas formas de expressão. Tem um sentido lato, mas basicamente, é sempre interpretar e compreender” (p.7). E, para que uma criança adquira esta competência, Curto *et al.* (2000) referem que “o papel do professor não é emitir uma mensagem a um aluno passivo, mas acompanhá-lo em seu esforço e no seu processo de aprendizagem” (p.18).

Um dos conteúdos matemáticos explorado pela educadora foi a Geometria, que segundo Matos e Serrazina (1998, citados por Caldeira (2009), “deve constituir

uma experiência geométrica informal e o seu estudo deve estar relacionado com o mundo real. Por isso, os alunos devem ser estimulados a explorar as relações espaciais envolventes e procurar exemplos de relações geométricas no mundo físico”. (p. 410)

27 de janeiro de 2012

Hoje foi dia de eu dar aula durante a manhã, à turma dos 5 anos.

Iniciei o dia com a área de Conhecimento do Mundo, em que o tema foi “Os mamíferos domésticos”. Durante a realização desta aula, apresentei várias imagens, com o auxílio do *Powerpoint*, de diversos mamíferos domésticos. Falei sobre a diferença de mamíferos domésticos e mamíferos selvagens, e sobre as características destes animais. Para terminar a aula de Conhecimento do Mundo, mostrei às crianças uma chinchila, para estas poderem observar diretamente algumas características de que tínhamos falado anteriormente, como foi o caso do pelo, em que estas puderam tocar.

De seguida, coloquei no quadro algumas palavras móveis e realizei a dinamização da leitura, fazendo algumas perguntas, como por exemplo sobre consoantes e vogais, entre outras, para posteriormente ir à Cartilha Maternal com um grupo de três crianças. Por fim realizaram uma proposta de trabalho, que consistia em recortar três figuras de três animais diferentes e colarem-nas noutra folha no sítio correto, isto é, por baixo do nome do animal correspondente. Para isso, as crianças tinham de ler as palavras e identificar o animal antes de colar.

Depois do intervalo, as crianças voltaram para a sala de aula, e eu distribuí por cada mesa, o material 3º e 4º Dom de Fröebel e várias imagens móveis de alguns animais da quinta. Iniciei a aula do Domínio da Matemática fazendo algumas perguntas sobre o material. Posteriormente, pedi às crianças para realizarem as construções da ponte baixa e da camioneta, expondo sempre algumas situações problemáticas, utilizando as imagens móveis.

Inferências e fundamentação teórica

Para esta aula, escolhi os animais “mamíferos domésticos” porque são animais que vivem em nossas casas, dos nossos familiares ou amigos, e que podemos encontrar, diariamente, na rua ou em outros locais onde a criança brinca. Logo, existe uma curiosidade sobre as características e comportamentos destes animais.

Como refere Martins (2009) “os animais e as plantas fazem parte do dia-a-dia das crianças através de um contacto mais ou menos direto, quer seja em casa, no Jardim-de-Infância ou que observem em visitas ao Jardim Zoológico, quintas ou quando fazem um piquenique.” (p. 79)

Quando apresentei a chinchila às crianças, a grande maioria delas gostou bastante de poder observar, mexer e conhecer, mas também devo salientar que algumas crianças sentiram algum receio em mexer no animal.

Acredito que utilizei uma apresentação em *Powerpoint* com imagens bastante apelativas que ilustraram com facilidade o tema abordado.

De acordo com Silveira-Botelho (2009), “tal como em relação a outros materiais, também as novas tecnologias e o seu contributo para esta educação multicultural dependem largamente da atitude e das escolhas do educador” (p.120).

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “a utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré-escolar, pode ser desencadeadora de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário” (p.72).

Saliento a atividade do Domínio de Matemática, e o gosto de trabalhar especialmente com este material estruturado, pois permite-nos fazer construções à medida que incorporamos uma história, ou mesmo casos do nosso dia-a-dia, como aconteceu nesta aula. Enquanto fazia algumas situações problemáticas, as crianças utilizavam as imagens para poder visualizar o problema.

30 de janeiro de 2012

A manhã começou com os alunos a fazerem trabalhos em atraso e a ler lições, com a ajuda das estagiárias, enquanto a educadora dava lições de Cartilha.

De seguida fomos assistir à aula programada da nossa colega ao bibe amarelo.

A minha colega começou por trabalhar com as crianças o 1º Dom de Froebel, perguntando-lhes as cores das bolas e pedindo-lhes que colocassem as mesmas junto de objetos da mesma cor. As crianças estavam sentadas nas cadeiras, em roda, em cima do tapete.

De seguida fez um pequeno jogo, que consistia em colocar as bolas em fila, numa determinada ordem, pedindo a uma criança que olhasse durante um certo tempo para elas. Depois tapava os olhos a essa criança e mudava uma ou mais bolas de lugar. De seguida voltava a tirar a venda à criança, para que esta pudesse descobrir qual a bola ou as bolas que tinham sido trocadas de lugar.

Terminada a aula do Domínio de Matemática, a minha colega sentou as crianças por filas, e os meninos da última fila estavam sentados em cadeiras. Nesta aula, falou sobre as estações do ano, começando por falar no inverno, estação em que estávamos.

De seguida passou para a Estimulação à Leitura, que não chegou a dar, por falta de tempo.

Depois dos 15 minutos da manhã, as estagiárias encontraram-se com as orientadoras para a reunião habitual, após as aulas assistidas.

Inferências e Fundamentação Teórica

A Cartilha Maternal consiste num método em que a aprendizagem é progressiva, cabendo ao docente transmitir noções claras. O ambiente criado em torno da Cartilha Maternal é extremamente importante, uma vez que as crianças se encontram numa situação de aprendizagem. É necessário criar um clima descontraído, mesmo às crianças que têm mais dificuldades é preciso que estas sintam que são capazes de ler. É essencial ajudá-las a ultrapassar as suas dificuldades.

Segundo Deus (1997)

diz-se, por vezes, que não é fácil apreciar as qualidades dum Método de Leitura, mas se tivermos em conta os resultados obtidos, temos uma boa base para um juízo de valor. A experiência feita ao longo de muitos anos e a taxa de sucesso conseguida mesmo em casos difíceis representam uma afirmação de qualidade difícil de negar. (p. 9)

Ruivo (2009) afirma que no Método João de Deus, a criança é levada a participar num jogo, do qual vai aprendendo regras e vai evoluindo de uma forma construtivista. O processo inicia-se com a visão das letras, seguindo-se os sons correspondentes, a leitura de palavras e a pronúncia destas como entidades globais com significado próprio. (p. 131)

Segundo Lopes (2006), estimular e desenvolver a linguagem consiste em “promover o desenvolvimento cognitivo, afectivo, as relações humanas e o bem-estar físico e mental não só do indivíduo como da comunidade em que está inserido” (p.11). O mesmo autor ainda menciona que o gosto pela leitura e pela escrita deve ser criado desde muito cedo, desta forma as crianças “quanto mais e melhores palavras ouvirem nestas idades mais aptas estarão para aprender novas e mais exigentes palavras, frases e textos” (p.65).

Durante as lições de Cartilha pude verificar que as crianças aprendem com naturalidade e com alegria.

31 de janeiro de 2012

Hoje foi dia de aula programada da minha colega. Começou pela área de Conhecimento do Mundo, em que o tema foi os mamíferos selvagens, lembrando a aula que eu dei anteriormente sobre mamíferos domésticos. Mostrou um *Powerpoint* às crianças, com várias imagens de mamíferos selvagens, lembrando as características destes animais.

De seguida passou para a Dinamização da Leitura, colocando dum lado do quadro imagens e, do outro, palavras. Cada criança tinha também, no seu lugar, uma folha com as mesmas imagens e as mesmas palavras. Enquanto a colega chamava uma criança ao quadro, para ler a palavra e fazer correspondência à imagem, as outras crianças ligavam as palavras às imagens correspondentes, nos seus lugares.

De seguida, pediu ajuda a duas crianças para distribuírem pelos colegas uma proposta de trabalho, enquanto a minha colega dava Cartilha a três crianças. Na Lição da Cartilha, a colega fez a revisão da lição do “r” e deu a lição do “z”.

Depois, terminou a sua manhã com a aula do Domínio da Matemática, trabalhando o material estruturado Calculadores Multibásicos. Durante esta aula, a ela trabalhou vários conceitos como a dezena, meia dezena e a dúzia. Fez algumas situações problemáticas, em que pedia a algumas crianças que a fossem resolver ao quadro, não esquecendo os dados, a indicação e a operação.

Inferências e Fundamentação teórica

Nem todas as instituições de ensino dispõem do recurso a materiais manipulativos estruturados.

Cada Calculador Multibásico é formado por três placas de plástico, duas de cor igual e a terceira diferente, cada uma com cinco orifícios alinhados em comprimento, e por um conjunto de cinquenta peças que encaixam estrategicamente nos orifícios e umas nas outras, de seis cores diferentes, dividindo-se em dez peças amarelas, treze peças verdes, treze peças encarnadas, dez azuis peças, duas peças cor-de-rosa e duas peças de cor lilás.

Segundo Damas *et al.* (2010), os Calculadores Multibásicos são um material manipulável estruturado composto por “placas com cinco orifícios onde são colocadas peças de cores diferentes. Em cada orifício só é possível colocar peças de uma só cor, que resultam dos agrupamentos efectuados, atendendo ao código de cores negociado entre o Professor/Educador e os alunos” (p.40). Por isto, é importante que as crianças compreendam o sistema de numeração decimal e as estruturas que envolvem as operações aritméticas.

Ao utilizar este material, a educadora está a preparar as crianças para realizarem, no futuro, exercícios de cálculo mental. A utilização deste material, Calculadores Multibásicos, facilita um percurso da aprendizagem, trabalhando a transmissão de conceitos concretos e abstratos, promovendo a visualização.

De acordo com Moreira e Oliveira (2003), “o pensamento e conhecimento matemático realiza-se, de um modo geral, quando existem desafios plausíveis e com significado e se procura compreendê-los ou dar-lhes resposta, desenvolvendo estratégias, falando com os outros, relacionando ideias e inquirindo” (p.57).

De acordo com Caldeira (2009), o interesse pedagógico deste material passa pela

exploração de atributos; associação e comparação; contagem de quantidades; ordenação; jogos em várias bases; compreensão do sistema decimal; valores de posição (classes e ordens); leitura de números inteiros; introdução da base decimal (e actividades com outras bases); operações aritméticas (e provas); situações problemáticas. (p.188)

3 de fevereiro de 2012

Hoje foi dia de aula programada da minha colega de estágio. Iniciou a aula, com a área de Conhecimento do Mundo, em que falou sobre a borboleta. Falou sobre algumas características deste animal, das suas fases de vida, mostrando sempre imagens.

De seguida, realizou a Dinamização da Leitura, utilizando várias palavras móveis, referentes ao tema dado anteriormente. Posteriormente deu uma lição de Cartilha a um grupo de três crianças.

Para terminar, distribuiu por cada duas crianças uma caixa do material Cuisenaire. Esta aula teve como objetivo fazer um itinerário, em que a criança tinha de ajudar a borboleta a chegar até à flor.

Inferências e Fundamentação Teórica

O material estruturado Cuisenaire é, tal como qualquer outro material manipulável, destinado à criança como investigador, mas para que a descoberta produza resultados positivos é essencial que, de acordo com Caldeira (2009) os professores conheçam “as potencialidades e a utilização dos materiais manipulativos de forma a não condicionar as suas práticas e adequar tarefas que permitam um papel activo, adequado e reflexivo na construção do saber”. (p. 127) Assim, o aluno explora e constrói conceitos matemáticos de forma consciente.

A matemática adquirida no pré-escolar é, muitas vezes, a mais lúdica e concreta que se vê no ensino. De acordo com esta teoria, Nabais (s.d.) refere que numa matemática

cujas bases são apenas símbolos e fórmulas e cujo processo de desenvolvimento é apenas dedutivo logo a partir das primeiras classes, não há verdadeiramente lugar para uma verdadeira «abstracção». Nos símbolos e fórmulas pouco ou nada existe que se possa «abstrair». (p. 4)

6 de fevereiro de 2012

Hoje a manhã iniciou-se com a educadora a dar lições de Cartilha a vários grupos de crianças. Terminadas as lições, as crianças realizaram a “escrita de palavras”. Cada criança tinha uma folha dada pela educadora, cujo objetivo era escrever várias vezes as palavras escritas por esta.

Depois do recreio, a educadora pediu-nos para distribuir por cada mesa o material 3º e 4º Dom de Froebel. Como era para avaliar as crianças, em relação às construções, as minhas colegas e eu não pudemos ajudar nenhuma criança. Durante esta aula foi-lhes pedido para fazerem as construções da ponte baixa, da ponte alta, da mobília de quarto, da mobília de sala, da camioneta e do poço.

Inferências e Fundamentação Teórica

A ida à Cartilha Maternal torna-se assim uma rotina diária das crianças de 5 anos. Se elas, todos os dias, forem à Cartilha Maternal, com o seu grupo, segundo Deus (1997) “geralmente em noventa lições, se for dada uma lição curta todos os dias, sem interrupção, o aluno ficará a ler em cerca de três, quatro meses.” (p.24)

Durante a lição de Cartilha, a educadora mostrou-se sempre afetiva com as crianças e motivava-as cada vez que liam uma palavra. Concordo que as crianças sejam estimuladas para a leitura antes da entrada para o 1.º Ciclo e penso que o Método de Leitura João de Deus é o ideal para o fazer, por diversas razões, mas principalmente por respeitar o ritmo de aprendizagem de cada criança. De acordo com a metodologia João de Deus, as crianças iniciam a aprendizagem da leitura e da escrita aos cinco anos de idade, na educação pré-escolar. Viana (2002), citada por Ruivo (2009) refere que: “Ler é interpretar as mensagens omitidas pelas variadas e diversas formas de expressão” (p.64). A mesma autora refere ainda que a base do Método João de Deus é a análise da Língua, elaborada através de um processo que se baseia num raciocínio lógico. Para as crianças, a descoberta de valores e regras a

aplicar é um jogo que vão descobrindo aos poucos, de um modo construtivista, que lhes dá muito prazer, facilitando assim a aprendizagem da leitura e escrita.

A letra bicuda é uma característica do Método João de Deus que se prende com o tipo de caligrafia nele inerente.

Ruivo (2009) cita João de Deus e afirma que:

o aspecto geral da escrita adoptada resulta da sua forma angulosa. Assim, cada traço – recto ou levemente curvo – permite que o aluno veja a letra por partes, proporcionando-lhe uma caligrafia consciente e equilibrada, o que não quer dizer que oportunamente se não arredonde a letra, ponto de partida para a outra mais variada e mais perfeita. (p.129)

Assim sendo, a letra bicuda tão característica do Método João de Deus, é uma fase de transição.

7 de fevereiro de 2012

Hoje foi dia de visita de estudo ao Aquário Vasco da Gama.

Inferências e Fundamentação Teórica

Nesta visita de estudo foi possível verificar que as crianças estavam bastante entusiasmadas e curiosas com o que iam ver.

Segundo Varela (2009), “a utilização dos espaços exteriores à escola, no âmbito das visitas de estudo inseridas no currículo escolar, constitui uma oportunidade para promover a literacia científica dos alunos, porque pode proporcionar aprendizagens diversificadas no domínio cognitivo, afectivo, social e psicomotor” (p.4).

A visita de estudo foi interessante e as crianças mostraram-se muito entusiasmadas, apesar da visita guiada ter sido um pouco extensa, e de ter havido momentos em que a linguagem não estava adaptada à faixa etária. O nosso guia (do grupo onde estava) falava também um pouco baixo e bastante rápido, o que se tornava mais complicado para as crianças o perceberem.

De acordo com a Unesco (1986, citada por Almeida, 1998), em qualquer visita de estudo devem ser realizadas algumas paragens, para repouso, alimentação, lazer ou com a finalidade de fazer um ponto da situação “sistematizando o já observado e que se pode traduzir no completar de uma ficha de trabalho ou num registo no livro de campo, ou apenas no relembrar de algumas recomendações” (p.52).

Para além de ser bem planeada, a visita de estudo deve incluir diversos momentos de aprendizagem e formas de avaliação.

Galvão *et al.* (2006) declaram que “uma visita de estudo constitui um processo faseado, envolvendo a preparação prévia na aula, a concretização de várias tarefas no local a visitar e o tratamento da informação recolhida, novamente na escola” (p.10).

10 de fevereiro de 2012

Durante o dia de hoje, a educadora pediu-nos (às três estagiárias) três aulas-surpresa. Primeiro deu aula, uma das minhas colegas, uma aula de Matemática com o material 3º e 4º Dom de Fröebel. Durante a aula, a minha colega pediu às crianças para realizarem algumas construções, fazendo situações problemáticas referentes a cada uma delas.

De seguida, foi a minha vez de dar aula e fiz Dinamização da Leitura, com algumas palavras móveis. Para terminar, a minha outra colega também fez Dinamização da Leitura, mas desta vez utilizando desenhos.

Inferências e Fundamentação Teórica

Chamamos a *aulas surpresa* a todas aquelas lições e atividades que os alunos estagiários têm de preparar no momento em que uma professora orientadora de prática pedagógica ou a educadora titular de turma propõem um tema, material ou estratégia para a sua realização nos próximos 20/30 minutos da solicitação.

É uma “prova” necessária e eficaz, que faz transparecer, até certa medida, as qualidades educacionais e humanas da pessoa, tal como descreve Pereira (1998) “para ser eficiente, tem de recorrer a uma vasta gama de competências pedagógicas e a qualidades humanas de empatia, paciência e humildade, que complementem a sua autoridade”. (p.62)

1.4. 4.ª Secção: Estágio Intensivo

De 27 de fevereiro a 2 de março

Durante esta semana de estágio intensivo, estive numa creche. Durante esta semana não estive sozinha, pois também lá estavam mais quatro colegas de turma. Quase todos os dias mudámos de sala, para que pudéssemos contactar com crianças de várias faixas etárias.

No primeiro dia, fiquei na sala das crianças de dois anos, onde pude assistir à educadora a contar uma história. Depois desta, a educadora conversou um pouco com as crianças. Durante o resto do dia, as crianças ouviram música e brincaram.

Nos dois dias seguintes, estive no berçário, onde tive a oportunidade de mudar fraldas, de brincar com as crianças e de lhes dar de comer.

Nos dois últimos dias da semana, fiquei na sala de 1 ano. Nesta sala as crianças ouviram uma história, que falava sobre diversos animais. A educadora no final desta, aproveitou para perguntar às crianças, os sons dos diversos animais falados. Nesta sala também mudei fraldas e brinquei bastante com as crianças.

Inferências e Fundamentação Teórica

Começo por referir que gostei bastante desta semana, pois apesar de gostar das outras faixas etárias, estas três, principalmente a sala de um ano, para mim, são das mais interessantes, pois é onde as crianças começam a despertar para a vida, como a andar, a falar, a comer sozinhas, a pedir para irem à casa de banho, entre outras coisas. Conseguimos ver os primeiros passos das crianças para se integrarem na nossa sociedade.

A creche, para muitas crianças, é espaço de transição entre a família e a escola. É durante esta etapa da sua vida, que a criança estimula o seu desenvolvimento quer pessoal, quer social, pois é durante esta etapa da sua vida que aprende a trabalhar e a conviver em grupo.

Os educadores de infância, que trabalham numa creche têm um papel bastante importante na vida destas crianças que a frequentam, pois são eles os responsáveis pelo bem-estar destas, e também são eles que proporcionam um ambiente agradável para o seu perfeito desenvolvimento.

Barbosa (2001) refere que é essencial que os:

educadores percebam que na Creche é fundamental saber esperar pelas manifestações do bebé, escutá-lo para o seguir com atenção, estabelecer e saber manter contacto ocular tendo a preocupação de agir com os cinco sentidos, ajudando, também aqui, a criança a desenvolver-se saudavelmente. (p.113)

Mas não é só para o bem-estar das crianças que os educadores numa creche trabalham.

Segundo Portugal (1998) “Sabemos que a creche, além de constituir um serviço à família, pode responder às necessidades educativas dos mais pequenos.” (p. 124)

Logo, a creche não se preocupa só com o bem-estar das crianças, como proporciona também um ambiente educativo, onde existem atividades lúdicas de acordo o desenvolvimento de cada criança, de cada faixa etária.

Tal como se deve transmitir confiança às crianças, deve-se também incutir confiança aos pais, que, muitas vezes, deixam os seus bebés “sozinhos” pela primeira vez.

1.5. 5.ª Secção: Estágio 4.º Ano A

1.5.1. Período de Estágio: 5 de março a 27 de abril de 2012

1.5.2. Caracterização do grupo:

Esta turma é formada por 18 rapazes e 8 raparigas, totalizando 26 alunos. Entre eles, estão referenciados e de acordo como professor de turma, uma criança com síndrome de Asperger e outra com hiperatividade e défice de atenção.

A turma, em termos de comportamento, é bastante heterogenia devido à discrepância entre géneros. Há muitos rapazes e são bastante agitados e as raparigas acompanham muitas das suas brincadeiras em sala de aula. Existe um pequeno grupo de crianças que apresenta algumas dificuldades e por isso são acompanhados por uma professora de apoio especial. Apesar disso, estão todos integrados na Metodologia do Jardim-Escola, evidenciando os benefícios inerentes a este tipo de aprendizagem.

1.5.3. Caracterização do espaço:

Esta sala de aula tem apenas uma porta de entrada, e uma das paredes laterais, preenchida por janelas, por isso é bastante iluminada. Os alunos encontram-se sentados em pares e, a disposição das mesas está feita em filas. Na sala, é possível observar pequenos trabalhos expostos que os alunos realizam na aula de Expressão Plástica. Esta sala está equipada com um quadro interativo e um quadro de giz. Junto ao quadro interativo, está a secretária da professora. Na parede existe também, um conjunto de cabides, devidamente identificados, onde os alunos arrumam as malas, mochilas e casacos.

Segundo Vieira (2005) “as salas de aula são, por excelência, o espaço onde professores e alunos passam grande parte do seu tempo e é neste contexto que interagem entre si”. (p. 39) Tendo em conta a organização do espaço e que, cada faixa

etária, enquanto grupo de crianças, têm diferentes tipos de necessidades no seu desenvolvimento, as salas de aula estão organizadas consoante essas necessidades.

1.5.4. Rotinas:

Como já referi, é essencial para o desenvolvimento das crianças que estas sejam sujeitas, desde cedo, a rotinas que fomentem o seu crescimento, sendo tão importantes para crianças de três anos como para os alunos do 4º.ano.

As crianças do 1º Ciclo não participam na roda das canções no salão com as crianças do Pré-Escolar. Estas quando chegam ao jardim-escola vão diretamente para o ginásio, onde brincam até as professoras chegarem. Depois, as crianças são encaminhadas pelas suas professoras até às casas de banho, logo de seguida são encaminhadas para sala onde começam mais um dia de aulas.

Ao chegarem à sala, a primeira tarefa dos alunos consistia em terminar os trabalhos em atraso. Posteriormente a professora iniciava as suas aulas. A meio da manhã, a turma fazia uma pausa, para lanchar e brincarem no espaço exterior, sempre que as condições atmosféricas o permitem. Assim que são chamados pelas professoras, vão novamente à casa de banho, e mais tarde para a sala onde permanecem até à hora do almoço.

1.5.5. Horário:

O horário desta turma está estabelecido entre as 9h e as 17h. Na parte da manhã os alunos têm as áreas de Língua Portuguesa, Matemática e, às sextas-feiras, atividades experimentais no Clube de Ciências. O período de aulas da parte da manhã termina por volta das 12h50, hora a que os alunos se preparam para irem almoçar. No período da tarde, são lecionadas as áreas de Educação Física, História, Expressão Plástica, Estudo do Meio, Inglês, Música, Área de Projeto, Estudo Acompanhado e, ainda Biblioteca e Assembleia de Turma. O dia de aulas finda às 17h.

É importante referir que todas as turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico continham nos seus horários uma hora semanal de “Clube de Ciências”.

Relatório de Estágio Profissional

Quadro 8 – Horário do 4.º Ano - A

4º Ano - A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-10.00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10.00-11.00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11.00-11.30	RECREIO				
11.30-12.00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12.00-12.50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Clube das Ciências
13.00-14.30	ALMOÇO E RECREIO				
14.30-15.20	Educação Física	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Música	Estudo do Meio
15.20-16.10	Expressão Plástica	História	Inglês	Biblioteca	História
16.10-17:00	Expressão Plástica	Estudo do Meio	História	Área Projeto	Assembleia de Turma
16:00-16.25	SAÍDA				

Horário sujeito a alterações

Relatos Diários

5 de março de 2012

Depois de terem escrito o sumário de Língua Portuguesa, a professora pediu aos alunos para iniciarem a leitura do texto *Momento alto da Humanidade*, de Regina Coelho. Posteriormente, os alunos realizaram exercícios de gramática acerca do texto trabalhado.

Depois do recreio e já de regresso à sala de aula, os alunos realizaram uma ficha de exercícios, individualmente, de preparação para a prova de aferição.

6 de março de 2012

Logo no início da manhã, distribuímos pelos alunos uma caixa do material Cuisenaire, com o qual a professora abordou a área, o volume e as potências.

Antes de irem para o intervalo, a meio da manhã, a professora disse as notas da prova de português e de matemática.

Após virem do intervalo, entraram na sala, abriram o cabeçalho e escreveram o sumário. De seguida, procederam à realização de uma cópia para avaliação do texto *Isabel*, de Sophia de Mello Breyner Andresen.

Inferências e fundamentação teórica

O material utilizado nesta aula, é um material, com o qual o professor pode trabalhar diversos conteúdos.

Palhares e Gomes (2006, citados por Caldeira, 2009) nomeiam que:

a utilização do material Cuisenaire estende-se a vários conteúdos entre os quais se destacam: fazer e desfazer construções, fazer construções a partir de representações no plano, (...), medir áreas e volumes, trabalhar simetrias, (...), estudar frações e decimais, estudar as propriedades das operações, (...). (p.129)

Durante a aula, a professora falou de três conteúdos matemáticos diferentes, já referidos anteriormente, fazendo sempre uma ligação entre eles.

9 de março de 2012

A professora chegou à sala e, com os alunos sentados, distribuiu fichas de trabalho realizadas anteriormente, para correção.

Depois a professora procedeu à leitura, interpretação e funcionamento da língua oral do texto *Isabel*, de Sophia de Mello Breyner Andresen e, de seguida, os alunos realizaram um ditado do mesmo texto.

Após o intervalo, os alunos resolveram exercícios, cuja finalidade era de revisão para a prova de matemática.

Inferências e fundamentação teórica

A leitura é fundamental para todos os anos do 1º Ciclo do Ensino Básico. É importante que esta prática seja diária. Não só a leitura silenciosa mas também a leitura em voz alta para a turma.

Para Purcell-Gates (1996, citado por Teberosky e Colomer, 2003):

as leituras em voz alta também têm efeitos positivos sobre o desenvolvimento de aspetos não linguísticos. Assim, (...), facilitam o conhecimento das funções da escrita, ao mesmo tempo em que favorecem a aprendizagem das convenções e dos conceitos relativos ao material impresso. (p.21)

Este tipo de leitura, não só permite o próprio aluno ouvir-se, como também, permite a professora corrigir os erros que estes dão enquanto estão a ler. A leitura de texto em voz alta é uma atividade social que permite dar voz e significado a um texto.

12 de março de 2012

No início da manhã, a professora de apoio foi à sala chamar três alunos, para os ajudar nos trabalhos que tinham em atraso.

Durante a manhã, os restantes alunos tiveram Avaliação de Composição. A professora começou por distribuir, por cada um, uma folha. Essa folha continha um mapa de histórias, isto é, no centro da folha havia um retângulo maior, onde tinha escrito a personagem principal e, desse mesmo retângulo, saíam vários caminhos diferentes, em que os alunos tinham de escolher os que queriam para elaborar a sua história.

Depois de distribuir as folhas pelos alunos, explicou em que consistia este exercício, lendo os vários caminhos possíveis.

Depois do recreio, os alunos sentaram-se nos seus lugares e abriram a folha de Matemática. Depois, a professora começou a falar de expressões numéricas, explicando o que eram e quais as regras para as resolver. Enquanto explicava as regras, mostrava exemplos no quadro para ser mais fácil a compreensão dos alunos.

Por fim, chamou ao quadro aqueles que estavam com maior dificuldade e ajudou-os a resolver alguns exercícios.

Inferências e fundamentação teórica

É de facto muito importante que os alunos compreendam a tarefa que lhes é solicitada, cabendo ao professor o papel de dar informações claras e concisas, tal

como refere Contente (1995), “dar uma indicação ao aluno do que lhe é exigido é uma metodologia fundamental que o professor deve ter sempre presente para a exigência que ele vai ter na avaliação que efectuar às actividades elaboradas pelos alunos.” (p. 44)

É de salientar que o professor deve diversificar as formas de escrita que apresenta à criança, para que esta se habitue a escrever de uma forma mais variada.

Contente (1995), refere que “pode solicitar-se aos alunos textos escritos muito diversos, que podem ajudar à facilitação e diversificação da escrita.” (p. 35)

De acordo com Azevedo (2000):

a escrita constitui um sistema de símbolos gráficos, pressupondo a intervenção da percepção visual e a utilização de um sistema motor particular, ativando zonas do cérebro que não atuam na fala. Sendo uma atividade com carácter consciente, o seu exercício implica uma atitude metalinguística, pois é necessário reestruturar de outra forma todo o saber linguístico até então adquirido. (p.42)

13 de março de 2012

Hoje foi dia de Prova de Avaliação de Português do 2º Período.

Antes de distribuir a prova pelos alunos, a professora fez algumas revisões da matéria. Depois, começou por distribuir as provas pelos alunos. Quando já todos tinham a prova na mesa, a professora leu o texto em voz alta. De seguida os alunos começaram a realizar a prova.

Chegada a hora do recreio, alguns alunos ainda não tinham terminado, por isso pararam de fazer a prova e foram ao recreio. Depois voltaram para a sala de aula onde continuaram a realização da prova.

À medida que terminavam, iam abrindo a folha de Matemática escrevendo o sumário e passando os exercícios de revisão para a Prova de Avaliação de Matemática do 2º período.

Inferências e fundamentação teórica

A avaliação é um instrumento fundamental na prática pedagógica, pois é um registo que permite obter informação sobre o progresso dos alunos e o estado atual das suas aquisições.

Estanqueiro (2010) considera “os testes como o instrumento mais objetivo, mais simples e mais rápido para se obter dados sobre a aprendizagem do aluno. Um teste permite medir, com rigor aproximado, o nível de desempenho do aluno. Possibilita verificar o que o aluno aprendeu e o que ainda não sabe.” (p.93)

Morgado (1999) afirma que “os procedimentos e dispositivos de avaliação traduzem uma concepção de educação e de ensino/aprendizagem” (p. 62)

Na minha opinião, a professora deveria ter lido, com os alunos, toda a prova, antes destes a iniciarem.

Os Programas de Português do Ensino Básico, ME, (2009) definem leitura como:

o processo interactivo que se estabelece entre o leitor e o texto, em que o primeiro apreende e reconstrói o significado ou os significados do segundo. A leitura exige vários processos de actuação interligados (decifração de sequências grafemáticas, acesso a informação semântica, construção de conhecimentos, etc.) (p.16)

Num momento de avaliação, muitas vezes, os alunos encontram-se mais apreensivos, nervosos e com mais dificuldades. A professora, ao ler-lhes a prova, possibilitava, que estes retirassem dúvidas, quanto a algumas palavras ou alguma frase que não entendessem tão bem. Assim, evitava que os alunos se levantassem tantas vezes a fazer as mesmas perguntas, durante a prova.

Penso que a ida ao recreio, a meio da prova, pode ter prejudicado um pouco os alunos, pois quando voltaram para a sala, vinham cansados e já nem pensavam na prova. Houve uma quebra na realização desta prova.

16 de março de 2012

Para iniciar esta manhã, a professora distribuiu, por todos os alunos, uma folha com um poema. De seguida, leu o poema e fez algumas perguntas de revisão, como por exemplo:

- O que é uma estrofe?
- Quantas estrofes tem este poema?
- Quantos versos tem a estrofe?

Terminadas as revisões, a professora pediu que fizessem um poema “palavra puxa palavra”. Este exercício consistia em fazerem um poema, em que a última palavra de cada verso fosse igual à primeira palavra de cada verso seguinte. Depois de explicado o exercício, os alunos mostraram-se bastante entusiasmados e começaram a fazer. Podemos ver alguns dos exercícios elaborados por três alunos.

A árvore é grande	O Mundo	Cores de sentimentos
A árvore é grande	A escola é grande	Para pintar é preciso cores
Grande como um gigante	Grande é o mundo	Cores coloridas
Gigante que é muito feio	Mundo é onde nós vivemos	Coloridas como as flores
Feio não é ser bonito	Vivemos muito mal	Flores que deixam as abelhas divertidas
Bonito como uma flor.	Mal é a crise	
	Crise só traz desgraças	Divertidas são anedotas
Flor a minha mãe se chama	Desgraça é hoje	Anedotas de morrer a rir
Chama é muito ardente	Hoje não é futuro	Rir com os amigos
Ardente como o fogo	Futuro é imprevisível.	Amigos que são de confiança
Fogo já é quente		
Quente é o contrário de frio		Confiança tenho eu
Frio é muito gelado		Eu em toda a família
Gelado adoro muito.		Família que adoro
		Adoro do fundo do coração.

Fig. 1. Exercícios elaborados pelos alunos.

Depois do recreio, voltaram para a sala de aula e abriram a folha de Matemática. Durante o resto da manhã, fizeram avaliação de operações. A professora distribuiu, por cada aluno, uma ficha que continha quatro exercícios, que consistiam em operações com números decimais, divisão (com três algarismos no divisor), multiplicação, adição e subtração. À medida que iam terminando, iam fazendo os trabalhos que tinham em atraso. Enquanto isso, as minhas colegas e eu ajudávamos a professora a arrumar os trabalhos dos alunos nos seus respetivos dossiers.

Inferências e fundamentação teórica

Para que as crianças adquiram as competências de leitura e escrita é necessário que se criem atividades que fomentem a aquisição das mesmas.

Segundo o Ministério da Educação (2006) é na área de Língua Portuguesa, no parâmetro da Comunicação Escrita no 4.º ano do Ensino Básico, que o aluno deve desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura. (p. 154) Para isso, define que dois dos critérios que expandem este parâmetro é o de “experimentar diferentes tipos de escrita, com intenções comunicativas diversificadas, requeridos pela organização da

vida escolar e pela concretização de projetos em curso” e o de “organizar textos próprios e alheios segundo critérios diversificados (temática, prosa, poesia).” (p. 154)

É bastante importante que a professora incentive os seus alunos a resolverem exercícios matemáticos de diversas formas, para que estes possam desenvolver estratégias diversificadas para a captura dos conceitos e sua resolução.

Segundo Ponte e Serrazina (2000):

a compreensão global dos números e das operações bem como a sua utilização de maneira flexível para fazer julgamentos matemáticos, desenvolve estratégias úteis de manipulação dos números e operações. O reconhecimento e a utilização de diferentes formas de representação das operações são um facilitador de apreensão de conceitos.(p. 135)

19 de março de 2012

Hoje foi dia de Prova de Avaliação de Estudo do Meio.

Antes de realizarem a prova, a professora fez algumas revisões da matéria. De seguida distribuiu-as pelos alunos. Depois do recreio, já em sala de aula, a professora disse oralmente as notas da Prova de Português. De seguida, fez a correção da prova e no final, pediu aos alunos, com as melhores composições, para lerem em voz alta para os seus colegas.

Inferências e fundamentação teórica

Este tipo de avaliação, o teste, segundo Azevedo (2000) é “usada durante o processo de ensino-aprendizagem, tem por função fornecer *feedback* ao aluno e ao professor, quanto à evolução do aluno numa determinada unidade”. (p. 136) Assim sendo, esta ferramenta de avaliação torna-se útil na medida em que fornece informações individuais e restritas a determinados conteúdos.

A professora, depois de dizer as notas das avaliações, disse-lhes que, de um modo geral, estas estavam bastante positivas. Fez questão de elogiar algumas das crianças.

Cury (2004) salienta que “o elogio alivia as feridas da alma, educa a emoção e a auto-estima. Elogiar é encorajar e realçar as características positivas.” (p.144)

Foi notória a alegria de algumas crianças, ao serem elogiadas perante os seus colegas.

20 de março de 2012

Hoje foi dia de visita de estudo ao Teatro Politeama ver o musical “Pinóquio” de Filipe La Faria.

Inferências e fundamentação teórica

As visitas de estudo contribuem, de uma forma positiva, para a aprendizagem das crianças, permitindo que estas se recordem daquilo que foi vivenciado, pois as emoções e os acontecimentos são vividos pelas próprias crianças. Tal como afirma Falk (1983, mencionado por Almeida, 1998) “as aprendizagens cognitivas em locais fora da escola são perenes, ou seja, são recordadas por um período longo sendo ainda lembradas do ponto de vista afetivo”. (p. 59)

As crianças devem ir ao teatro desde os três anos; para Cordeiro (2007) esta atividade traz inúmeros benefícios para os alunos, alguns deles são:

apreciação do teatro como experiência estética; progressiva consciencialização dos valores culturais e sociais; desenvolvimento da idade de que é possível contar histórias aliciantes com cenários pequenos; tirar a ideia do «pronto a comer» dos efeitos especiais que abundam nos filmes, mostrando que uma pessoa, sem mais nada, tem tudo o que precisa para encarar os outros durante largo tempo; partilha de uma forma de arte comunitária das mais antigas; entre outras. (p. 424)

As visitas de estudo assumem, portanto, uma mais-valia para o processo de ensino-aprendizagem das crianças.

Como já referi anteriormente, as visitas de estudo são fundamentais para a aquisição de novos conhecimentos, mas têm também importância noutros aspetos. É, por vezes, nestas saídas do contexto escolar que o docente se apercebe de certas condutas dos alunos. Tal como refere Almeida (1998) “o professor pode, durante a visita, ser mais observador dos comportamentos dos seus alunos, estabelecendo-se qualquer indício de directividade na dinâmica de grupo”. (p. 55) Isto permite-lhe que, ao observar comportamentos desajustados, possa intervir eficazmente na resolução dos mesmos.

No final, os alunos estavam bastante entusiasmados, pois tinham gostado muito das músicas e da peça em si.

23 de março de 2012

No primeiro momento da manhã, os alunos leram um texto e responderam a algumas perguntas de interpretação e de gramática, oralmente. De seguida, os alunos, que tinham trabalhos em atraso, tiveram de os acabar neste dia, pois era o último dia de aulas, antes das férias da Páscoa.

Depois do intervalo, os alunos sentaram-se nos seus lugares, à espera da professora do “Clube de Ciências”. O tema desta aula foram os “condutores da corrente elétrica”. Para isso, os alunos tiveram de se dividir em grupos e eleger um chefe do grupo. Depois de cada grupo ter o protocolo experimental e os materiais necessários, a professora pediu que lessem os objetivos e os procedimentos.

Depois da experiência terminada, os alunos responderam a algumas perguntas sobre as conclusões da mesma.

Inferências e fundamentação teórica

É importante criar nas crianças hábitos de leitura. Segundo Magalhães (2008), “durante a infância a insistência de atividades regulares aparenta ser bem mais fecunda do que em qualquer outra idade, a promoção de uma regularidade de leitura junto deste grupo etário torna-se, indiscutivelmente, uma aposta promissora” (p. 58)

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos também fizeram análise gramatical. Cavacas *et al.* (1991) afirmam que “entende-se por gramática, não o conjunto de regras abstratas, mas um sistema estruturado, organizado, dos elementos da língua”. (p. 265)

O Clube de Ciências é uma das atividades curriculares não disciplinares que apresenta, também, um papel essencial para a educação dos alunos, permitindo-lhes uma educação mais ampla, abrangente e complexa.

A possibilidade de, todas as semanas, as crianças poderem ter uma aula do “Clube de Ciências”, permite-lhes constatar a aprendizagem teórica e prática sobre as Ciências.

Martins *et al.* (2007) citam que:

as tarefas de carácter prático sempre foram consideradas importantes para as crianças, sobretudo para as mais novas, como forma de potenciar o seu envolvimento físico com o mundo exterior, aspecto crucial para o desenvolvimento do próprio pensamento, conforme comprovado por Piaget. (p.38)

Embora seja favorável a interação das crianças com diferentes materiais, objetos e observações, os mesmos autores dizem que:

não é a simples manipulação de objectos e instrumentos que gera conhecimento. É necessário questionar, reflectir, interagir com outras crianças e com o professor, responder a perguntas, planejar maneiras de testar ideias prévias, confrontar opiniões, para que uma actividade prática possa criar na criança o desafio intelectual que a mantenha interessada em querer compreender fenómenos, relacionar situações, desenvolver interpretações, elaborar previsões. (p.38)

Segundo Pato (1995) refere que:

O trabalho de grupo é componente indispensável numa postura metodológica que vise aprendizagem e desenvolvimento.

Com trabalho de grupo é possível, numa turma, ter em conta diferentes estádios de desenvolvimento cognitivo e afectivo dos alunos, respeitar ritmos diferenciados de pensamento e de acção, valorizar processos complexos de pensamento e melhorar a aquisição de competências.” (p.9)

É importante cada grupo ter um chefe, pois será ele que vai disciplinar os alunos, enquanto grupo. No final da aula, é ele que vai avaliar o comportamento do seu grupo. É muito interessante porque no final, os alunos têm a noção de como se portaram durante a aula, referindo os aspetos positivos e os menos positivos.

10 de abril de 2012

Neste dia (primeiro dia do terceiro período) apresentaram-se nesta turma mais duas colegas para estagiar nesta turma (1º e 2º ciclo).

A professora começou a manhã por perguntar como tinham corrido as férias. Depois da pequena conversa, abriram a folha de Matemática e escreveram o sumário (exercícios de revisão).

Posteriormente, a professora escreveu os exercícios no quadro, para os alunos irem copiando para o caderno e resolverem.

Quando terminaram, a professora fez a correção, pedindo aos alunos para responderem oralmente ou irem ao quadro responder, em caso de operações.

Depois do recreio, sentaram-se nos respetivos lugares e abriram a folha de Português, onde fizeram a correção de uma prova de aferição (treino para a prova de aferição). Todas as crianças leram um parágrafo do texto, voltando ao início sempre que necessário.

Quando todos já tinham lido, a professora fez a leitura modelo e, de seguida, começou a fazer a correção da prova, oralmente.

Durante a correção, alguns dos alunos ao responderem não davam respostas completas e a professora exigia sempre que eles voltassem a responder com respostas completas.

Inferências e fundamentação teórica

A aula na área da Matemática ocupou na sua grande parte da manhã. Esta área assume um papel importante no desenvolvimento das aprendizagens dos alunos, uma vez que estará sempre presente no dia-a-dia destes futuros cidadãos. Esta não se destina, tal como referem Matos e Serrazina (1996) “a formar matemáticos, mas sim pessoas que possuam uma cultura matemática que lhes permita aplicar a matemática nas suas atividades e na sua vida diária”. (p. 22) Por isso a Matemática e

as suas aplicações, segundo a APM, (1988, citada por Matos e Serrazina, 1996) “devem ocupar um lugar relevante no conjunto das atividades de aprendizagem, em todos os níveis de ensino”. (p. 26)

Para mim é bastante importante que as correções das provas sejam realizadas com os alunos. Deste modo, os alunos têm uma maior perceção do que erraram e podem tirar as suas dúvidas, de imediato ou, caso tenham alguma resposta incompleta, saber o porquê, o que faltou para que a resposta estivesse completa. Durante a correção, a professora pedia sempre aos alunos, que tinham errado essas perguntas, para responder.

De acordo com Ponte e Serrazina (2000) “os erros do aluno podem e devem ser tidos em conta de um modo positivo no processo de aprendizagem; para que ele progrida, é preciso que perceba que a sua resposta está errada” (p.103).

13 de abril de 2012

Durante esta manhã, os alunos realizaram outra prova de aferição como treino para a que iriam realizar dia 11 de maio. A professora leu as regras, antes de iniciarem a prova.

Enquanto os alunos faziam a prova, as minhas colegas e eu fomos falar com a professora sobre as nossas aulas.

Ao meio dia era para haver “Clube de Ciências”, mas como a professora faltou, os alunos leram um texto que tinha como tema as províncias de Portugal. Como os alunos já estavam um pouco esquecidos, a professora fez uma pequena revisão, utilizando o mapa que se encontrava dentro da sala de aula.

Inferências e fundamentação teórica

As revisões são momentos muito importante para as crianças, pois estas estudam as matérias pretendidas e é nos momentos de revisão que podem esclarecer dúvidas criadas ao longo do estudo.

Assim, Marujo *et al.* (2002) referem várias etapas do estudo/revisão, pois os mesmos dizem que, para uma maior complexidade da atividade, a parte das “questões sobre a matéria e responder-lhes” e “pedir ajuda quando não consegue sozinho” são factores muito importantes para que a prova tenha maior sucesso de realização (p.117).

A realização das provas de aferição é defendida pelo Ministério da Educação (2012), pois segundo este,

Relatório de Estágio Profissional

As provas nacionais de aferição visam recolher informação relevante sobre os desempenhos dos alunos nas áreas de Língua Portuguesa e de Matemática. Estas provas, pelo carácter universal da sua aplicação e pela natureza da informação que os seus resultados proporcionam, constituem um instrumento de diagnóstico disponibilizado às escolas, aos professores e às famílias, que permite uma reflexão coletiva e individual sobre a adequação das práticas letivas às finalidades e aos objetivos educacionais propostos no currículo.

16 de abril de 2012

Hoje foi dia de dar a minha primeira manhã de aulas nesta turma.

Iniciei com a leitura e interpretação de um texto. O texto falava de férias, e eu aproveitei esse tema para introduzir o tema da nossa aula de Língua Portuguesa: o convite. Mostrei uma apresentação em *Powerpoint*, onde introduzi os vários tipos de convites e expliquei os vários componentes para se escrever um convite. Para terminar esta aula, pedi aos alunos para escreverem um convite a um colega da turma. De seguida, passei para a área de Estudo do Meio, onde falei sobre a agricultura. Para esta segunda área, mostrei uma apresentação em *Powerpoint*.

Na área de Matemática, o tema da aula foi o pictograma. Dei uma breve introdução sobre esta matéria e fiz um exemplo com os alunos; para consolidar a matéria, os alunos resolveram uma ficha formativa.

Inferências e fundamentação teórica

Quanto à aula de Conhecimento do Mundo, o Ministério da Educação (2006) afirma que “o professor deve fomentar nos alunos atitudes de respeito pela vida e pela Natureza, assim como sensibilizá-los para os aspetos estéticos do ambiente” (p. 115); por esta razão, é bastante importante que, quando não há possibilidade de levar os alunos a observar o que se pretende ensinar, como é o caso desta área, é fundamental que se mostrem imagens alusivas ao tema, para estes terem a noção do que se está a explicar.

17 de abril de 2012

Hoje, a aula da manhã foi dada pela minha colega, que a iniciou, falando de algumas regras a ter em sala de aula.

Para a área de Língua Portuguesa, distribui pelas crianças (pedindo ajuda a uma aluna) um excerto, adaptado, do texto “A árvore” da Sophia de Mello Breyner”. Fez a leitura modelo e, de seguida, pediu a algumas crianças para lerem. Terminada a

leitura, fez algumas perguntas de interpretação e de funcionamento da língua, onde trabalhou tempos de verbos, grau de adjetivos, formação de palavras, antónimos, sinónimos, classificação de palavras quanto ao número de sílabas e quanto a sílaba tónica, família de palavras, área vocabular e classificação morfosintática de palavras.

Na área de Estudo do Meio lembrou a aula que dei no dia anterior, sobre a agricultura, para introduzir o tema da aula: silvicultura. Explicou aos alunos o que era e qual a sua importância, mostrando sempre imagens com o auxílio de um *Powerpoint*. No final da aula, mostrou alguns elementos reais, tais como a pinha, caruma, folhas de diversas árvores, em que as crianças tinham de relacionar esses elementos com as diversas árvores.

Na aula de Matemática, trabalhou a passagem do número complexo para número incompleto. Terminada a explicação, entregou uma ficha informativa, leu-a com a ajuda dos alunos e, de seguida, distribuiu uma ficha formativa, para consolidar a matéria dada.

Inferências e fundamentação teórica

As regras na aula têm dois grandes objetivos. Boostrom e Hansen (1993, citado por Amado, 2000) referem que esses objetivos são os seguintes:

por um lado, como instrumento de socialização, visam criar «estruturas de pensamento» que permitam dar sentido às relações sociais. Por outro lado, elas surgem como recursos práticos da «gestão da aula» de modo a que, através delas, se possam regular as interações e se consigam alcançar os objectivos de ensino-aprendizagem que é pressuposto presidirem às actividades. (p.99)

A leitura é uma atividade fulcral para a vida futura de uma criança. Uma criança que leia, e que goste de ler tornar-se-á um cidadão mais crítico, mais receptivo à diversidade, à aceitação dos outros e à construção do saber

Depois durante a leitura do texto, a minha colega perguntou se alguém não tinha percebido alguma das palavras do texto, explicando de seguida o seu significado.

Para responderem às perguntas de interpretação de um texto, é importante que os alunos tenham compreendido o texto e tudo aquilo que leram lhes faça sentido.

Para uma boa compreensão de textos devem existir algumas estratégias.

Sim-Sim (2006) salienta algumas estratégias, como por exemplo,

uma compreensão global de todo o texto ou de partes específicas do mesmo e interligações entre as partes específicas; uma exploração do tema central, das personagens principais, dos acontecimentos determinantes e que haja uma exploração do significado mais profundo do texto através da discussão coletiva. (pp.37-38)

20 de abril de 2012

Hoje foi dia de Prova Final de uma colega.

Iniciou a aula, fazendo um pequeno jogo com os alunos. Ia mostrando a imagem aos poucos, para serem as próprias crianças a adivinhar o tema da aula. A imagem era uma fotografia do Mosteiro dos Jerónimos. Depois de descoberto o tema, falou um pouco do Mosteiro da sua história, com o auxílio de um *Powerpoint*.

Na área de Português, os alunos tinham uma folha e varias frases (versos) que tinham de colocar por ordem, formando um poema de Camões. Depois, alguns alunos leram os seus poemas.

Na área de Matemática trabalhou com o material estruturado 5º Dom de Fröebel, pedindo às crianças para fazerem a construção da igreja, e posteriormente fazer algumas situações problemáticas, em que trabalhou o cálculo mental.

Não tive oportunidade de ver o jogo, pois fiquei na sala a arrumar as mesas.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a aula de Estudo do Meio, a colega através do *Powerpoint* deu o conteúdo pretendido, falando sobre o monumento em questão, enquanto fazia perguntas. Durante a conversa, aproveitou quase tudo o que era dito pelas crianças para continuar a sua aula.

Na aula de Matemática, foi trabalhado o cálculo mental. Ao fazer situações problemáticas, mentalmente, possibilita que os alunos realizem o exercício de várias formas diferentes.

Segundo Ernest (1992, citado por Boavida, 1993):

ensinar matemática via resolução de problemas requer, da parte do professor, bem mais do que ensinar problemas que se resolvem através da aplicação directa de um algoritmo. É necessário que os problemas constituam um desafio, que os alunos se envolvam directamente no processo de resolução, na construção da sua própria aprendizagem, que os modos de ensino sejam variados e que as actividades de aprendizagem não se esgotem no ouvir as explicações do professor e no resolver problemas individualmente. (p.146)

23 de abril de 2012

Nesta manhã, dei a minha aula programada, para uma professora da Prática Pedagógica. Comecei pela área de Língua Portuguesa, onde os alunos fizeram a leitura e a interpretação de um texto. Na área de Estudo do Meio, falou-se do tema: Pecuária. Para falar deste tema, mostrei uma apresentação em *Powerpoint*. Na área

de Matemática, o tema da aula foi: o volume do cilindro. No final da aula, distribui por cada aluno uma ficha de consolidação da matéria.

Inferências e fundamentação teórica

Na aula de matemática, foi-me proposto iniciar o volume do cilindro

Segundo Palhares (2004, citado por Caldeira, 2009) “o volume de uma figura tridimensional é a quantidade de espaço que ela ocupa” (p.167).

Como era uma matéria nova, utilizei também uma apresentação em *Powerpoint*, para ajudar os alunos a visualizarem e a compreenderem melhor esta matéria.

Iniciei esta aula questionando sobre o volume e sobre o que os alunos entendiam sobre o volume de um sólido geométrico. Após esta introdução, comecei a explicar como iríamos calcular o volume do cilindro, bem como as medidas que teríamos de utilizar.

24 de abril de 2012

Hoje foi dia da minha colega dar aulas durante a manhã.

Começou por dar a aula de matemática, onde trabalhou a passagem de números incomplexos para números complexos. Para isso, lembrou primeiro a aula da nossa colega, do dia 17 de abril. Tal como a outra colega fez, esta colega também entregou uma ficha informativa, lendo-a com os alunos e, de seguida, entregou uma ficha formativa, corrigindo-a, posteriormente no quadro.

Começou a aula de Língua Portuguesa, lembrando a minha aula do dia anterior: frases simples e complexas para introduzir o tema de frases coordenativas. Trabalhou o tema com os alunos, com o auxílio de uma apresentação em *Powerpoint*. No final, entregou uma ficha informativa e outra formativa, para consolidar a matéria dada.

Na área de Estudo do Meio, falou sobre o comércio. No final, da aula fez um jogo do loto, colocando os alunos dois a dois. A minha colega fazia perguntas, e quem soubesse responder, colocava o dedo no ar. Todos que tivessem a resposta no seu cartão colocavam uma imagem em cima da resposta.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a aula de Estudo do Meio, as crianças estiveram bastante entusiasmadas. No jogo final, os alunos mostraram-se participativos e competitivos uns com os outros.

Para Dohme (2007):

o jogo é uma excelente solução, porque com ele se pode trabalhar o desenvolvimento pessoal ao lado do exercício da vida em grupo”. Com o jogo, podemos trabalhar o desenvolvimento físico, intelectual, artístico, criativo, dos sentimentos, afetivo, social e ético. Ele colabora tanto no aperfeiçoamento físico, como na destreza, no quotidiano, no equilíbrio e acuidade dos sentidos, como no aperfeiçoamento mental, desenvolvendo a atenção, a memória, o raciocínio e a lógica e, ainda, no aperfeiçoamento do relacionamento social, como o convívio com regras e a vida em equipa. (pp.21-22)

Segundo DeVries e Kamii (citados por Spodek & Saracho, 1998), os jogos pedagogicamente úteis, devem sugerir algo de interessante e desafiante para as crianças descobrirem como fazer; devem possibilitar que as próprias crianças avaliem o seu sucesso e, por último, devem permitir que todos os jogadores participem ativamente em todo o jogo (p.223).

27 de abril de 2012

Durante grande parte da manhã, os alunos estiveram na sala com a professora de Expressão Plástica para fazer a prenda do Dia da Mãe. Depois do recreio, tiveram na sala com a professora do “Clube das Ciências”. Durante esta aula, os alunos puderam observar a diferença de como ficam as penas das aves, quando entram em contacto com óleo e quando em contacto com água.

1.6. 6.ª Secção: Estágio 3.º Ano A

1.6.1. Período de Estágio: 30 de abril a 22 de junho de 2012

1.6.2. Caracterização do grupo:

A turma do 3º ano é formada por 27 alunos, sendo 13 rapazes e 14 raparigas. Saíram três alunos do ano passado e entraram dois. Um deles, logo no início do ano e outro no início do terceiro período. A maioria dos alunos frequenta o Jardim-Escola desde a sala dos 3 anos. São alunos que se conhecem muito bem e que possuem vários interesses em comum, partilhando mesmo atividades fora do ambiente escolar.

De acordo com a professora, o 3º ano é uma turma interessada no ambiente que a rodeia e manifesta interesse nas atividades apresentadas dentro e fora da sala de aula. Em termos comportamentais é uma turma muito calma, muito respeitadora e participativa.

Em termos curriculares, a maioria da turma apresenta um bom ritmo de aprendizagem, excepto no caso de uma criança que possui dificuldades ao nível da Matemática.

1.6.3. Caracterização do espaço:

A sala do 3º ano A é bastante ampla e bem iluminada pela luz solar, pois uma das paredes laterais, é toda preenchida por janelas.

Os alunos encontram-se sentados em pares e, a disposição das mesas está feita em filas.

Na sala, é possível observar pequenos trabalhos que os alunos realizam na aula de Expressão Plástica.

Esta sala é composta por um quadro interativo e um quadro de giz, este último é utilizado para colocar imagens de apoio às aulas lecionadas.

1.6.4. Rotinas:

As rotinas dos alunos deste ano são idênticas às rotinas apresentadas na secção referida anteriormente, do 4º ano.

1.6.5. Horário:

Posteriormente apresento o quadro com o horário semanal da turma, facultado pela educadora cooperante.

Relatório de Estágio Profissional

Quadro 9 – Horário do 3º Ano A

3º Ano - A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-10.00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10.00-11.00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11.00-11.30	RECREIO				
11.30-12.00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12.00-12.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
13.00-14.30	ALMOÇO E RECREIO				
14.30-15.20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	História	Educação Física	Experiências
15.20-16.10	História	Inglês	Estudo do Meio	Música	Expressão Plástica
16.10-17:00	Biblioteca	Formação Cívica	Estudo do Meio	Área Projeto	Expressão Plástica
17h	SAÍDA				

Horário sujeito a alterações

Relatos Diários

4 de maio de 2012

Hoje foi o primeiro dia nesta turma do 3º ano. Ao chegarmos à sala, fomos muito bem recebidas pela professora, a qual se apresentou e nos apresentou ao resto da turma. Pediu a todos os alunos que se apresentassem, um a um, referindo o nome e a idade.

Depois das apresentações, os alunos iniciaram a manhã, com uma aula de matemática, na qual resolveram exercícios de aplicação e, por fim, algumas situações problemáticas.

Durante esse período, as minhas colegas e eu ajudamos alguns alunos com mais dificuldades.

Depois do recreio, os alunos voltaram para a sala de aula, sentaram-se nos seus respectivos lugares e realizaram um exercício caligráfico, o ditado.

Inferências e fundamentação teórica

Sendo o primeiro dia de estágio com esta turma, reparei que é uma turma bastante calma e sossegada.

Gostei bastante do facto de a professora, sempre que os alunos começavam a falar um pouco mais, levantava o braço e, automaticamente, estes ficavam em silêncio. Não era preciso a professora dizer nada, só simplesmente levantar o braço.

Como declara Estanqueiro (2010) “na gestão da aula, o professor é o líder formal do grupo-turma. A capacidade de liderança depende muito das qualidades pessoais do professor”. (p. 78)

O professor tem que conquistar o respeito pelos alunos e deve, desde logo, mostrar-lhes que, apesar destes terem poder de decisão em determinados assuntos há outros em que não o têm. O professor não tem que ser demasiado autoritário, mas os alunos devem saber respeitar a sua autoridade. Um bom professor deve exercer a sua autoridade sem cair nos extremos do autoritarismo ou da permissividade.

Estanqueiro (2010) afirma “os professores conquistam o respeito dos alunos, pela sua competência científica e pedagógica, não apenas pelo seu estatuto profissional. O modo como exercem a sua autoridade influencia o comportamento dos alunos”. (p. 61)

Apesar de ser o primeiro dia nesta turma, apercebi-me que os alunos gostavam bastante da professora. Marques (2002) refere “o meio envolvente da criança pode ser favorável ou desfavorável ao seu desenvolvimento e aprendizagem”. (p. 109) Se as

crianças gostarem da pessoa que têm à frente, escutá-la-ão mais facilmente e estarão mais interessados em receber o que essa pessoa tem para dizer.

Quanto a isso, Vieira (2005) defende que “um professor que saiba escutar serenamente, que saiba inculcar confiança e propor soluções terá, com certeza, maior êxito na resolução de problemas disciplinares”. (p. 71)

Na última parte da manhã, depois do recreio, os alunos fizeram um exercício caligráfico, o ditado. Este exercício é um momento de escrita que envolve diversas competências até então adquiridas pelas crianças, nomeadamente, a pontuação, o reconhecimento de palavras, a aplicação de vocábulos. O ditado é também importante, para que as crianças possam perceber quais as suas dificuldades no ato da escrita.

Para Brown (citado por Condemarin & Chadwick, 1987) este tipo de exercício:

dá prática aos alunos no manejo da oração; dirige sua atenção para as construções gramaticais; ajuda-os a aprender ortografia, a colocar a pontuação e as maiúsculas adequadamente, e a aumentar seu vocabulário; exercita-os no uso de palavras conhecidas e enriquece-lhes a mente com bons padrões de linguagem. (p.184)

O mesmo autor afirma ainda que “o ditado desenvolve a capacidade para escutar de forma concentrada a incrementada a qualidade de atenção da criança.”

Ao realizar um ditado, o docente pretende que as crianças desenvolvam vocabulário, que consigam concentrar-se no que dita e que evitem os erros ortográficos. Quando existe um erro ortográfico, este deve ser corrigido, de modo a minimizar a repetição do mesmo erro.

7 de maio de 2012

Para iniciar a manhã, a professora distribuiu pelos alunos uma folha com um texto. De seguida, pediu às crianças que lessem o texto para elas, enquanto esperavam que mais colegas chegassem. Depois de quase todas as crianças estarem presentes na sala, a professora fez uma leitura modelo, tirando dúvidas de algumas palavras mais difíceis e, posteriormente, pediu para algumas crianças lerem em voz alta, para a turma. Depois da leitura, realizou algumas perguntas de interpretação, oralmente. Até à hora do recreio, os alunos ainda realizaram uma cópia e responderam, por escrito, a algumas perguntas gramaticais.

Depois do recreio, a professora passou alguns exercícios de Matemática no quadro, para os alunos passarem e resolverem no caderno.

Inferências e fundamentação teórica

É extremamente importante motivar os alunos para a leitura, uma vez que o treino que esta proporciona é uma mais-valia para o percurso escolar de qualquer aluno. A leitura em voz alta é bastante importante nestas idades, pois permite que o professor tenha a percepção se a dicção dos alunos está correta, se respeitam a pontuação, se pronunciam de forma correta as palavras que estão contidas no texto, entre outros aspetos. Para Gomes *et al.* (1991) “o professor deve estar atento para que os alunos leiam tendo em conta os seguintes princípios: 1.º Pronúncia correcta e clara; 2.º Marcação correcta da sílaba tónica; 3.º Respiração adequada na sequência da leitura; 4.º Respeito pelos sinais de pontuação.” (p. 134)

Segundo Gomes *et al.* (1991), falando da leitura oral, referem que “esta modalidade de leitura é efectuada em voz alta e possibilita: a) a visualização da forma escrita; b) o aperfeiçoamento da articulação, da entoação e da pronúncia; c) a interpretação correcta facilitada pela expressividade com que a leitura é feita.” (p. 134)

Este exercício de leitura permite ao professor avaliar correspondência entre os fonemas da língua e os símbolos gráficos, Colomer e Camps (2002) referem:

a decifração em voz alta dessas correspondências permitirá que o professor controle o seu domínio e o progressivo desenvolvimento da velocidade de tradução que deverá conduzir a *saber ler*, objetivo entendido tanto no sentido de ser capaz de oralizar um texto como no de entender o significado. (p.60)

Durante uma parte da manhã, os alunos realizaram uma cópia do texto lido anteriormente. A realização de exercícios caligráficos promove o “convívio” com a escrita e mesmo com a leitura.

Este tipo de exercícios é fulcral para aprendizagem da ortografia, pois torna-se uma atividade de extrema importância, uma vez que, através dela, os alunos podem ter uma a percepção dos erros que cometem quando estão a copiar algo e trabalham a caligrafia. Segundo Gomes *et al.* (1991) “a cópia é utilizada como técnica para o ensino-aprendizagem da ortografia, porque a partir da visualização escrita da palavra possibilita a consolidação da escrita correcta dessa mesma palavra.” (p. 163)

8 de maio de 2012

Neste dia, a professora trabalhou com o material estruturado Calculadoras Papi. Distribuiu por cada aluno cinco placas e algumas marcas. De seguida fez perguntas sobre o material e reviu algumas regras. Durante esta aula, e até à hora do recreio, trabalhou com os alunos a leitura de números e algumas situações problemáticas.

Depois do recreio, os alunos voltaram para a sala de aula, onde fizeram um exercício de escrita lúdica, que consistia em fazerem um anúncio de si próprios. Antes dos alunos começarem a realizar o exercício, a professora leu alguns exemplos. Depois desse exercício, escreveu alguns exercícios gramaticais no quadro, os quais os alunos passavam para o caderno e resolviam.

Inferências e fundamentação teórica

As Calculadoras Papy são um material didático estruturado para o ensino do cálculo aritmético elementar, que foi concebido por Georges Papy. Com base em determinadas regras, permite fazer várias representações de números naturais, decimais e realização de operações. Utiliza-se com o auxílio de marcas, que representam na Calculadora a quantidade que se pretende representar. Estas marcas podem ser diversificadas consoante o que se queira trabalhar, por exemplo, utilizar marcas que tenham relação com a situação proposta na altura (conchas pequenas, massas, bolinhas de plasticina...), dependendo da situação problemática, contextualizando e levando a criança a fazer a ponte do abstrato para o concreto.

As Calculadoras Papy, como refere Caldeira (2009), servem:

para orientar a aprendizagem das operações é necessário considerar, reconhecer, o significado das operações e diferentes situações concretas, reconhecer algoritmos mais usuais e eficientes das operações; com este material a criança: aprende a seleccionar, decidir, descobrir regularidades e a utilizar diferentes modos de chegar à resolução de problemas; realiza a compreensão dos números e da numeração; reconhece a compreensão do sentido de número e das operações (...) (p. 347).

Durante a aula, os alunos estavam bastante entusiasmados, pois começaram a manusear o material, sendo este bastante apelativo, cheio de cores vivas e pequenas marcas. Como referi anteriormente, a atividade começou com uma revisão sobre a quantidade que cada quadrado representa e algumas regras. No início da aula, a professora colocou também algumas questões, de forma a trabalhar o cálculo mental, por exemplo: Que quantidade representa o quadrado azul; e se colocássemos duas marcas no quadrado azul? Desta forma, o material manipulativo é um complemento facilitador de aprendizagem no domínio da Matemática, permitindo à criança aprender de uma forma lúdica, estimulante e concreta.

11 de maio de 2012

Hoje os alunos do 3.º ano deslocaram-se ao teatro Bocage para assistirem à peça *“A Alegre História de Portugal em 90 minutos”*.

14 de maio de 2012

Sendo segunda-feira, a professora começou por fazer a correção do desafio escolar. Este desafio escolar era composto por dois exercícios, um da área de Português e outra da área de Matemática. Depois de feita a correção, os alunos abriram a folha de Matemática. Logo de seguida, a professora escreveu algumas situações problemáticas no quadro, que os alunos tinham de passar para o caderno e resolver. Depois do intervalo, realizaram a correção desses exercícios.

Posteriormente iniciaram a aula de Português, onde a professora distribuiu por cada um, um texto e uma folha com algumas perguntas de interpretação. A professora fez a leitura modelo, seguida da leitura de alguns alunos. Tal como fez depois de todas as leituras, a professora tirou dúvidas sobre o significado de algumas palavras. Para terminar, os alunos responderam às perguntas de interpretação do texto.

Inferências e fundamentação teórica

A correção dos exercícios é muito importante na vida do aluno. O professor, sempre que passa exercícios para os alunos realizarem sozinhos, deve-os corrigir, assinalando primeiro os erros e, de seguida, exigir a correção dos mesmos.

Segundo Pereira e Azevedo (2005), “os erros são produzidos por todas as crianças” sendo natural, uma vez que:

O erro não é nada mais do que o desconhecimento ou a não consciência da arbitrariedade convencional da língua escrita e deve ser visto como algo inerente ao processo de transformação de um sistema oral para um sistema escrito de linguagem, processo de conhecimentos sobre a escrita (p.50).

Estanqueiro (2010), afirma que “a correção ajuda o aluno a identificar os seus progressos e as suas dificuldades, a verificar o que fez bem e o que fez mal” (p.95).

15 de maio de 2012

Durante a primeira parte da manhã, os alunos fizeram uma cópia do texto lido no dia anterior, e realizaram algumas perguntas gramaticais. Enquanto isso, a professora ajudava uma aluna (com algumas dificuldades) a resolver operações de dividir.

Depois, deslocaram-se ao ginásio, onde decorreu uma apresentação sobre o arquipélago dos Açores. Durante a apresentação, falou-se das ilhas, das divisões das ilhas, do que havia nesse arquipélago, entre outras coisas.

Depois do recreio, a professora pediu a alguns alunos que a ajudassem a ir buscar o material estruturado 5º Dom de Fröebel. Durante a aula de Matemática, trabalhou frações e a área.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a manhã a professora esteve a ajudar uma aluna a resolver algumas divisões. Segundo Aharoni (2008) a divisão é “uma operação pelo menos tão natural como a multiplicação. Faz parte do nosso dia-a-dia” (p. 120) Para a maioria das crianças, esta operação é a mais complicada de perceber e entender.

Por vezes é necessário trabalhar com apenas uma criança de cada vez, pois existem conteúdos que merecem mais atenção, por representarem uma dificuldade acrescida para as crianças.

Ao se adotar um trabalho individualizado, o professor/educador consegue perceber as dúvidas e o à vontade da criança perante os conteúdos, citando Dottrens (1975),

Só o ensino individualizado pode tomar em considerações as diferenças de inteligência entre crianças da mesma turma, as aptidões de um mesmo indivíduo, o seu ritmo de trabalho e as variações deste, as suas reacções afectivas, a sua resistência à fadiga, todos os factores pessoais que intervenham na sua actividade e no seu comportamento escolar. (p. 30)

O 5.º dom de Froebel é um material manipulativo bastante utilizado no 4.º ano. É utilizado, muitas vezes, para lecionar o conteúdo das frações, áreas e volumes. O facto de este material ser constituído por vinte e um cubos inteiros, seis cubos divididos ao meio e seis cubos divididos em quatro facilita na aprendizagem das frações, pois ao trabalharmos com o material ajuda a tornar o abstrato em algo concreto, o que facilita a aprendizagem.

18 de maio de 2012

O dia teve início com a correção de alguns exercícios realizados no dia anterior. De seguida entrou na sala uma professora da Prática Pedagógica, que pediu a uma das minhas colegas uma aula surpresa, em que tinha de trabalhar o perímetro com o material estruturado Cuisenaire.

Depois de terminar a aula, foi a vez da minha outra colega dar aula surpresa. Desta vez, fez a leitura de um texto, interpretação do mesmo e algumas perguntas gramaticais. No final, fomos para a reunião com as Professoras Orientadoras.

Inferências e fundamentação teórica

O material Cuisenaire é, tal como qualquer outro material manipulável, destinado à criança como investigador. O facto de trabalhar uma matéria com este material provocou-lhes um enorme desejo de descoberta. Ponte e Serrazina (2000) afirmam que durante a aprendizagem da matemática “em que os alunos manipulam materiais de modo a desenvolver os conceitos fundamentais”, (p. 72/73) torna as aulas mais divertidas pois promove a ideia da descoberta e do desconhecido aumentando assim o entusiasmo e motivação para a aprendizagem.

Na mesma linha de pensamento, o Ministério da Educação (citado por Ponte e Serrazina, 2000) afirma que “na aprendizagem da Matemática, como em qualquer outra área, as crianças estão enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a criança deverá encontrar resposta à sua necessidade de exploração, experimentação e manipulação.” (pp. 115-116)

As reuniões com as professoras Orientadoras, depois das aulas surpresa, constituem momentos bastante importantes para nós, estagiárias. Durante estas reuniões podemos refletir sobre o nosso desempenho nas aulas lecionadas, ou seja, sobre a nossa prestação. Podemos analisá-la de forma crítica, ouvindo algumas opiniões das professoras e colegas, de forma a melhorarmos para uma próxima vez e para a nossa vida futura.

Serrazina (2002) refere que um dos principais objetivos das reflexões “deve ser o de os professores serem capazes, não só de reflectir na e sobre a sua prática para descobrir, criticar e modificar modelos, esquemas e crenças subjacentes à mesma, como também de planificar, experimentar e avaliar”. (p. 13)

Se formos ajudados ao longo da nossa formação através de críticas construtivas ser-nos-á mais fácil compreender quais os pontos a melhorar e de que forma o podemos fazer.

21 de maio de 2012

A professora iniciou a manhã, conversando com os alunos sobre o fim de semana. Depois desta pequena conversa, lembrou os tipos de sujeito que já tinha falado e pediu a alguns alunos para dizerem uma frase com os diferentes tipos de sujeitos. De seguida, distribuiu, por todos, um apontamento, que continha todos os tipos de sujeito. A professora leu, explicou e exemplificou com um deles. Para terminar, os alunos realizaram alguns exercícios gramaticais sobre a matéria dada.

Depois do recreio, a professora entregou uma ficha de trabalho, que continha exercícios sobre perímetro, área e volume.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a conversa, notei, mais uma vez, que os alunos são muito chegados à professora. A felicidade deles a contarem como tinha sido o seu fim-de-semana, e a professora a mostrar-se sempre entusiasmada a ouvi-los.

22 de maio de 2012

Hoje foi dia de dar a minha manhã de aula a esta turma. Iniciei a manhã, com a área de Matemática. O tema desta aula foi a passagem de números complexos para números incomplexos. Para isso, comecei por falar um pouco do tema oralmente e, de seguida, entreguei uma ficha informativa, a qual li com a ajuda dos alunos. Depois de explicar e de representar no quadro um exemplo, para os alunos perceberem, realizaram um exercício em conjunto no quadro. Por fim, os alunos realizaram uma ficha formativa individual.

Na aula de Estudo do Meio falei sobre os Setores de Atividades Económicas. Introduzi o tema oralmente e, de seguida, dialoguei com os alunos sobre os três setores de atividades económicas, com o auxílio de um *Powerpoint*. Para terminar a aula, os alunos realizaram uma ficha formativa para consolidação da matéria dada. Na última parte da manhã, dei a aula de Português, em que o tema era o Texto Dramático. Iniciei esta aula, lendo um texto “A carochinha” de Luísa Dacosta, da obra “Robertices”, com as crianças. Cada criança era uma personagem. Depois de lido o texto várias vezes, falei das características deste tipo de texto, fazendo um esquema na parede com o auxílio de palavras móveis. Para terminar a aula, levei os alunos até ao recreio, onde fizeram a dramatização do texto lido anteriormente.

Inferências e fundamentação teórica

Devido a esta turma ser bastante calada e bem comportada, enquanto dava a minha aula de Matemática, não consegui perceber se os alunos estavam ou não a entender a matéria, já que era matéria nova. Quando perguntava se estavam todos a perceber a matéria, a resposta era sempre a mesma, uns diziam que sim, outros abanavam a cabeça para cima e para baixo. Fiquei um pouco na dúvida se entendiam mesmo ou se era só para a aula me correr bem. Eram crianças muito queridas, que estavam sempre a torcer para que tudo nas aulas nos corresse bem, mesmo que

fosse preciso “fingirem” que não tinham dúvidas. Mas, no fim da aula, quando entreguei a ficha formativa, e pedi para algumas crianças realizarem a correção no quadro, fiquei um pouco mais descansada, pois comprovei que a maioria tinha mesmo entendido bem a matéria.

Quando levei os alunos para o recreio, notei que estavam todos bastante entusiasmados, logo um pouco mais agitados. Todos quiseram fazer a dramatização, colocando as máscaras das personagens que levei. No geral, as crianças gostaram imenso desta atividade.

25 de maio de 2012

A professora começou por corrigir algumas operações de divisão, que tinha passado no quadro no dia anterior. Depois de corrigidas, e de quase todos os alunos terem chegado, a minha colega deu início à sua manhã de aulas. Começou pela área de Português, onde realizou uma composição coletiva. Para isso, levou um *placard* com algumas palavras (tema, espaço, tempo, personagens, ação, situação, início, fim). Cada uma destas palavras estava acompanhada por duas ou três bolsas, e cada bolsa continha uma ou mais palavras. Eram os alunos que escolhiam qual a bolsa que queriam, e tiravam (sem ver) uma palavra. Assim, com as palavras que iam saindo, a minha colega e os alunos iam escrevendo a composição.

Na área de Estudo do Meio, a colega falou sobre os Pontos Cardeais, mostrando uma apresentação em *Powerpoint*. Durante a apresentação, distribuiu um saco com três papéis lá dentro. Estes continham situações problemáticas. A minha colega, trabalhou a área de Conhecimento do Mundo e a área de Matemática em simultâneo. À medida que falava sobre os Pontos Cardeais, fazia alguns desafios matemáticos (situações problemáticas).

Inferências e fundamentação teórica

A minha colega, durante a aula de Língua Portuguesa, trabalhou a expressão escrita, fazendo uma composição coletiva. A aprendizagem da escrita exige trabalho, sistematização e persistência, tanto por parte do aluno como do professor. De acordo com Fonseca (1992, citado por Azevedo 2000), “antes da escrita individual deve vir a escrita coletiva, a reescrita, a escrita com motivações funcionais específicas, com um destinatário, com um objetivo e «a escrita como meio de aprendizagem, assumida por alunos e professores, como exercícios, como treino, como simulação».” (p. 87)

Segundo Niza (1998), “a interação entre as crianças, e entre estas e o professor, a propósito da escrita (...), possibilita o diálogo, a troca de impressões clarificadora das ideias, e conduz ao progressivo domínio da estruturação da linguagem escrita.” (p. 86)

A minha colega, ao pedir esta atividade aos alunos, permitiu, não só que estes desenvolvessem a expressão oral, trabalhando a capacidade de discussão, capacidade de se expressarem em grupo e de melhorarem o vocabulário, mas também que desenvolvessem a expressão escrita, auxiliando na aprendizagem de ordenar palavras e frases, expressar ideias e sentimentos, exercitar o uso da pontuação e melhorar a caligrafia e a ortografia. Ao longo da aula de Conhecimento do Mundo e de Matemática, a minha colega privilegiou a interdisciplinaridade. Esta é bastante importante, uma vez que é a base para uma educação com sentido, em que todas as experiências são consideradas uma mais-valia no ensino/aprendizagem de cada aluno. Interdisciplinaridade refere-se, não só à relação de duas áreas de conteúdos segundo um tema base, mas também à aprendizagem de valores e atitudes que os alunos adquirem ao longo de uma aula.

Pombo, Guimarães e Levy (1994) referem que o significado da palavra interdisciplinaridade varia entre “a simples coordenação de disciplinas ao seu intercâmbio mútuo e integração recíproca ou, ainda, a uma integração capaz de romper a estrutura de cada disciplina e alcançar uma axiomática comum”. (p. 10)

Os mesmos autores referem ainda que “a interdisciplinaridade é fenómeno largamente generalizado, cujo sentido deverá ser entendido como uma tentativa de resposta à necessidade atual de reestruturação da instituição escolar face às determinações históricas, civilizacionais e epistemológicas que caracterizam o estado atual dos saberes” (p. 12)

Fourez *et al.* (2008) descreve que “a interdisciplinaridade é concebida, simultaneamente, como método permitindo tratar problemas concretos provenientes de uma realidade complexa e como forma de saber ultrapassando as fronteiras disciplinares.” (p.52)

28 de maio de 2012

Este dia iniciou-se com a correção oral do desafio escolar. Depois de corrigido e de todos os alunos terem chegado, a minha colega iniciou a sua manhã de aulas. Iniciou, com a área de conhecimento do Mundo, onde falou sobre os astros. Durante esta aula mostrou uma apresentação em *Powerpoint*. Durante esta apresentação,

colocou a sala um pouco às escuras e disse aos alunos que iam fazer uma viagem pelo espaço. No final da aula, entregou uma ficha informativa, lendo-a oralmente, e uma ficha formativa para os alunos realizarem. De seguida fez a correção no quadro.

Na área de Matemática, a minha colega falou sobre o diagrama de caule e folhas. Era matéria nova, da qual os alunos ainda não tinham ouvido falar. Durante a aula, explicou em que consistia este diagrama e distribuiu, por todos, um saco que continha números móveis, duas palavras (caule e folhas) e um fio de lã, para poderem construir um diagrama nos seus lugares.

Depois do recreio, entregou a cada aluno uma folha que continha uma notícia. Leu-a e falou sobre ela e sobre os seus constituintes. No fim, pediu aos alunos para fazerem eles uma notícia, em que o título era “Extraterrestre avistado”.

Inferências e fundamentação teórica

Durante as suas aulas, penso que a minha colega deveria ter circulado mais pela sala de aula. Ao circular pela sala e por entre os alunos durante a aula, o docente consegue ter uma melhor perceção de toda a turma e de cada uma das crianças, podendo ajudar os alunos individualmente, quando necessário. Por essa razão, penso que os professores não devem ficar estáticos durante o momento da aula, nem devem estar sempre “presos” ao mesmo local, devendo circular por entre os alunos, de modo a ver o que estes estão a fazer e captando desta forma a sua atenção.

Jensen (2002) defende que para captar a atenção “os professores podem mover-se para o lado ou para o fundo da sala durante a instrução”. (p. 82)

A construção do diagrama não correu como planeado, porque durante a aula não havia algarismos móveis suficientes para todas as crianças, o que gerou alguma confusão e inquietação por parte dos alunos.

29 de maio de 2012

Esta manhã teve início com a continuação da correção do desafio escolar. De seguida, a professora distribuiu por cada aluno uma ficha que continha algumas situações problemáticas, como revisão para a prova final de matemática (a realizar na semana seguinte). Antes do recreio, a professora fez a correção da ficha, chamando alguns alunos ao quadro.

Depois do recreio, os alunos fizeram a leitura e interpretação de um texto. De seguida a professora proporcionou um momento divertido, mas de aprendizagem, realizando um ditado musical.

Inferências e fundamentação teórica

Foi a primeira vez que assisti a um ditado musical. Este exercício consiste em os alunos terem uma folha com a letra (incompleta) de uma música e, ao mesmo tempo que a música toca, os alunos têm de preencher os espaços em branco, de modo a completarem a letra da música. Neste caso, a música foi “*Circo de Feras*” da banda Xutos e Pontapés.

A música é algo que está presente na vida da criança desde cedo. Ao utilizar a música durante as aulas, ajuda a promover o gosto pela mesma. Neste caso, não só se trabalhou a área de Língua Portuguesa, com também se trabalhou e desenvolveu outras competências, como por exemplo a concentração e a memória.

Segundo Platão (citado por Reis, 2003) “devemos necessariamente atribuir suprema importância àquela parte da educação que encoraja o sentido de ritmo e da harmonia (...) porque o ritmo e a harmonia mergulham profundamente nos recondidos da alma e exercem um grande domínio sobre ela.” (p. 126)

1 de junho de 2012

Sendo o Dia Mundial da Criança, durante o dia de hoje, as crianças brincaram todo o dia nos insufláveis que montaram no recreio do jardim-escola.

Inferências e fundamentação teórica

Em dias como este, o professor deve estar mais atento aos seus alunos, para ver como interagem com os colegas, para os conhecer melhor e/ou de prever e remediar circunstâncias desagradáveis que possam surgir, como por exemplo, no caso de um aluno que, por alguma razão, agride os colegas, em que é preciso intervir.

Pessanha (2001) admite que “a criança, ao brincar, revela comportamentos que evidenciam aspetos fundamentais do seu desenvolvimento, de preferência e temperamento. Cada uma tem a sua própria individualidade e os educadores são confrontados com distintas personalidades e diferentes características éticas, intelectuais e sociais”. (p. 43)

4 de junho de 2012

A professora iniciou o dia com a correção do desafio escolar, para fazer tempo, para que todos os alunos chegassem, já que era dia de Prova Final de Português.

Durante a primeira parte da manhã os alunos realizaram a prova. Os alunos entraram na sala e sentaram-se nos respectivos lugares, posteriormente a professora distribuiu a prova virada ao contrário. Depois de ter distribuído todos os testes, a docente pediu que os virassem e leu em voz alta o mesmo, dando algumas “dicas” em determinados exercícios.

Depois do recreio, a professora continuou a correção do desafio escolar.

Inferências e fundamentação teórica

A avaliação permite verificar o nível de aprendizagem dos alunos e classificá-los. De acordo com Zabalza (2000)

“a avaliação é uma “peça-chave” do sistema instrutivo. Sem ela, os professores não poderiam manter a ordem na aula, nem apreciar os resultados dos processos instrutivos, nem classificar os alunos, etc. É além disso, uma exigência social sobre a escola”. (p. 219)

5 de junho de 2012

Durante a manhã de hoje, os alunos realizarem exercícios de revisão para a Prova Final de Matemática (que iria decorrer no dia seguinte).

8 de junho de 2012

Devido a ter sido feriado no dia anterior, durante o dia de hoje só 19 alunos foram às aulas. A professora iniciou a manhã com o material estruturado Calculadores Multibásicos. Durante a aula, trabalhou as operações (subtração, multiplicação e divisão) e as respetivas provas. Depois, as minhas colegas e eu ajudámos alguns alunos a pintarem o seu vaso para os manjericos (visto que se aproximava o dia de Sto. António), enquanto os outros resolviam exercícios de Matemática.

Depois do recreio, abriram a folha de Português e resolveram exercícios de translineação e do modo condicional.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a primeira parte da manhã, os alunos trabalharam com o material Calculadores Multibásicos. Este material, segundo Caldeira (2009), “permite aprofundar a compreensão da essência do número e das quatro operações aritméticas.” (p.208).

As Expressões Plásticas fazem parte do programa escolar, elas ajudam ao desenvolvimento da criança. Segundo Rodrigues (2002) “ a Educação deve permitir o equilíbrio entre a mão e o espírito; entre o fazer, o sentir e o pensar.” (p. 210)

As crianças são criativas por si só e a arte ajuda-as a desenvolver essa criatividade, mas também tem outras funções.

11 de junho de 2012

A professora começou por fazer a correção do desafio escolar. Logo de seguida, distribuiu a Prova Final de Estudo do Meio e História de Portugal.

Depois do recreio, a professora entregou as Provas finais de Português e de Matemática.

Neste dia o almoço foi uma hora mais cedo, devido às crianças da sala dos 4 anos terem ido a uma visita de estudo e só chegar à uma hora.

Inferências e fundamentação teórica

Este momento de avaliação é deveras importante para ambos, ou seja, professor e aluno, pois esta prova ajuda-os a ter uma maior perceção dos conhecimentos adquiridos até ao momento, de forma a perceber qual o nível de aprendizagem em que cada aluno se encontra.

Para Cortesão, Leite e Fernandes (citados por Ferreira, 2007), este tipo de avaliação:

mede resultados de aprendizagem que se revelam publicamente pela atribuição de notas, mas também por certas expressões qualitativas utilizadas pelo professor, no final de um trabalho ou de um período de ensino-aprendizagem, visando comunicar aos alunos e aos pais os resultados conseguidos. (p.31)

Ribeiro e Ribeiro (2003) esclarecem que “a avaliação sumativa, dadas as finalidades que servem é utilizada, habitualmente, no final de um segmento de ensino já longo, isto é, com uma extensão que justifique o balanço global que se pretende realizar”. (p. 359)

12 de junho de 2012

Os alunos começaram a manhã com um exercício de expressão escrita. Este exercício consistia em que os alunos fizessem uma composição com o título “Se eu fosse...”

Durante o resto da manhã, as minhas colegas e eu fomos ajudar a professora de Expressão Plástica a pintar os vasos que faltavam.

Inferências e fundamentação teórica

Este tipo de exercícios é importante para o aluno, pois trabalha não só a ortografia, como a imaginação e criatividade da criança. Após todos os alunos terem feito o exercício, a professora pediu a alguns para lerem a sua composição. Posso dizer que foi um momento muito divertido, e que os alunos estavam bastante entusiasmados a ouvirem os seus colegas.

15 de junho de 2012

As minhas colegas e eu iniciámos o dia a ajudar a professora a cortar o material Poliminós. Enquanto preparávamos o material, os alunos fizeram uma cópia e alguns exercícios gramaticais.

Depois do recreio, a professora iniciou a aula com o material. Foi a primeira vez que os alunos tiveram contacto com este material. Por isso, falou um pouco do material, referindo o que se poderia trabalhar com ele. Nesta aula, os alunos trabalharam perímetros e áreas. No final resolveram alguns exercícios de aplicação.

Inferências e fundamentação teórica

Além de ser a primeira vez que os alunos trabalhavam com este material, foi também a primeira vez que eu assisti a uma aula com ele. Segundo Caldeira (2009), “os Poliminós são figuras formadas pela união de quadrados congruentes através da justaposição dos lados. Permitem desenvolver o raciocínio lógico-educativo através de diversas actividades.” (p. 423)

Durante a aula, a professora trabalhou perímetros e áreas, fazendo alguns exercícios em que os alunos não chegavam ao resultado rapidamente, mas sim depois de algumas tentativas. Este tipo de exercícios levou os alunos a estarem entusiasmados e participativos.

18 de junho de 2012

Os alunos iniciaram esta manhã, corrigindo alguns trabalhos que tinham em atraso. Enquanto eles corrigiam, a professora pediu-nos (a nós estagiárias) para fazermos alguns origamis. Depois de feitos, perguntou-nos se queríamos corrigir

alguns trabalhos de Português (gramática), para termos a noção do que é corrigir. Claro que aceitámos de imediato.

De seguida, os alunos leram um texto e responderam a algumas questões de interpretação e de gramática. Depois do recreio, a professora realizou com os alunos um *ditado mudo*. Este tipo de exercício consiste em a professora escrever no quadro várias palavras, dando tempo para os alunos olharem bem para elas, e as memorizarem. Depois apagava, uma a uma, e as crianças tinham de adivinhar qual a palavra apagada e de a escrever.

Para terminar a manhã, os alunos resolveram algumas operações e as respetivas provas.

Inferências e fundamentação teórica

No que diz respeito aos conteúdos gramaticais, alguns alunos não se interessam por estes componentes da língua, consideram-nos um pouco difícil. Reis e Adragão (1992) mencionam que “para os alunos a gramática é frequentemente objeto de terror quando não é ignorada e preterida em favor da interpretação”. (p. 63)

Neste caso, cabe ao docente explicar aos alunos a importância da gramática e contextualizar a implementação da mesma, bem como prepará-los de modo a que a dominem.

A escrita é uma competência muito importante e muito utilizada no dia-a-dia de professores e alunos.

O exercício do *ditado mudo* trabalha não só a memória como a ortografia. Azevedo (2000) afirma que “escrever é uma tarefa de ordem conceitual, e, se bem que seja necessária a presença de modelos, enquanto ocasião de desenvolvimento de conhecimentos, a escrita «não é cópia passiva e sim interpretação ativa dos modelos do mundo adulto»”. (p. 51) Por isso, é através deste tipo de exercício, que o aluno vai apreender a competência da escrita.

19 de junho de 2012

Durante grande parte da manhã, as minhas colegas e eu ajudámos os alunos a realizar alguns trabalhos em atraso.

Depois do recreio, a professora passou no quadro algumas situações problemáticas, para os alunos passarem para o caderno e resolverem. No final da aula fizeram um exercício que consistia na interpretação de um gráfico de caule e folhas.

Inferências e fundamentação teórica

Depois do recreio, os alunos resolveram algumas situações problemáticas. Kantowski (1977, citado por Matos e Serrazina, 1996) afirma que “um indivíduo está perante um problema quando encontra uma questão a que não pode dar resposta ou uma solução que não é capaz de resolver usando os conhecimentos imediatamente disponíveis.” (p.140)

Serrazina (2002) defende que o ensino da Matemática deve estar “centrado na resolução de problemas. Isto não quer dizer que os exercícios não tenham um papel, mas que o fundamental no ensino da Matemática deverá ser a resolução de problemas” (p. 23) porque estes desenvolvem várias competências como por exemplo: o cálculo matemático e a interpretação e reconhecimento dos dados do problema. Assim sendo, este tipo de exercício leva a um desenvolvimento cognitivo mais global do que uma simples operação, em que o aluno procede somente à realização do algoritmo.

No final da manhã, os alunos realizaram alguns exercícios de interpretação de dados num gráfico de caule e folhas. Ponte e Serrazina (2000), mencionam a importância e a complexidade de trabalhar os gráficos, quando referem que:

a compreensão de gráficos envolve questões de três níveis de complexidade. O nível mais elementar envolve a capacidade de ler directamente dados registados no gráfico para responder a uma questão concreta, sem necessidade fazer qualquer interpretação. O nível seguinte envolve a capacidade de responder a questões que envolvem comparações entre os dados. Finalmente, o nível mais avançado envolve a capacidade de responder a questões que envolvam alguma extrapolação, previsão ou inferência feita a partir dos dados fornecidos. (p.215)

22 de junho de 2012

A professora iniciou a manhã entregando a cada aluno uma folha com exercícios de matemática sobre operações. Depois, abriram a folha de Língua Portuguesa e, de seguida, entregou um texto. Começou por fazer a leitura modelo, seguida da leitura de algumas crianças. Terminada a leitura, pediu a um aluno para fazer o resumo do texto. Posteriormente, realizaram algumas perguntas de interpretação do texto e algumas gramaticais.

Depois do recreio, os alunos fizeram um ditado do texto lido anteriormente. Logo depois, a professora do “Clube de Ciências” chegou. Como era a última aula, e os alunos já tinham terminado todos os trabalhos, a professora “prometeu” aos alunos terem uma aula um pouco diferente. Nesta aula, os alunos puderam ver fotografias tiradas de baixo de água. Durante a aula, e enquanto observavam os seres vivos, a professora foi sempre falando sobre cada um.

Inferências e fundamentação teórica

Durante o “Clube de Ciências”, os alunos mostraram-se muito entusiasmados e participativos. No decorrer da aula, fizeram bastantes perguntas à professora. Notava-se que estavam muito curiosos para saber mais sobre as aventuras e viagens da professora. De acordo com Estanqueiro (2010), a motivação dos alunos aumenta quando estes têm uma participação ativa na aula e acrescenta que, “o diálogo entre o professor e os alunos é uma estratégia motivadora que dá mais significados aos conteúdos” (p.39).

1.7. 7.ª Secção: Estágio 2.º Ano - A

1.7.1. Período de Estágio: 25 de setembro a 16 de novembro de 2012

1.7.2. Caracterização do grupo:

A turma do 2º ano é formada por 28 alunos, sendo 12 rapazes e 16 raparigas. Quase todas as crianças têm 7 anos de idade.

1.7.3. Caracterização do espaço:

A sala da turma do 2.º ano A, como quase todas as outras salas do jardim-escola, possui uma luminosidade muito boa, o que proporciona um bem-estar pelo facto de ter sempre luz natural.

Esta sala de aula tem duas portas de entrada, e uma das paredes laterais, preenchida por janelas, por isso, como já referi anteriormente, é bastante iluminada.

Os alunos encontram-se sentados em pares e, a disposição das mesas está feita em filas. Na sala, é possível observar pequenos trabalhos expostos que os alunos realizam na aula de Expressão Plástica. Esta sala está equipada com um quadro de um quadro de giz, Na parede oposta á parede onde se encontra o quadro, existe também, um conjunto de cabides, devidamente identificados, onde os alunos arrumam as malas, mochilas e casacos.

1.7.4. Rotinas:

As rotinas das crianças que frequentam o 2.º ano são iguais às rotinas praticadas pelas crianças de outras faixas etárias que frequentam o 1.º Ciclo no Jardim-Escola.

1.7.5. Horário:

Posteriormente apresento o quadro com o horário semanal da turma, facultado pela educadora cooperante.

Relatório de Estágio Profissional

Quadro 10 – Horário do 2.º Ano A

2º Ano - A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-10.00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10.00-11.00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Clube de Ciências
11.00-11.30	RECREIO				
11.30-12.00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12.00-12.50	Matemática	Inglês	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13.00-14.30	ALMOÇO E RECREIO				
14.30-15.20	Língua Portuguesa	Educação Física	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Língua Portuguesa
15.20-16.10	Estudo do Meio	Expressão Plástica	Música	Inglês	Estudo do Meio
16.10-17:00	Estudo do Meio (Área Projeto)	Expressão Plástica	Estudo do Meio (Formação Cívica)	Música	Educação Física
16:00-16.25	SAÍDA				

Horário sujeito a alterações

Relatos Diários

25 de setembro de 2012

A professora iniciou a manhã, trabalhando o material Calculadores Multibásicos, com os alunos a colocarem as mesas, de modo a todos estarem dois a dois. O primeiro exercício foi resolvido pelos alunos do lado da parede, o segundo exercício foi resolvido pelos alunos do lado da janela. A professora só fez somas, pois os alunos estavam um pouco esquecidos da matéria dada no ano anterior. Pediu às crianças para lerem o número do resultado por ordens e por classes, e falou também sobre o algarismo de maior ou menor valor relativo e de maior ou menor valor absoluto.

Terminada a aula com o material, as minhas duas colegas e eu fomos ajudar as crianças com os trabalhos em atraso.

Depois do intervalo, continuámos a ajudar as crianças até chegar a professora de Inglês.

Inferências e Fundamentações

Como era o primeiro dia de estágio com aquela turma, penso que a professora nos deveria ter apresentado à turma, coisa que não aconteceu. Apesar de nós, estagiárias, já conhecermos a professora, não conhecíamos a turma, nem as crianças nos conheciam. No início, a professora poderia ter dito pelo menos os nossos nomes, para quando os alunos precisassem de ajuda, saberem como haviam de nos chamar.

Na turma havia uma menina, que tinha entrado para o Jardim-Escola no 2º ano. Na antiga escola dela, a aluna não trabalhava com estes materiais, sendo por isso, a primeira vez que contactava com os Calculadores Multibásicos. Durante a aula, a professora mostrou-se sempre atenta à aluna nova, explicando-lhe como se trabalhava com estes materiais.

Durante toda a manhã, pude observar que a turma tem alunos muito inquietos, que passam, muitas vezes levantados e fora do seu lugar, a passear pela sala e a distrair alguns colegas.

Segundo Marques (2001): “Nem sempre é fácil criar regras que obtenham o consenso e a compreensão de todos, tanto mais que, na mesma sala, coexistem alunos com diferentes níveis de maturidade cognitiva e moral”. (p. 108)

28 de setembro de 2012

Durante a manhã os alunos fizeram a leitura e compreensão de um texto. De seguida a professora escreveu alguns exercícios gramaticais no quadro, para os alunos passarem para as suas folhas e realizarem nos lugares. Trabalharam a classificação das palavras quanto à acentuação e quanto ao número de sílabas. Enquanto isso, as minhas duas colegas e eu, fomos ajudando os alunos que tinham trabalhos em atraso.

Depois do intervalo, a professora deu uma aula com o material estruturado 5º Dom de Froebel.

Começou por ditar as regras para trabalhar com este material. Durante a aula, trabalhou o sólido geométrico, o cubo, falando sobre faces, arestas e vértices. Por fim, falou sobre frações. No final da aula fizeram a construção das colmeias.

Inferências e Fundamentações

Nos Jardins-Escola que estagiei o material Dons de Fröebel é muito utilizado para o desenvolvimento das capacidades matemáticas.

Segundo Caldeira (2009)

os “Dons” são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias. É durante a interacção criança/criança (...), que surge a verdadeira magia do aprender crescendo (...). (p.241)

A utilização deste material (material manipulativo) em sala de aula permite uma aprendizagem mais eficaz destes conceitos por parte dos alunos pois, desta forma, têm oportunidade de explorar o material, vendo as coisas no concreto, tornando a aprendizagem mais simples.

Durante a aula com o material, as crianças mostraram-se um pouco agitadas, estando constantemente a mexer nas peças e a deixá-las cair no chão. Penso que a professora poderia ser um pouco mais firme com esta turma, já que apresenta um comportamento bastante irrequieto por parte que alguns alunos, acabando por levar outros atrás. Quem sabe conseguir uma fundamentação para poder criticar a falta de “pulso” da professora.

1 de outubro de 2012

Durante a manhã, as minhas duas colegas e eu, ajudámos algumas crianças a terminar os trabalhos que tinham em atraso. De seguida, a professora distribuiu por cada aluno uma folha que continha seis imagens desordenadas. O exercício consistia

em os alunos colocarem as imagens por ordem, numerando-as, e de seguida fazerem uma expressão escrita com base nas imagens já ordenadas.

À medida que acabavam o exercício, os alunos passavam do quadro alguns exercícios de Matemática, exercícios que consistiam, principalmente, em situações problemáticas.

Enquanto os alunos faziam os seus exercícios, as minhas colegas e eu, a pedido da professora, corrigíamos os desafios escolares, que as crianças tinham levado para casa durante o fim de semana.

Inferências e Fundamentações

A realização de exercícios ortográficos regulares, durante o percurso escolar dos alunos, torna-se fulcral, na medida em que ajuda a colmatar dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita.

Segundo Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997) “a escola deve igualmente ensinar a usar a expressão escrita como instrumento de apropriação e transmissão do conhecimento” (p. 30).

Ministério da Educação (2009) afirma ser importante que os alunos exercitem a escrita “através da redacção de textos que possibilitem, ora a realização de actividades reguladas por modelos, ora a escrita pessoal e criativa”. (p. 23) Segundo o mesmo autor, este tipo de exercícios permite-lhes que “vivam situações diversificadas, aprendendo a produzir diferentes tipos de texto. As situações de escrita deverão ser o mais significativas possível para que as crianças interiorizem as diferentes funcionalidades da escrita e se apropriem dos diferentes tipos de texto”. (p. 71).

2 de outubro de 2012

Durante a manhã de hoje, os alunos passaram do quadro e resolveram exercícios de matemática. Enquanto iam passando, as minhas duas colegas e eu ajudávamos alguns alunos na realização de trabalhos em atraso. No final da manhã, os alunos tiveram aula de inglês.

5 de outubro de 2012

Foi feriado.

8 de outubro de 2012

A manhã teve início com as minhas duas colegas e eu, a ajudarmos alguns alunos a resolver trabalhos em atraso. Depois, a professora começou por rever alguns conceitos da área de Português, como os tipos e formas de frase. Depois de uma breve explicação, a professora distribuiu pelos alunos uma ficha informativa sobre esta matéria, que leu em voz alta. Antes da hora do recreio, a professora entregou, ainda, um texto, para os alunos lerem e de seguida realizarem uma cópia, para a avaliação.

Depois do recreio, os alunos abriram a folha de matemática, e relembaram as partes constituintes da soma.

9 de outubro de 2012

A manhã começou, com os alunos a passarem para as folhas alguns exercícios de Português, sobre tipos de frase, classificação de palavras quanto à acentuação e quanto ao número de sílabas.

Depois do recreio, os alunos abriram a folha de matemática e realizaram revisões sobre operações. No final da manhã, tiveram aula de inglês.

12 de outubro de 2012

Durante a primeira parte da manhã de hoje, os alunos resolveram exercícios da área de matemática (situações problemáticas e operações). A meio da manhã, tiveram o “Clube de Ciências”. Depois de terminado, os alunos continuaram a resolução dos exercícios de matemática, até à hora do recreio. Na segunda parte da manhã, os alunos realizaram um ditado do texto “A centopeia”

Inferências e Fundamentações

A realização de operações matemáticas desenvolve no aluno a capacidade de compreensão de conceitos e estratégias que se prendem com a realização de cálculos.

Ponte e Serrazina (2000) afirmam que “a compreensão global dos números e das operações bem como a sua utilização de maneira flexível para fazer julgamentos matemáticos desenvolve estratégias úteis de manipulação dos números e operações. O reconhecimento e a utilização de diferentes formas de representação das operações são um facilitador de apreensão de conceitos”. (p. 135)

Os alunos devem resolver as operações de diferentes formas uma vez que desenvolvem no aluno a capacidade de concretização de inúmeras maneiras de resolver operações do cotidiano.

15 de outubro de 2012

Tal como é hábito, a manhã teve início com as minhas colegas e eu a ajudarmos os alunos com trabalhos em atraso. De seguida, a professora reviu, com as crianças, os sinais de pontuação e as regras para classificar as palavras quanto à acentuação. Logo depois da explicação, os alunos realizaram alguns exercícios de aplicação. Antes da hora do recreio, a professora fez a correção dos exercícios. Depois do recreio, e com os alunos já sentados nos seus lugares, a professora deu uma aula de Matemática com o material estruturado Cuisenaire. Para iniciar a aula, começou por fazer algumas perguntas sobre o material, sobre as peças e os seus respetivos valores. Posteriormente, e através do Jogo dos Comboios, a professora falou na divisão e de seguida na multiplicação a partir da soma (através da repetição). Para concluir a aula, realizou alguns exercícios com os alunos que consistiam em representar, através da multiplicação e com as peças do material Cuisenaire alguns números.

Inferências e Fundamentações

Durante a aula, pude reparar que as crianças ficaram demasiado agitadas ao trabalhar com o material. Não só com este, mas com todo o tipo de material. Campos e Veríssimo (2010) salientam que “as crianças não sabem impor limites a si próprias”, logo são os adultos “que deverão balizar até onde a criança pode ir, até que a criança consiga percebê-lo autonomamente e autorregular-se.” (p. 89)

16 de outubro de 2012

A manhã começou com a leitura de um texto “O palhaço Verde” de Matilde Rosa Araújo. A professora fez a leitura modelo e, de seguida, pediu a todas as crianças para lerem em voz alta para a turma, voltando ao início do texto sempre que necessário. Posteriormente, fez algumas perguntas de interpretação, seguidas de perguntas de gramática, oralmente. Antes de irem para o recreio, os alunos ainda fizeram um ditado. Como não houve tempo para terminar o ditado antes da hora do

recreio, os alunos terminaram-no quando regressaram novamente à sala de aula, depois deste período de descanso e descontração. A manhã terminou com a aula de Inglês.

Inferências e Fundamentações

Ao ler em voz alta, o docente vai promover na criança o gosto pela leitura e pela fantasia das histórias e dos textos. Aos poucos, os ouvintes vão tornando-se cada vez mais autónomos e a leitura passa a ser individual e silenciosa, permitindo ao pequeno leitor descobrir o quão furtivo é a prática da leitura.

Segundo Veloso (2001) “o ler em voz alta, com uma óbvia preparação prévia, mostra às crianças a musicalidade da palavra e a sua riqueza semântica.” (p. 24)

Durante toda a manhã, estiveram agitadas, tendo algumas delas prejudicado um pouco as aulas.

19 de outubro de 2012

Durante a manhã de hoje, as crianças realizaram exercícios de Matemática, que a professora escrevia no quadro, e os alunos passavam para as suas folhas e resolviam-nos. Posteriormente, realizaram a sua correção no quadro.

22 de outubro de 2012

Durante a primeira parte da manhã, os alunos fizeram a leitura e interpretação do texto *O Gigante Egoísta* de Óscar Wilde. Depois do recreio, a professora iniciou uma aula na área de Matemática, onde trabalhou os sólidos geométricos. Durante esta aula, a professora referiu as diferenças entre sólido geométrico e figura geométrica, relembrou o nome de algumas figuras geométricas, e falou sobre alguns sólidos geométricos e as suas características, mostrando os sólidos geométricos, feitos em madeira, que tinha na sala.

Inferências e Fundamentações

Durante a leitura do texto alguns alunos não estavam a seguir totalmente o texto. Outros alunos estavam inquietos e distraídos, não prestando atenção à leitura dos colegas. Quando a professora os mandava continuar a ler, mostravam-se perdidos, sem saber onde começar.

A utilização do material didático na aula de Matemática, independentemente de ser estruturado ou não, traz imensos benefícios para a aprendizagem dos conceitos matemáticos e para o desenvolvimento do raciocínio lógico, pois só experienciando e manipulando é que se consegue promover uma boa aprendizagem. O Ministério da Educação, 1990, citado por Caldeira, 2009) refere que “na aprendizagem da Matemática, como em qualquer outra área, as crianças estão normalmente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a criança deverá encontrar necessidade de exploração, experimentação e manipulação.” (p. 17)

23 de outubro de 2012

No início da manhã, a professora deu uma aula com o material Calculadores Multibásicos. Para iniciar a aula, a professora lembrou algumas regras para se trabalhar com este material. De seguida, ditou algumas situações problemáticas, em que os alunos teriam de realizar as operações pedidas, nos Calculadores Multibásicos. Com os resultados das operações, a professora lembrou a leitura de números por ordens, por classes, o algarismo de maior ou menor valor relativo e o algarismo de maior ou menor valor absoluto.

A meio da manhã, houve a Hora do Conto. Os alunos dirigiram-se para o ginásio, onde se sentaram juntamente com as outras turmas do 1º ciclo. Durante a Hora do Conto, os alunos tiveram a oportunidade de ouvir quatro histórias tradicionais, de quatro formas diferentes. A primeira história contada foi a do *Capuchinho Vermelho* (uma história lida de um livro). A segunda foi a da *Carochinha* e foi dramatizada. A terceira história foi a dos *Três Porquinhos* e enquanto o senhor contava a história (sem livro), passava em simultâneo uma apresentação com as imagens referentes à história. Por último, a história *Corre, Corre, Cabacinha* foi contada através de fantoches.

Inferências e Fundamentações

Ao ditar as situações problemáticas, antes dos alunos representarem nas placas os números ditados, a professora escrevia-os no quadro. Na minha opinião, alguns dos alunos não chegavam sequer a ouvir a situação problemática, já que, no fim, sabiam que a professora ia escrever no quadro os números que eles tinham de representar nas placas. O ponto positivo que retiro da aula foi o da professora utilizar o número do resultado para fazer várias revisões sobre a leitura de números, o

algarismo de maior ou menor valor relativo e o algarismo de maior ou menor valor absoluto.

O estudo dos números e operações envolve a compreensão do conceito de número e da sua representação. Para fazer a leitura correta de números Caldeira (2009), salienta que o aluno “deve compreender o conceito de número e o valor de posição no sistema indo-árabe” (p. 157).

Segundo Ponte e Serrazina (2000)

a compreensão global dos números e das operações bem como a sua utilização de maneira flexível para fazer julgamentos matemáticos, desenvolve estratégias uteis de manipulação dos números e operações.

O reconhecimento e a utilização de diferentes formas de representação das operações são um facilitador de apreensão de conceitos. (p. 135).

26 de outubro de 2012

Durante a primeira parte da manhã, os alunos realizaram a Prova Mensal de Matemática.

Depois do recreio, a professora deu uma aula de Matemática com o material Calculadores Multibásicos, onde trabalhou a subtração com empréstimo.

Inferências e Fundamentações

A avaliação é um momento fundamental na educação e na verificação da assimilação dos conteúdos programáticos, sendo por isso uma mais-valia para o professor detetar os conhecimentos consolidados, os conhecimentos a rever com o aluno e as dificuldades das crianças.

Segundo Zabalza (2000)

quando falamos em avaliação, não estamos a falar de um facto ou de um acto singular, mas de um conjunto de passos que se condicionam mutuamente. (...) Além disso a avaliação não é (ou não deveria ser) algo separado do processo ensino/aprendizagem; não é um apêndice independente nesse processo (está nesse processo) e desempenha um papel específico relativamente ao conjunto de componentes que integram o ensino como um todo (porque está no sistema). (p. 222)

Foi a primeira vez que assisti, no estágio, a uma aula com este material sobre a subtração com empréstimo.

Os Calculadores Multibásicos são um material matemático que permite aos alunos trabalhar várias situações problemáticas, ajudando-os a construir conceitos matemáticos como representar quantidades, efetuar cálculos e realizar leitura de números, começando por colocar as unidades no orifício mais à direita da placa.

29 de outubro de 2012

Hoje foi dia da minha primeira manhã de aulas nesta turma. Comecei pela área de Estudo do Meio, onde falei sobre as regras de segurança em casa e nos transportes, com a ajuda de uma apresentação em *Powerpoint*. Passados quinze minutos de ter iniciado a aula, entrou na sala uma Professora Orientadora e pediu-me para parar, durante um tempo, a aula que estava a dar para dar uma aula surpresa sobre subtração com empréstimo com o material Calculadores Multibásicos. Enquanto explicava aos alunos que ia parar um pouco a minha aula de Estudo do Meio, para lhes dar uma aula de Matemática com o material, as minhas duas colegas foram buscar o material ao salão.

Depois desta aula surpresa, recomecei a aula sobre as regras de segurança em casa e nos transportes, enquanto as colegas de estágio foram à reunião de estágio com as Professoras Orientadoras.

Depois do recreio, as crianças voltaram para a sala com a professora titular da turma, pois eu fui para a reunião com todas as minhas colegas estagiárias. Quando faltavam cerca de 20 minutos para a hora de almoço, voltámos para a sala, onde a professora me pediu para continuar a minha aula de Estudo do Meio.

Inferências e Fundamentações

Na aula de Estudo do Meio, falou-se sobre acidentes em casa, a segurança que devemos ter e a prevenção destes mesmos acidentes. Sendo que estes alunos, apesar de crianças, ao ajudarem em algumas tarefas em casa e, até mesmo, nas pequenas tarefas de higiene que já fazem sozinhos, muitas vezes podem não estar a proceder de maneira mais correta; posto isto, estas aulas servem para ajudar a desenvolver condutas mais corretas e diminuir as probabilidades de acidentes em casa.

O parecer da equipa da supervisão pedagógica tem um papel fundamental na nossa progressão enquanto futuros professores. Saber ouvir e saber refletir sobre o parecer dos professores de Prática Pedagógica são atos extremamente importantes na formação de futuros docentes.

Segundo Alarcão e Tavares (1987):

Compete aos supervisores, se quiserem ser líderes de comunidades aprendentes, fazer a leitura dos percursos de vida institucionais, provocar a discussão, o confronto e a negociação de ideias, fomentar e rentabilizar a reflexão e a aprendizagem colaborativas, ajudar a organizar o pensamento e a acção do colectivo das pessoas individuais. (p. 149)

Deste modo, a orientação dos professores é, sem dúvida, uma mais-valia para a nossa vida como futuras profissionais.

No início da manhã os alunos mostraram-se atentos e participativos, mas depois, com as trocas de aulas, foram ficando um pouco mais agitados.

Durante o decorrer da aula surpresa deparei-me com situações em que tive que explicar, mais do que uma vez, como se realizava a operação de subtração com empréstimo através da manipulação dos Calculadores Multibásicos.

Penso que a aula correu bastante bem, apesar de não ter feito o cálculo no quadro, depois de terem realizado a operação com o material nos seus lugares. Durante a aula surpresa, houve um aluno que levantou o tampo da mesa deitando por duas vezes, o material ao chão. Na primeira vez, pedi-lhe para ter mais cuidado, pois poderia ter levantado sem querer o tampo da mesa. Na segunda vez que levantou o tampo, verifiquei que o fez de propósito e, por isso, repreendi-o e retirei-lhe o material, explicando-lhe que iria ficar a olhar para os seus colegas, para ver se aprendia a trabalhar com o mesmo.

As minhas outras duas aulas, de Português e de Matemática, tiveram de passar para a semana seguinte.

30 de outubro de 2012

Hoje o dia começou com a realização da Prova Mensal de Português. À medida que iam terminando, a professora distribuía uma folha, para os alunos escreverem o cabeçalho e, por fim, fazerem uma cópia, para avaliação de um texto do livro de Português. Depois do recreio, os alunos fizeram um ditado.

Terminaram a manhã com a aula de Inglês.

Inferências e Fundamentações

Uma vez por mês, todos os alunos do 1.º Ciclo do Jardim-Escola elaboram um teste de avaliação a fim de se aferir os conhecimentos adquiridos durante o mês (Provas Mensais).

A avaliação intercalada, que se enquadra no tipo de avaliação mensal, procede segundo Ribeiro e Ribeiro (2003) “a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado.” (p. 359)

2 de novembro de 2012

Neste dia não compareci ao estágio.

5 de novembro de 2012

Hoje foi dia da minha colega dar aula durante toda a manhã. Para dar início à sua aula de Português, a colega colocou o som do mar, pedindo aos alunos para fecharem os olhos e pensarem no que é que aquele som os fazia lembrar. Depois dos alunos descobrirem, mostrou-lhes um poema lendo-o, com a participação destes. De seguida, falou em algumas partes que constituem um poema, como o verso, estrofe, quadra. Depois entregou uma ficha informativa aos alunos, que leram em voz alta para os colegas. Para terminar a aula de Português, deu uma ficha formativa, para os alunos realizarem. Posteriormente, fez a correção da mesma.

Depois, iniciou a área de Estudo do Meio, onde falou sobre as regras de segurança na praia. Durante essa aula, mostrou uma apresentação em *Powerpoint*. Depois do recreio, continuou com a aula de Estudo do Meio. Tal como aconteceu na aula anterior, a minha colega entregou primeiro uma ficha informativa aos alunos, depois uma ficha formativa, fazendo, por último, a correção desta.

Na aula de Matemática, a minha colega trabalhou a adição e a subtração utilizando unidades de tempo.

Inferências e Fundamentações

Durante a aula de Português, penso que a minha colega devia ter posto o som do mar um pouco mais baixo, pois fez com que os alunos tentassem falar mais alto para serem ouvidos, o que gerou um pouco de agitação. Quando mandava calar, a minha colega não esperava que estivessem todos em silêncio para continuar a aula, o que fez com que todos falassem ao mesmo tempo, durante a aula.

Segundo Marques (2001) “A disciplina depende, em grande parte, de uma boa organização da sala de aula e de uma adequada gestão do tempo”. (p.107)

Durante a aula de Estudo do Meio, a colega foi, por vezes, um pouco confusa nas explicações que dava. Algumas destas explicações eram incorretas, como por exemplo quando disse: - “o cloro é uma coisa que se põe na água para ela ficar azul.” Nós, futuros docentes, temos de ter em atenção como explicamos as matérias, pois temos uma turma inteira a absorver tudo o que nós dizemos. Um pequeno erro pode gerar muita confusão na cabeça das crianças.

6 de novembro de 2012

A manhã teve início com as minhas duas colegas e eu a ajudarmos alguns alunos a resolver trabalhos em atraso. Depois de todos os alunos estarem presentes

na sala de aula, a professora disse-me para continuar as minhas aulas, que não puderam terminar no dia 29 de outubro.

Na aula de Matemática, comecei por sentar os alunos em pares e por distribuir por cada aluno, um envelope pedindo-lhes para não abrirem de imediato. Depois dialoguei sobre o euro, as diferentes moedas e notas e os seus valores. Depois desta pequena conversa sobre o euro, disse aos alunos para abrirem o envelope, que continha moedas e notas feitas em papel. Dei-lhes algum tempo para poderem ver e mexer no dinheiro, pois já sabia que seria um material que iria despertar grande entusiasmo nas crianças. Durante a aula, inventei uma pequena viagem à cidade de Coimbra, em que visitámos cafés, museus e livrarias, entre outras. Durante essa viagem os alunos fizeram várias compras e tinham de pagar com o dinheiro que cada um tinha no envelope. Fiz várias situações problemáticas de diversas formas, pois os alunos fizeram de compradores, depois todos de vendedores e, por fim, e como estavam sentados dois a dois, um fazia de vendedor e outro de comprador e vice-versa. No fim da aula, os alunos realizaram uma ficha formativa sobre a matéria dada.

Na aula de Português, falei sobre a Banda Desenhada (BD). Iniciei a aula, com um *Powerpoint*, onde mostrava as partes constituintes deste tipo de texto, enquanto explicava oralmente. De seguida, realizei, com as crianças, uma atividade, que consistia em que estas, através de imagens soltas, construíssem a sua própria Banda Desenhada. Todas as crianças tinham a mesma Banda Desenhada para construir, só tinham de, através das falas, colocar as imagens por ordem. No final da atividade alguns alunos leram a sua BD.

Inferências e Fundamentações

Para as crianças, o dinheiro serve apenas para fazer compras.

De acordo com Ponte e Serrazina (2000),

(...) a grandeza dinheiro deve ser tratada de modo diferente das outras. O professor deve partir do princípio que há um certo número de moedas que já são familiares. Às crianças e estas devem compreender as relações entre elas e perceber quantas moedas de um tipo são equivalentes a outra ou são necessárias para completar um dado preço. (p. 201)

Durante a aula, pude reparar que os alunos já conheciam a maioria das moedas e notas. Mas a escola deve criar situações que lhes proporcionem compreender a relação entre notas e moedas, por exemplo, a quantas moedas equivale uma determinada nota e vice-versa, ou quantas moedas ou notas são necessárias para completar um determinado valor. Por essa razão, é importante proporcionar aos alunos, na sala de aula, situações que envolvam compras e vendas,

em que os alunos simulem a realização de pagamentos e efectuem trocos, utilizando, por exemplo, réplicas de moedas e notas.

Durante a utilização do material, alguns elementos da turma começaram a brincar com as peças. Avisei duas ou três vezes os mesmos alunos. Por não respeitarem as regras de boa utilização do material, tirei-lhes por momentos o material e ficaram a assistir à aula, vendo e aprendendo com os seus colegas, como se está numa aula, com material. Sempre que achei necessário, penso que fui disciplinadora e assertiva, pois já sabia o tipo de comportamento desta turma em aulas com materiais.

Na aula de Português, os alunos mostraram curiosidade pelo tema, proporcionando o diálogo e fazendo muitas perguntas sobre este tipo de texto.

9 de novembro de 2012

Durante o dia de hoje, os alunos resolveram alguns exercícios de matemática e terminaram os trabalhos que tinham em atraso.

12 de novembro de 2012

Hoje foi dia da minha colega dar aula durante toda a manhã. Começou por dar uma aula de Estudo do Meio sobre os sinais de trânsito, em que mostrou uma apresentação feita em *Powerpoint*. Depois de dar a aula, a minha colega entregou uma ficha informativa sobre a matéria dada. Depois do intervalo, falou sobre os ângulos, na aula de Matemática, relembrando o nome dos ângulos e, por fim, ensinando como se mede a amplitude destes, com um transferidor. Como já não havia tempo para terminar esta aula e iniciar a aula de Português, a minha colega entregou apenas a ficha informativa e levou-a com os alunos, deixando a ficha formativa para o dia seguinte.

Inferências e Fundamentações

As crianças de hoje vão ser os jovens e adultos do futuro e, como tal, é importante educá-las acerca da segurança rodoviária. Falar da segurança rodoviária na escola é uma forma de as alertar para os perigos que correm quando estão a brincar ou a passear na rua ou quando estão em viagem, se não cumprirem com todas as regras de segurança. Ao falarmos com as crianças destes assuntos que são alvos de diversas campanhas realizadas pela Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária (www.ansr.pt), estamos a alertá-las para o cuidado que devemos ter quando andamos pela rua de carro ou a pé. Tendo em conta a responsabilidade futura destas crianças,

é cada vez mais importante introduzir estes temas de cidadania em idades precoces, educando assim futuros cidadãos a terem maior responsabilidade sobre as suas atitudes, para uma vida em comunidade melhor.

A ficha Informativa que a minha colega entregou aos alunos, sobre os sinais de trânsito, era demasiado extensa. Para crianças desta idade, penso que não fez muito sentido ter entregue uma ficha com os nomes de muitos sinais de trânsito, em vez das regras principais a ter, ao andar na rua.

Durante a aula de Matemática, como tinham de usar o transferidor, os alunos ficaram muito agitados, brincando constantemente com o material.

13 de novembro de 2012

A minha colega iniciou o dia, relembrando as aulas dadas no dia anterior, para depois entregar a ficha formativa sobre os ângulos. Terminada a aula de Matemática, ela deu início à aula de Português, distribuindo um texto dramático pelas crianças. De seguida, fez a leitura modelo. Depois da leitura, levou os alunos para a biblioteca, onde estes representaram o texto. Para esta representação, os alunos tinham sinais de trânsito feitos em cartolina.

Voltando novamente à sala de aula, e já com a professora titular de turma, os alunos realizaram um ditado.

Inferências e Fundamentações

Quando a minha colega levou os alunos para a biblioteca, estes ficaram bastante entusiasmados e curiosos com o que iam fazer a seguir. Durante a dramatização, todos queriam participar. Segundo Lander e Barret (1993) “a expressão dramática, enquanto prática pedagógica do teatro no sentido mais lato, pode-se fixar como finalidade favorecer o desenvolvimento, o desabrochar da criança através de uma atividade lúdica que permita uma aprendizagem global (cognitiva, afectiva, sensorial, motora e estética).” (p. 12)

16 de novembro de 2012

Durante o início da manhã, as minhas colegas e eu, ajudámos alguns alunos a terminar os trabalhos que tinham em atraso. De seguida, entrou na sala uma Professora Orientadora e pediu uma aula surpresa a uma das minhas colegas. Esta aula surpresa consistia em dar os graus dos nomes. Ao ser pedida esta aula, a minha colega percebeu que o tema seria os nomes e não os graus dos nomes. Começou por

ler um texto e, de seguida, fazer algumas perguntas, oralmente, lembrando os nomes próprios, nomes comuns e nomes comuns coletivos. Quase no fim da aula, a Professora Orientadora chamou a minha colega e disse-lhe que ela não estava a dar a matéria pedida. Depois desta chamada de atenção, a colega, no resto do tempo que tinha, falou sobre os graus dos nomes.

Depois desta aula, os alunos tiveram “Clube de Ciências”.

Na última parte da manhã, a professora deu uma aula com o material estruturado Cuisenaire.

Inferências e Fundamentações

Durante o início da aula, a minha colega falou sobre as classes dos nomes. Quando esta foi interrompida pela Professora Orientadora, dizendo-lhe que não era esse o tema pedido, a colega ficou bastante nervosa, o que se notou bastante até ao final da aula. Depois de ser chamada a atenção, e quase já no final da aula, a minha colega deixou as classes dos nomes e iniciou os graus dos nomes.

Durante toda a aula, deveria ter usado mais palavras do texto ou relacionadas com o mesmo pois, logo a seguir de ler o texto, esqueceu-se completamente dele e quase não usou palavras referentes ao tema do texto.

1.8. 8.ª Secção: Estágio 1.º Ano A

1.8.1. Período de Estágio: 19 de novembro a 25 de janeiro

1.8.2. Caracterização do grupo:

A turma do 1º ano é formada por 30 alunos, sendo 14 rapazes e 16 raparigas. Quase todas as crianças têm 6 anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do jardim-escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.8.3. Caracterização do espaço:

Na sala do 1.º ano A as mesas das crianças encontram-se dispostas em filas, com as crianças sentadas duas a duas. Esta sala possui duas portas de entrada, em que uma dá acesso ao salão e outra dá acesso ao recreio destinado às crianças do Pré-escolar. Tem uma parede, toda ela composta por janelas.

A sala encontra-se decorada com dois *placards* onde são expostos os trabalhos realizados pelas crianças.

No interior da mesma existem dois quadros de giz, e junto a um destes encontra-se a secretária da professora.

1.8.4. Rotinas:

As rotinas das crianças que frequentam o 1.º ano são iguais às rotinas praticadas pelas crianças de outras faixas etárias que frequentam o 1.º Ciclo no Jardim-Escola.

Ao chegarem à sala, os alunos sentam-se nos seus lugares e, com o apoio da professora e das estagiárias presentes na sala, iniciam a leitura em voz alta de um texto do manual, previamente marcado. Após terminarem a leitura, é marcada a data para o dia seguinte, no texto que se segue.

1.8.5. Horário:

Posteriormente apresento o quadro com o horário semanal da turma, facultado pela educadora cooperante.

Relatório de Estágio Profissional

Quadro 11 – Horário do 1.º Ano A

2º Ano - A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-10.00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10.00-11.00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11.00-11.30	RECREIO				
11.30-12.00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12.00-12.50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Música
13.00-14.30	ALMOÇO E RECREIO				
14.30-15.20	Inglês	Música	Estudo do Meio	Expressão Plástica	Matemática
15.20-16.10	Estudo do Meio	Inglês	Estudo do Meio	Expressão Plástica	Estudo do Meio
16.10-17:00	Educação Física	Estudo do Meio	Estudo do Meio (Formação Cívica)	Educação Física	Estudo do Meio sica
16:00-16.25	SAÍDA				

Horário sujeito a alterações

Relatos Diários

19 de novembro de 2012

Hoje foi o primeiro dia de estágio nesta turma. Já tinha estagiado com a professora, mas com a turma, foi a primeira vez. Durante este dia, ajudámos as crianças nas lições diárias e nos trabalhos que tinham em atraso.

20 de novembro de 2012

Na primeira parte da manhã, as minhas colegas e eu estivemos a ajudar os alunos com trabalhos em atraso.

Depois do recreio, a professora distribuiu, por cada aluno, uma caixa do material estruturado 5º Dom de Fröebel. Durante a aula, a professora trabalhou vários conceitos matemáticos. Começou por fazer algumas perguntas sobre o sólido geométrico, o cubo. De seguida, falou sobre frações. Para terminar a aula, desenhou um gráfico de barras no quadro e fez algumas perguntas orais aos alunos.

Inferências e Fundamentações

Foi impressionante como, numa simples aula, com um material, a professora conseguiu trabalhar, tanto a nível da matemática e não só, pois trabalhou também a memória, a interpretação dos alunos, com as questões que lhes propunha. Durante toda a aula, os alunos foram respondendo à professora, uns com mais dificuldade que outros, mas reparei que todas as crianças desta turma estavam habituadas a aulas com este ritmo.

Ao trabalhar com este material, é importante que o docente não trabalhe somente o cálculo, mas dê também importância à forma e à figura geométrica, de maneira a desenvolver capacidades espaciais que o conhecimento do cálculo, por si só, não permite.

23 de novembro de 2012

Nesta manhã, a turma realizou a Prova de Avaliação de Matemática. À medida que iam terminando, as minhas colegas e eu, íamos ajudando nos trabalhos que tinham em atraso. Após o recreio, deu-se a aula de Matemática com o material estruturado Geoplano. A professora começou por falar um pouco sobre o material. De seguida, pediu às crianças para dividirem o Geoplano ao meio, na vertical. Quando já todos tinham dividido, disse às crianças para desenharem, do lado esquerdo, um

quadrado com dois espaços de lado. De seguida, pediu para desenharem um retângulo com metade dos espaços do quadrado anterior. Antes de limpar o Geoplano pediu ainda que fizessem, do lado direito, um retângulo com um triângulo no seu interior. Depois de o Geoplano já estar novamente “limpo”, a professora pediu às crianças que o dividissem na horizontal e na vertical. Depois de todos terem feito a divisão, fez algumas perguntas sobre frações, como por exemplo:

- Em quantas partes está dividido o Geoplano?
- Como se chama cada uma dessas partes?

Depois, fez, novamente, perguntas sobre figuras geométricas, utilizando a lateralidade. Para terminar a aula, fez um ditado de uma figura, e por fim pediu-lhes para fazerem a sua simetria.

Inferências e Fundamentações

Mais uma vez, fiquei bastante impressionada com o ritmo desta aula. Apesar de ser um ritmo elevado, quase todas as crianças acompanharam a professora sem problema.

A exploração de conceitos matemáticos deve ser realizada pelas crianças de diversas maneiras, nomeadamente, a utilização de materiais manipulativos, que é uma grande referência.

De acordo com Serrazina (2002) “nos primeiros níveis de aprendizagem, incluindo tanto o Pré-Escolar como o 1.º Ciclo, o concreto refere-se, de um modo geral, ao que é manipulável” (p.24), ou seja, refere-se aos materiais e todo o tipo de instrumento que facilite e conduza ao raciocínio matemático. É importante que se parta do concreto, do palpável, do real, para o abstrato, isto é, depois de visualizar e fazer, devem introduzir-se atividades e situações problemáticas, que permitam entrar no campo da abstração.

26 de novembro de 2012

Mais uma vez, no início da manhã, as minhas colegas e eu ajudámos os alunos com os trabalhos em atraso. Depois, a professora escreveu alguns exercícios de revisão, no quadro, para os alunos passarem para as suas folhas, pois iam ter Prova de Avaliação de Língua Portuguesa no dia seguinte. Quando já todos os alunos tinham terminado os exercícios, e para terminar a manhã, a professora fez com eles um ditado.

Inferências e Fundamentações

O professor, ao realizar exercícios caligráficos, como o ditado, com os seus alunos, deverá ir aumentando, o grau de dificuldade, de uma forma progressiva, para que estes retenham, as palavras e possam aprender a escrevê-las de forma correta.

De acordo com Azevedo (2000) “a escrita constitui um sistema de símbolos gráficos, pressupondo a intervenção da percepção visual e a utilização de um sistema motor particular, activando zonas do cérebro que não actuam na fala.” (p. 42) O mesmo autor afirma ainda que Ainda a mesma autora refere que o ditado é um exercício que implica “uma atitude metalinguística, pois é necessário reestruturar de outra forma todo o saber linguístico até então adquirido. A transição da oralidade para a escrita não se faz de modo automático, nem o novo código se adquire de modo imediato.” (p.42)

27 de novembro de 2012

Durante a primeira parte da manhã, os alunos realizaram a Prova de Avaliação de Português. À medida que terminavam, iam fazendo trabalhos de expressão plástica alusivos ao Natal, para enfeitar a sala de aula. Ainda antes da hora de recreio, a professora escreveu alguns exercícios no quadro, para os alunos passarem e resolverem nas suas folhas.

Depois do recreio, na área da Matemática, a professora utilizou o material Calculadores Multibásicos para a realização de leitura de números.

Inferências e Fundamentações

O Natal é uma época festiva muito apreciada principalmente pelos mais novos. As escolas não deixam de parte esta quadra natalícia, e, a festa de Natal desempenha um papel muito importante para as crianças e para as instituições escolares.

Segundo o Ministério da Educação (1997) o desenho é uma atividade realizada frequentemente, deste modo não nos podemos esquecer que “o desenho é uma forma de expressão plástica que não pode ser banalizada, servindo apenas para ocupar o tempo. Depende do educador torná-la uma actividade educativa.” (p. 61) Desta forma, pudemos observar também como cada criança via o natal. Ao ter a sala de aula decorada de acordo com a estação do ano ou de acordo com a festividade daquela época, neste caso, o Natal, permite que as crianças se sintam mais entusiasmadas e interessadas pela temática festiva. Ao entrarem na sua sala, e esta se apresentar decorada, as crianças vão-se sentir num espaço mais acolhedor, do que se entrarem

numa sala vazia, sem decoração. Outro fator, também muito importante, é serem as próprias crianças a decorar a sua sala.

De 30 de dezembro de 2012 a 14 de dezembro de 2012

Durante estes dias, os alunos ensaiaram para a festa, e nós estagiárias, ajudámos na construção e pintura dos cenários.

4 de janeiro de 2013

O dia teve início, com as minhas colegas e eu a ajudarmos os alunos nas lições diárias. De seguida, e como estamos perto do Natal, os alunos realizaram mais um trabalho de expressão plástica, alusivo a este tema. Depois do recreio, e na área da Matemática, a professora falou das diferenças entre um gráfico de barras e um pictograma. Depois, distribuiu, por cada um, várias coroas feitas em papel e escreveu os dados no quadro. Esta aula tinha como objetivo, que os alunos construíssem no próprio lugar, o seu pictograma.

Depois do recreio, os alunos tiveram aula de Música, para ensaiar para a festa de Natal.

Inferências e Fundamentações

Segundo Sim-Sim (2006) “a leitura é uma competência que não se desenvolve espontaneamente, mas que requer uma aprendizagem consciente por parte de quem lê, a qual tem que ser objeto de uma aprendizagem formal”. (p. 141) Partindo desta premissa, é importante que as crianças leiam e que sejam corrigidas neste trabalho.

Como estamos perto do Natal, é importante que as crianças façam atividades alusivas ao tema. Cordeiro (2007) diz que as atividades temáticas “são muito importantes, pois ajudam a criança a encontrar uma organização temporal, dando-lhe segurança para prever o que vem depois, (...) exemplo do Natal, do Dia de Reis, do Carnaval.” (p.375)

Na aula de Matemática, a professora falou sobre gráficos. O gráfico é mais um meio representativo que permite comparar, calcular e encontrar respostas rápidas aos problemas e exercícios propostos.

Fernandes (2000) afirma que “independentemente da idade, as crianças parecem gostar de construir gráficos. À medida que as crianças aprendem a construí-los, elas revêm e reforçam os conhecimentos previamente adquiridos, envolvendo

medidas, razões e proporções, cálculos e representações”. (p. 42) O mesmo autor, constata ainda que “na realidade, os gráficos fazem parte do nosso cotidiano. Apresentam-se como uma forma complementar aos meios alfanuméricos de aprendizagem e são ainda considerados como uma nova linguagem a ser explorada na ação pedagógica”. (p. 39)

7 de janeiro de 2013

Nesta manhã, uma das minhas colegas deu a sua manhã de aulas. Começou com Estudo do Meio, onde falou sobre o “esquilo”. Durante esta aula, falou sobre as características deste animal, com o auxílio de uma apresentação em *Powerpoint*. No final desta aula, os alunos realizaram uma atividade que consistia em fazerem o B.I do esquilo, respondendo a algumas questões.

Na área de Língua Portuguesa, levou os alunos para o salão, onde lhes contou uma pequena história. Quando voltaram para a sala de aula, a minha colega deu uma aula sobre forma afirmativa e forma negativa. Utilizou frases referentes ao tema e ao texto lido anteriormente.

Depois do recreio, a professora esqueceu-se que neste dia havia a “Hora do Conto”, por isso a aula de Matemática da minha colega teve de passar para outro dia.

De volta à sala, e na última parte da manhã, a professora iniciou a tabuada do 3, através da multiplicação e da divisão.

Inferências e Fundamentações

Na aula de Estudo do Meio, a minha colega falou, por vezes, de uma forma mais científica. Claro que sou da opinião que os alunos, desde cedo, têm de ouvir chamar as coisas pelos nomes corretos, mas é preciso também explicar o conceito e não apenas referi-lo. Poderia ter pedido, também, uma maior participação dos alunos, na apresentação do *Powerpoint*.

Em relação à tabuada Crato (2006) refere que “os tempos duros da tabuada interminavelmente recitada de cor, sob a ameaça de reguadas, são tempos que já passaram” (p. 104), isto é, o professor arranjou estratégias mais criativas de ensinar a tabuada aos seus alunos mas, de qualquer maneira, as crianças devem ganhar algum automatismo e domínio sobre a tabuada

8 de janeiro de 2013

Nesta manhã, a minha colega deu a sua aula de Matemática, que não conseguira terminar no dia anterior. Antes de iniciar a sua aula, lembrou o que tinham estado a falar no dia anterior, nas outras duas áreas, na de Estudo do Meio e na de Língua Portuguesa. O tema da sua aula de Matemática foi a multiplicação com o material estruturado Cuisenaire. Começou por lembrar as cores e os respetivos valores das peças, antes de começar a explicação do conceito da multiplicação, através de somas simples. No final da aula, a minha colega entregou uma ficha formativa para consolidação da matéria dada.

Terminada a aula, a professora titular de turma pediu aos alunos para realizarem uma cópia. Depois do recreio, foi a vez de realizarem um ditado.

Antes da hora de almoço, a professora pediu-nos, às três estagiárias da sala, uma aula surpresa a cada uma. Primeiro foi a vez de uma das minha colegas, que fez a leitura e interpretação de um texto. De seguida eu, em que trabalhei a gramática. E por fim, a outra colega que fez uma atividade com as crianças. Essa atividade consistiu num acróstico, com palavras relacionadas com o texto lido anteriormente.

Inferências e Fundamentações

O Cuisenaire baseia-se num material preparado para desenvolver diversos conteúdos, nomeadamente a decomposição de números, resolução de situações problemáticas, múltiplos e divisores de um número inteiro, frações, áreas e perímetros, entre outros. No caso concreto, a minha colega trabalhou com os alunos a multiplicação através de somas simples.

De acordo com Damas, *et al.* (2010), “o manuseamento das barras dá, aos alunos, a possibilidade de descobrirem, eles próprios, os números e as suas relações podendo observar, manipular, calcular e compreender” (p.65).

As três aulas-surpresa correram bem, pois as minhas colegas e eu conseguimos interligá-las umas com as outras, fazendo com que as aulas tivessem sempre seguimento.

11 de janeiro de 2013

Iniciámos o dia a ajudar os alunos nas suas lições diárias. De seguida, a professora escreveu alguns exercícios de matemática no quadro, para os alunos passarem e resolverem nas suas folhas. Estes exercícios eram sobre divisões, numeração romana e decomposição de números.

Posteriormente, entrou na sala uma Professora da Prática Pedagógica, que pediu a uma das minhas colegas uma aula surpresa, em que desse a subtração com empréstimo usando o material Calculadores Multibásicos.

Inferências e Fundamentações

A utilização do material Calculadores Multibásicos no dia-a-dia escolar é muito benéfico para as crianças, pois ajuda-as a desenvolver o cálculo mental. Este constitui uma ferramenta fundamental para os dias de hoje. Na sala de aula devem ser criadas diversas situações que permitam o treino do cálculo mental, quer através de operações diretas, quer através de situações problemáticas.

Segundo o *Programa de Matemática do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2007):

(...) a destreza de cálculo é essencial para a manutenção de uma forte relação com os números, para que os alunos sejam capazes de olhar para eles criticamente e interpretá-los de modo apropriado. pois quanto maior for o desenvolvimento das estratégias de cálculo mental mais à-vontade se sentirá o aluno no uso de estratégias de cálculo mais convencionais como os algoritmos das quatro operações. (p. 10)

14 de janeiro de 2013

Neste dia, dei a minha manhã de aulas. Comecei pela área de Matemática, em que falei sobre as Frações com o material estruturado, 5º Dom de Fröebel. Distribuí pelos alunos este material e, de seguida, dialoguei com eles um pouco sobre as suas características e aplicações. Depois desta pequena conversa, expliquei a diferença entre numerador e denominador. Por fim, realizei alguns exercícios orais e escritos para consolidação da matéria dada.

De seguida passei para a área de Língua Portuguesa, em que após a leitura do texto e interpretação, questionei os alunos sobre a definição de sílaba, para introduzir o seu conteúdo – sílaba forte e sílaba fraca. Durante a aula, as crianças mostraram-se um pouco esquecidas desta matéria, o que fez com que não conseguisse fazer tudo o que tinha planeado, pois estive bastante tempo a relembrar os conceitos.

Na área de Estudo do Meio, falei sobre o “camaleão”. Para esta aula preparei uma apresentação em *Powerpoint*, que mostrava as características deste animal.

Inferências e Fundamentações

Na aula de Língua Portuguesa, a professora pediu-me para introduzir apenas o conceito de sílaba forte e sílaba fraca, utilizando as palavras última, penúltima e antepenúltima, em vez de sílaba tónica, aguda, grave e esdrúxula. Numa fase mais

avançada, e numa altura em que os alunos já distinguem bem estes conceitos, a professora introduz finalmente os nomes corretos.

De acordo com Azevedo (2000), “à medida que o conhecimento da língua se vai ampliando, poderão aparecer noções e classificações gramaticais que tornarão possível o trabalho com informações mais complexas”. (p. 223) Por isso é importante partir de situações mais simples, como é o caso do reconhecimento da sílaba forte e da sílaba fraca, (conteúdo que as crianças dão na sala dos 5 anos) e, só depois, aprender a identificar e categorizar os nomes da classificação quanto à sílaba tónica.

Durante a aula, as coisas não correram como tinha planeado, o que me fez ficar bastante nervosa o resto da aula, pois apercebi-me de que não iria ter tempo suficiente para terminar a aula. No final da manhã, a professora disse-me que não valia a pena ter ficado tão nervosa, pois mais valia relembrar os conteúdos, do que passá-los e continuar com a minha aula. Por vezes, temos de alterar os nossos planos de aula, consoante as necessidades dos nossos alunos. A professora pediu-me para terminar a minha aula de Língua Portuguesa noutro dia, com o intuito de realizar a atividade que tinha previsto para a turma.

15 de janeiro de 2013

Hoje foi dia da minha colega dar a sua manhã de aulas. Começou com uma aula de Língua Portuguesa, em que fez a leitura modelo de um texto, seguida pela leitura de várias crianças. Depois fez oralmente algumas perguntas de interpretação e de gramática.

Na área de Estudo do Meio, falou sobre uma ave, o Beija-Flor, mostrando uma apresentação em *Powerpoint*.

Na área de Matemática realizou algumas situações problemáticas, com o material estruturado Calculadores Multibásicos.

Inferências e Fundamentações

Durante a aula de Estudo do Meio, a minha colega mostrou-se mais à vontade, do que nas outras áreas. Puxou sempre pelos alunos, aproveitava muito bem o que eles diziam e estimulou bastante a sua participação. Os alunos mostraram-se também muito entusiasmados e participativos no decorrer desta aula. Quando passou para a aula de Matemática, notou-se que houve uma quebra, por parte da minha colega, por já não se sentir tão à vontade como na aula anterior. Por se ter notado essa quebra, também os alunos ficaram um pouco mais agitados.

Penso que os professores devem mostrar sempre segurança quando estão a explicar a matéria à turma, pois se as crianças se aperceberem dos nossos medos e que não dominamos, verdadeiramente, os conteúdos, vão aproveitar a situação para nos fazerem perguntas às quais poderemos não saber dar resposta, deixando-nos ainda mais inseguros.

18 de janeiro de 2013

As minhas duas colegas e eu começámos a ajudar os alunos com as suas lições diárias e, de seguida, nos seus trabalhos em atraso.

A meio da manhã, dei a minha aula de Língua Portuguesa, que não consegui terminar a 14 deste mês. Depois do recreio, as crianças tiveram aula de Música.

Inferências e Fundamentações

Neste dia, a aula de Língua Portuguesa já correu bastante melhor. Eu estava mais calma, e a conversa com a professora ajudou-me bastante. O importante da aula era que as crianças percebessem os conteúdos e não eu terminar a aula, como tinha em mente. Felizmente que tudo correu melhor, as crianças estiveram comigo e a matéria foi dada ao ritmo da aprendizagem das crianças. Por vezes, temos de ter uma aula menos positiva, para conseguirmos ver como as coisas são na realidade.

21 de janeiro de 2013

As minhas duas colegas e eu começámos a ajudar os alunos com as suas lições diárias e, de seguida, nos seus trabalhos em atraso.

Durante o resto da manhã, os alunos passaram exercícios de matemática do quadro e resolveram-nos nas suas folhas. No final, a professora corrigiu, no quadro, todos os exercícios feitos anteriormente.

22 de janeiro de 2013

Na primeira parte desta manhã, assisti a uma aula de duas colegas do 2º ano da licenciatura. Eram as suas primeiras aulas e o tema foi “As profissões relacionadas com medicina”. Para a aula, prepararam uma apresentação em *Powerpoint* e levaram alguns objetos referentes a cada profissão. Depois do recreio, a minha colega entregou aos alunos uma ficha de matemática, que não acabara na sua manhã de aulas.

Depois do intervalo, a professora distribuiu por alguns alunos folhas A4 com a grafia de números romanos, e fez um jogo, com toda a turma, que consistia em chamar um aluno para vir à frente, para escolher os colegas (com as folhas) necessários para formar o número que a professora lhe dizia ao ouvido. Caso fosse necessário, escrevia o número no quadro com algarismos árabes. Depois, mudou de estratégia, pois era a própria professora que escolhia os alunos, formando um número e eram as crianças que tinham de dizer qual o número representado.

Inferências e Fundamentações

Gostei bastante de ver a estratégia utilizada pela professora para trabalhar a numeração romana. Penso que as lições dadas através de jogos são muito mais produtivas, pois os alunos entregam-se mais, estando mais atentos e participativos. A vontade de jogar e o desejo de vir a vencer são características vivas no momento do jogo, que influenciam à participação e o pensamento das crianças na tarefa proposta, seja ela correr ou responder a uma pergunta.

Segundo Spodek e Saracho (1998) “a brincadeira educativa tem como objetivo primário a aprendizagem”. (p. 215) Os mesmos autores afirmam ainda que este tipo de aprendizagem serve “um propósito pedagógico, ao mesmo tempo em que se mantém sua função de satisfação pessoal” (p. 215), facilitando a aquisição de conteúdos.

25 de janeiro de 2013

A manhã teve início com as leituras diárias dos alunos. Após as leituras e até à hora do intervalo, a professora distribuiu, pelos alunos, um pequeno texto e escreveu no quadro perguntas de interpretação e de gramática, as quais os alunos copiaram para a folha, a fim de as responderem, por escrito. Terminada esta proposta, os alunos realizaram uma cópia.

Pereira e Azevedo (2005) referem que:

a cópia pode ser um meio útil para ajudar as crianças a formar letras e palavras, mas o excesso de cópias pode reduzir a motivação e as oportunidades de aprender. Há que adoptar uma atitude equilibrada, encorajar as crianças a arriscar escrevendo e a copiar também. (p.26)

Após o intervalo e até à aula de Música, a professora solicitou que lecionássemos uma aula na Área de Matemática; para tal, a professora escreveu no quadro os números (196, 32, 300, 424, 51, 27, 87) e cada uma de nós desenvolveu uma estratégia diferente, utilizando os mesmos. Uma das minhas colegas trabalhou a numeração romana, a outra trabalhou a leitura de números e o cálculo mental e eu trabalhei a ordem decrescente.

Capítulo 2

Planificações

Relatório de Estágio Profissional

2.1 Descrição do capítulo

O presente capítulo aborda a temática das planificações e está organizado em duas partes. Na primeira parte, procuro responder a algumas perguntas, como o que é planificar, porquê planificar e qual a importância de planificar, sempre com a respetiva fundamentação teórica.

Na segunda parte, apresento quatro planos de aula. Relativamente ao Pré-Escolar, apresento duas planificações que executei, pertencentes à área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática. Por fim, exponho duas planificações referentes ao 1.º Ciclo, que elaborei para a realização de uma das aulas de manhã inteira, pertencentes à área de Matemática e à área de Estudo do Meio.

Estas planificações foram sempre mostradas previamente às educadoras/professoras das turmas, com o objetivo de garantir que seriam adequadas às crianças em causa, atendendo não só à sua idade, mas também às suas características específicas enquanto turma.

Todas as planificações que serão apresentadas irão conter o meu comentário crítico, devidamente fundamentado, evidenciando os aspetos que considero relevantes em cada uma das aulas lecionadas.

2.2. Fundamentação Teórica

Hoje em dia, a necessidade de ordenar a prática educativa, é extremamente importante. Essa ordenação pressupõe uma visão prévia do que se vai realizar, isto é, pressupõe uma planificação.

Saber planificar é fundamental na Educação, pois é um processo que consiste em realizar/concretizar uma série de ações, que pretendem atingir determinados objetivos, guiando a pessoa para que esta consiga seguir um fio condutor e estruturado. Por esta razão, planificar é de extrema importância para o professor, permitindo, assim, possuir linhas orientadoras, sabendo, sempre, o que se pretende atingir. Segundo Vilar (1998) “para planificar, o professor terá que apoiar-se em princípios teóricos (curriculares e pedagógicos-didáticos) para, uma vez contextualizar esses princípios, adaptar o seu pensamento às componentes e características fundamentais da ação concreta”. (p.5)

Zabalza (2000) afirma que “a planificação baseia-se na reflexão sobre os passos a dar, na previsão dos seus efeitos e na organização funcional de todo o processo como um conjunto integrado”. (p.25)

Para Lorenzo (citado por Vilar, 1998) “a planificação é um procedimento que visa preparar, por períodos mais ou menos longos de tempo, o trabalho a levar a cabo.” (p. 38)

Segundo Sprinthall e Sprinthall (1993) “o objetivo do plano é proporcionar uma sequência de passos que se vão seguindo enquanto ensina a matéria”. (p. 351)

Assim, a planificação é fundamental para um ensino de qualidade. O educador/professor, ao planificar as suas aulas, deve ter sempre em atenção o público-alvo a que se destina a aula, pois deve ter em conta as capacidades que os seus alunos possuem, deve ter noção dos conhecimentos, facilidades e dificuldades que estes apresentam. As estratégias que utilizará para cativar os alunos, também são essenciais, para que consiga alcançar resultados positivos e os objetivos pretendidos.

Para Ribeiro e Ribeiro (2003) a planificação:

explicita tipos de estratégia, actividades, experiências de aprendizagem a prosseguir, salientando o papel ou actuação do professor e as acções dos alunos nas situações e meios de ensino-aprendizagem que se seleccionam e sequenciam da forma mais eficaz que for possível (p.65).

Arends (1999) refere que “a planificação do professor é a principal determinante daquilo que é ensinado nas escolas. (p. 44)

Planificar permite ao professor modificar a forma de ensino, para a adequar às características particulares de cada situação de ensino, de cada turma, de cada criança.

Zabalza (2001) defende que: “sem programação não se pode fazer boa escola. Porém, para que a programação responda ao seu sentido curricular, tem que possuir certas características importantes, que afectam tanto o processo da sua planificação como a sua posterior aplicação prática na aula.” (p.96)

Também Vilar (1998) afirma também que:

a planificação, sendo um instrumento de clarificação e gestão das opções e prioridades educativas assumidas em determinado momento, não pode ser encarada como uma atividade estática, porque, constituindo um instrumento (político) que incide sobre a realidade, nunca pode ser definitivo”. (p. 5)

Como referi anteriormente, a planificação é, sem dúvida, um elemento imprescindível, que organiza e orienta o Educador/Professor nas suas atividades pedagógicas ao longo do seu percurso de ensino, onde, o docente deve ter atenção aos conhecimentos já adquiridos pelas crianças, assim como os novos conhecimentos que pretende transmitir.

Em suma, segundo Vilar (1998), “numa planificação, há duas ideias subjacentes: uma ideia cognitiva, segundo a qual a planificação é uma actividade

mental interna do professor e uma ideia «externa», que reflecte os passos concretos que são dados durante o desenvolvimento da própria planificação.” (p. 22)

São vários os modelos de planos utilizados para a planificação de aulas. Segundo Arends (1999) “os formatos dos planos de aula podem variar, mas em geral um bom plano inclui a exposição clara dos objetivos, a sequência das atividades de aprendizagem e o meio de avaliação da aprendizagem do estudante”. (p. 68)

Todas as planificações que elaborei, durante todo este período de estágio, tiveram como base o modelo T de aprendizagem, desenvolvido pelo Dr. Martiniano Pérez, pois é este o modelo utilizado neste jardim-escola

Segundo Pérez (s.d) este modelo de planificação “trata de agrupar os objetivos fundamentais (capacidades-valores) e complementares (destrezas e atitudes) com conteúdos (formas de saber) e métodos/ atividades gerais numa visão global e panorâmica” (p.7). O mesmo autor afirma ainda que é um “modelo de selecção cultural e curricular integrado para favorecer a educação integral e o desenvolvimento harmonioso da personalidade” (p. 7).

Denomina-se Modelo T, devido à forma de um duplo T: o T dos meios (conteúdos e métodos/ procedimentos) e o T dos objetivos (capacidades – destrezas e valores – atitudes).

Segundo Pérez (s.d.):

As capacidades – destrezas: indicam os objetivos fundamentais cognitivos (...) que queremos desenvolver; Os valores – atitudes: mostram os objetivos fundamentais afetivos que pretendemos desenvolver; Os conteúdos (conhecimentos): apresentam em três ou seis blocos de conteúdos ou blocos temáticos que se pretende aprender ao longo do ano escolar; os métodos/procedimentos: apresentam-se entre nove a doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer, para serem apreendidas no curso escolar (p.402).

O modelo referido anteriormente pode ser visualizado no quadro 12, na página seguinte.

Quadro 12 – *Planificação baseada no modelo T de aprendizagem*

Conteúdos		Procedimentos/métodos	
Capacidades/destrezas	Objetivos	Valores/attitudes	

A elaboração de uma planificação deverá servir para facilitar o trabalho do educador/professor, e nunca prejudicar; por isso, este deve poder estar sempre apto para possíveis alterações.

2.3. Planificações do Pré-Escolar

De seguida apresento duas planificações referentes ao ensino Pré-Escolar. A primeira planificação é referente à Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Quadro 13). A segunda planificação insere-se no âmbito da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática (Quadro 14).

2.3.1. Planificação da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

No quadro 13 podemos observar o plano de aula preparado para a sala dos 3 anos, na área de Expressão e Comunicação, o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Esta atividade foi realizada no dia 18 de outubro de 2011, e teve uma duração de 35 minutos.

Quadro 13 – Planificação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita

Plano de aula

Sala: 3 anos Duração: 35 minutos Data: 18 de outubro de 2011	Estagiária: X Turma: Mestrado em Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico
---	---

Área:

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita

Conteúdos	Procedimentos/métodos
❖ Leitura e interpretação da história: <i>O ovo do Ivo</i>	❖ Contar a história: <i>O ovo do Ivo</i> ; ❖ Explorar a história, dialogando e questionando sobre a mesma; ❖ Cantar uma canção alusiva às personagens da história (<i>Pintinho</i>); ❖ Entregar às crianças uma lembrança do <i>Ovo do Ivo</i> .
Competências	
Capacidades-Destrezas	Valores-Atitudes
<u>Compreensão</u> ❖ Identificar; ❖ Observar;	<u>Responsabilidade</u> ❖ Ser ordenado; ❖ Participar;
<u>Participação</u> ❖ Dialogar; ❖ Escutar;	<u>Respeito</u> ❖ Entender; ❖ Tolerar;
<u>Raciocínio lógico</u> ❖ Analisar; ❖ Interpretar imagens;	<u>Convivência</u> ❖ Interesse; ❖ Curiosidade
Material: livro, “ O ovo do Ivo”	

Inferências/Fundamentação teórica

Esta atividade foi trabalhada com 29 crianças de 3 anos. Antes de começar a contar a história, pedi às crianças que se sentassem em forma de U, em cima do tapete. Organizei os alunos desta forma, porque considerei esta disposição a mais adequada para que todas as crianças visionassem melhor o livro.

Cury (2004) refere que “sentar em forma de U ou em círculo aquieta o pensamento, melhora a concentração, diminui a ansiedade dos alunos. O clima da classe torna-se agradável e a interação social dá um grande salto em frente.” (p. 125) O mesmo autor refere como benefícios desta disposição: “desenvolver a segurança, promover a educação participativa, melhorar a concentração, diminuir conflitos em sala de aula, diminuir a conversa paralela.” (p.123).

Antes de iniciar a leitura, acendi uma vela, criando um ambiente calmo, tranquilo e aconchegante. É essencial, nestas idades, que se crie momentos como estes de magia, ajuda as crianças a viverem a vida de uma forma suavizada. Segundo Veloso (2001) “o acto de contar uma história é um acto mágico.” (p.45)

Cury (2004) afirma que:

educar é contar histórias. Contar histórias é transformar a vida na brincadeira mais séria da sociedade. A vida envolve perdas e problemas, mas deve ser vivida com optimismo, esperança e alegria. Pais e professores devem dançar a valsa da vida como contadores de histórias. (p.132)

De seguida mostrei a capa do livro e dialoguei sobre esta, perguntando às crianças o que viam e de que falaria a história. Durante a história, as crianças foram repetindo algumas falas e sons que faziam parte da mesma. Posso concluir que as crianças estiveram atentas, motivadas e manifestaram prazer enquanto a escutavam, mostrando-se sempre participativas. A aula tinha como conteúdo, estimular o gosto pela leitura.

O contacto precoce da criança com o livro infantil e com a leitura é extremamente importante no seu desenvolvimento, pois é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, sendo o instrumento básico para as restantes aprendizagens escolares.

Conforme é referido nas Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, do ME (1997) “vivendo num meio em que contactam com a linguagem escrita, as crianças desde muito pequenas, por volta dos 3 anos, sabem distinguir a escrita do desenho e, mais tarde, sabem também que uma série de letras iguais não forma uma palavra, começando a tentar imitar a escrita e a reproduzir o formato da escrita.” (p. 69) O mesmo autor refere ainda que “as histórias lidas ou contadas pelo educador, recontadas, inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um

meio de abordar um texto narrativo que, para além de outras formas de exploração noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler.” (p. 70)

Gostei bastante de contar a história, pois estas são bons instrumentos que nos permitem desenvolver diversos temas de diferentes áreas.

2.3.2. Planificação da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática.

No quadro 14 podemos observar o plano de aula preparado para a sala dos 5 anos, na área de Expressão e Comunicação, o Domínio da Matemática. Foi realizada no dia 27 de janeiro de 2012, e teve uma duração de 50 minutos.

Quadro 14 – Planificação na área de Expressão e Comunicação do Domínio da Matemática.

Plano de aula

Sala: 5 anos
Duração: 50 minutos
Data: 27 de janeiro de 2012

Estagiária: X
Turma: Mestrado em Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

Área:
Domínio da matemática

Conteúdos	Procedimentos/métodos
❖ Sólidos Geométricos ❖ Adição ❖ Subtração	❖ Iniciar a aula com os alunos sentados nos respetivos lugares; ❖ Colocar questões relativas ao material (3º e 4º Dons de Froebel); ❖ Realizar a construção da ponte baixa; ❖ Expor algumas situações problemáticas; ❖ Executar a construção da camioneta; ❖ Expor algumas situações problemáticas;
Competências	
Capacidades-Destrezas	Valores-Atitudes
<u>Compreensão</u> ❖ Identificar; ❖ Observar;	<u>Responsabilidade</u> ❖ Ser ordenado; ❖ Participar;
<u>Participação</u> ❖ Dialogar; ❖ Relacionar;	<u>Respeito</u> ❖ Entender; ❖ Tolerar;
<u>Raciocínio lógico</u> ❖ Analisar; ❖ Resolução de problemas;	<u>Convivência</u> ❖ Interesse; ❖ Curiosidade
Material: imagens móveis e material estruturado 3º e 4º Dons de Froebel.	

Planificação baseada no modelo T

Plano sujeito a alterações

Inferências/Fundamentação teórica

Esta atividade foi trabalhada com 30 crianças de 5 anos e tinha como objetivo trabalhar o cálculo mental para efetuar adições e subtrações.

Iniciei a aula de Matemática, distribuindo, pelos alunos, um material manipulável estruturado, o 3.º e 4.º Dons de Froebel, e um material manipulável não estruturado, diversas imagens móveis. As imagens correspondiam a vários animais da quinta, como porcos, galinhas e ovelhas.

Todos os materiais distribuídos pelos alunos, como já referi anteriormente, eram materiais que estes pudessem tocar e manipular, os chamados materiais manipulativos. A utilização destes materiais nas aprendizagens matemáticas é fundamental.

Ponte e Serrazina (2000, citados por Caldeira, 2009) afirmam que a manipulação do material pelos alunos, devidamente orientada, pode “facilitar a construção de certos conceitos” e “servir para representar conceitos que eles já conhecem por outras experiências e actividades, permitindo assim a sua melhor estruturação.” (p. 18)

Penso que o uso destes materiais é bastante importante para as crianças, pois exploram e podem, ver no concreto, os problemas que lhes são dados, ajudando a desenvolvendo competências matemáticas.

Segundo Caldeira (2009), “Os materiais manipulativos devem representar explicitamente e concretamente ideias matemáticas que são abstratas.” (p.15) A mesma autora afirma ainda que “a utilização de materiais manipulativos, através de modelos concretos, permite à criança construir, modificar, integrar, interagir com o mundo físico e com os seus pares, a aprender fazendo” (p. 12).

Reys (citados por Caldeira, 2009)

Define os materiais manipuláveis como “objectos ou coisas que o aluno é capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar. Podem ser objectos reais que têm aplicação no dia-a-dia ou podem ser objectos que são usados para representar uma ideia.” (p. 23)

Recorrendo às construções e às imagens móveis, trabalhei com as crianças o raciocínio lógico, através de diversas situações problemáticas. A escolha deste tipo de exercícios, como o principal objetivo de desenvolvimento desta aula, prendeu-se com o facto de estes “exercícios” darem a possibilidade aos alunos de testarem vários raciocínios e cálculos, tentando inúmeras resoluções, para no final obter apenas uma solução.

Ao realizar situações problemáticas com os alunos, o docente está, como diz Trindade (2002), a “contribuir para a valorização dos alunos como indivíduos capazes de aprender a enfrentar (...) situações problemáticas de natureza diversa.” (p. 18)

Serrazina et al. (2002) declara que “na resolução de problemas o objectivo é encontrar um caminho para atingir um ponto não imediatamente acessível”. (p. 44)

2.4. Planificações do 1º Ciclo

Relativamente às planificações do 1.ºCiclo, assim como no Pré-Escolar, também apresento duas planificações. Ambas dizem respeito ao 1.º ano de escolaridade, uma na área de Língua Portuguesa, e outra na área de Estudo do Meio. Tal como nos planos do Pré-Escolar, a fundamentação teórica dos procedimentos e métodos utilizados encontra-se, também, logo a seguir à apresentação de cada plano.

2.4.1. Planificação da área de Língua Portuguesa

A planificação de seguida apresentada (quadro 15) foi construída para lecionar uma aula no 1.º ano e destinada à área curricular disciplinar de Língua Portuguesa. Foi realizada no dia 20 de janeiro de 2012, e teve uma duração de 50 minutos. A estratégia seleccionada e descrita no plano seguinte teve em consideração os interesses dos alunos.

Quadro 15 – Planificação da aula de Língua Portuguesa – 1º Ano A

Plano de aula

Ano e turma: 1º Ano A Duração: 50 minutos Data: 14 de janeiro de 2013	Estagiária: X Turma: Mestrado em Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico
--	---

Área: Língua Portuguesa

Conteúdos	Procedimentos/métodos
<u>Sílaba forte</u> - Última - Penúltima - Antepenúltima	❖ Ler um texto às crianças, ❖ Fazer perguntas de interpretação sobre o texto lido anteriormente; ❖ Falar sobre a sílaba e rever alguns conceitos (noção de sílaba, sílaba forte, regras da sílaba forte); ❖ Fazer uma atividade coletiva no quadro; Realizar uma ficha de consolidação da matéria.
Competências	
Capacidades-Destrezas	Valores-Atitudes
<u>Compreensão</u> ❖ Identificar; ❖ Observar;	<u>Responsabilidade</u> ❖ Ser empenhado; ❖ Participar;
<u>Participação</u> ❖ Dialogar; ❖ Relacionar;	<u>Respeito</u> ❖ Entender; ❖ Saber ouvir;
<u>Raciocínio lógico</u> ❖ Analisar; ❖ Associar;	<u>Convivência</u> ❖ Interesse; ❖ Curiosidade
Material: Texto, palavras móveis, quadro, ficha de trabalho.	

Inferências/Fundamentação teórica

Nesta manhã, iniciei a minha aula com a leitura, feita em voz alta, de um texto, “Um camaleão na gaveta”.

Comecei por distribuir o texto aos alunos. A entrega dos textos teve como intuito, as crianças terem à sua frente um instrumento para me acompanharem na leitura.

Alarcão (1995) afirma que é importante promover “dentro do espaço concreto da sala de aula, um contacto motivado e eficaz do aluno com os textos.” (p. 14)

Depois da leitura, coloquei questões, dirigidas, fazendo a interpretação do texto, sendo esta muito importante no processo da leitura.

Segundo Sim-Sim (2006), “ler é compreender, aceder ao significado do texto. O importante na leitura é a apreensão do significado da mensagem, resultando o nível de compreensão da interacção do leitor com o texto” (p.9).

Durante a exploração do texto, o principal objetivo a trabalhar era a compreensão oral do texto, fazendo descrições orais e, ao mesmo tempo, enriquecimento da linguagem.

Segundo Teberosky e Colomer (2003), “ao terminar a leitura, o professor deveria iniciar um tempo de discussão e de perguntas sobre o texto lido.” (p. 118)

No final da leitura, relembrei alguns conceitos, que já tinham sido falados anteriormente no bibe azul, como a noção de sílaba, sílaba forte, sílaba fraca e divisão silábica. Depois de recordar estas noções e algumas regras da *Cartilha Maternal*, realizámos uma atividade coletiva. Para a realização desta atividade, utilizei um quadro e algumas palavras móveis. O quadro encontrava-se dividido em 4 colunas: a primeira coluna tinha como objetivo fazer a divisão silábica das frases, e em cada uma das outras três colunas tinham de identificar a sílaba forte, (última, penúltima ou antepenúltima), colocando um **X** na opção correta.

Segundo Deus (1997), é importante “dar desde o início regras básicas de acentuação que favorecem a prosódia e dão ao aluno a compreensão da palavra.” (p. 93)

2.4.2. Planificação da área de Estudo do Meio

A planificação de seguida apresentada (quadro 16) foi, também, construída para lecionar uma aula no 1.º ano. Foi realizada no dia 14 de janeiro de 2012, e teve uma duração de 50 minutos.

Quadro 16 – Planificação da aula de Estudo do Meio – 1º Ano A

Plano de aula

Ano e turma: 1º Ano A Duração: 50 minutos Data: 14 de janeiro de 2013	Estagiária: X Turma: Mestrado em Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico
--	---

Área:
Estudo do Meio

Conteúdos	Procedimentos/métodos
Camaleão	❖ Visualizar uma apresentação em powerpoint, em que as crianças terão de adivinhar qual o tema da aula; ❖ Dialogar sobre o animal e as suas características, com o auxílio de uma apresentação em powerpoint; Realizar uma atividade, para consolidação da matéria dada.
Competências	
Capacidades-Destrezas	Valores-Atitudes
<u>Compreensão</u> ❖ Identificar; ❖ Observar;	<u>Responsabilidade</u> ❖ Ser empenhado; ❖ Participar;
<u>Participação</u> ❖ Dialogar; ❖ Relacionar;	<u>Respeito</u> ❖ Entender; ❖ Saber ouvir;
<u>Raciocínio lógico</u> ❖ Analisar; ❖ Interpretar imagens;	<u>Convivência</u> ❖ Interesse; ❖ Curiosidade
Material: Powerpoint, ficha de trabalho.	

Inferências/Fundamentação teórica

A aula de Estudo do Meio aqui apresentada decorreu no dia 14 de janeiro de 2013 em que estiveram presentes 28 alunos. Iniciei a aula com os alunos sentados nos respetivos lugares. Arends (1999) refere que “a forma da sala de aula deve adequar-se às suas funções, sendo que diferentes formações são utilizadas para diferentes funções.” (p. 94)

De seguida mostrei aos alunos uma imagem em *powerpoint*. A imagem estava bastante desfocada, e ia ficando mais nítida aos poucos, levando os alunos a descobrir o tema da aula. Na minha opinião, este modo de iniciar a aula torna o ensino mais estimulante e motivador, pois promove a concentração dos alunos e “puxa” pela imaginação, ao mesmo tempo que se torna um pouco competitivo, para ver quem descobre primeiro.

Cachapuz *et al.* (2002) dizem que “parte da convicção do que os alunos aprendem, por conta própria (...), é a interpretação dos factos que conduz de forma natural e espontânea; descoberta de ideias, das mais simples às mais elaboradas.” (p. 46)

A utilização de novas tecnologias é muito útil no âmbito de sala de aula. Estes meios possibilitam-nos criar momentos de suspense, bem como de aprendizagens lúdicas e engraçadas, captando mais facilmente a atenção do aluno.

Descoberto o tema da aula, e a partir de perguntas dirigidas, levei os alunos a identificar algumas características do camaleão, acompanhando sempre com imagens em *powerpoint*. Como não me foi possível levar para a aula este réptil, por ser um animal muito frágil e devido a estarmos no inverno, com condições desfavoráveis a este grupo de animais; as imagens serviram, assim, como ilustradores de conceitos abstratos, existindo.

De acordo com Garcia *et al.* (citado por Formosinho, 2009):

a simples presença das novas tecnologias na aula não assegura um ensino de qualidade, senão que é necessário saber utilizá-las criteriosamente, quer por parte dos docentes quer dos discentes, devendo distinguir-se entre a função didáctica de carácter primário (como a motivação) e de carácter secundário (como função inovadora e estruturadora/ reestruturadora da realidade) (p.176-177).

Os alunos mostraram-se sempre muito entusiasmados e participativos durante a aula, pois todas as crianças possuem uma grande curiosidade, principalmente por temas que não podem observar diretamente no seu quotidiano.

No fim da aula, distribuí uma proposta de trabalho, que consistia numa sopa de letras, em que os alunos tinham de procurar palavras relacionadas com o tema dado anteriormente.

CAPÍTULO 3

DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO

Relatório de Estágio Profissional

3.1. Descrição do capítulo

No presente capítulo abordaremos a avaliação, que está dividido em duas partes distintas, abordaremos a avaliação. A primeira parte contém a fundamentação teórica sobre o que é a avaliação, baseada em diferentes autores e a segunda parte abrange os dispositivos de avaliação que realizei no ensino Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No que refere ao ensino Pré-Escolar, apresento dois dispositivos de avaliação, pertencentes à Área de Conhecimento do Mundo e no Domínio da Matemática, o primeiro realizado na sala dos 3 anos e o segundo realizado na sala dos 5 anos.

Exponho ainda dois dispositivos de avaliação referentes ao 1.º Ciclo, relativos à Área de Língua Portuguesa e à Área de Estudo do Meio, ambos realizados no 1º ano.

Estes dispositivos foram aplicados por mim em aulas que lecionei, em período de estágio profissional. Para cada um dos dispositivos será feita a descrição dos parâmetros e critérios a avaliar e será apresentado um quadro de cotações atribuídas a cada um deles. Após a apresentação do quadro, surgirá uma grelha de avaliação e, por fim, a apresentação dos resultados em gráfico, bem como a sua análise.

3.2. Fundamentação teórica

A avaliação é uma atividade essencial e fundamental para o processo de ensino-aprendizagem, porque fornece ao docente as informações precisas acerca da realidade educativa, por isso é importante compreender o significado da palavra avaliação.

Ribeiro (1991) refere que a avaliação “é uma operação descritiva e informativa nos meios que emprega, formativa na intenção que lhe preside e independente face à classificação.” (p.75) O mesmo autor menciona ainda que “a avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções.” (p. 75)

De acordo com o Despacho Normativo 338/93 (citado por Pais e Monteiro, 1996) “a avaliação dos alunos é um elemento integrante da prática educativa que permite a recolha sistemática de informação e a formulação de juízos para a tomada de decisões adequadas às necessidades dos alunos e do sistema educativo.” (p. 43)

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (2003), a avaliação:

é, assim, uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é motor do seu constante aperfeiçoamento, pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que seguem. (p.338).

Através do ato de avaliar, o educador/professor averigua se as atividades realizadas foram estimulantes para o desenvolvimento de todos os alunos e se alargaram os seus interesses, bem como a curiosidade e o desejo de aprender sempre mais.

Avaliar um aluno implica obter uma escala, que coloca os alunos consoante as capacidades já pré-concebidas ou adquiridas de novo, é organizar uma tabela onde se colocam as crianças conforme uma escala de avaliação. O ato de avaliar é algo difícil e complicado para os docentes. Por mais que tentem ser justos, nem sempre conseguem satisfazer as expectativas dos seus alunos.

Segundo Pais e Monteiro (1996) “por muito objetiva que se queira a avaliação, ela dependerá sempre dos intervenientes, dos momentos e das situações concretas.” (p.46)

A avaliação na educação tem um carácter sistemático e contínuo, assumindo assim uma dimensão marcadamente formativa, pois trata-se de um processo interpretativo que valoriza mais os processos do que propriamente os resultados. No fundo, consiste num processo de observar, interpretar e registar o trabalho que a criança faz e como o faz, ao longo do ano, de modo a que permita uma melhor adequação da programação das atividades de cada criança.

Existem diferentes tipos de avaliação, de acordo com as funções que desempenham, as particularidades de que se revestem e os momentos em que são aplicados.

Os três tipos de avaliação, de que o professor se socorre, são complementares uns dos outros, assim o uso de um não dispensa o uso dos outros dois. Os tipos de avaliação utilizados são a avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa.

É através da avaliação diagnóstica que se conhece as bases dos conhecimentos que os alunos já adquiriram anteriormente, o que permite ao docente perceber quais são as limitações dos seus alunos, podendo planificar as suas aulas em função da sua turma. O professor aplica este tipo de avaliação para saber se os alunos possuem os pré-requisitos necessários à nova unidade e se já adquiriram algumas das aprendizagens da mesma.

Este tipo de avaliação tem lugar, geralmente, quando se inicia uma unidade ou segmento de ensino; no entanto, por vezes é posta em prática no decorrer do processo de aprendizagem.

Segundo Ferreira, (2007)

A principal finalidade da avaliação diagnóstica consiste em determinar o grau de preparação do aluno antes de iniciar uma unidade de aprendizagem, já que

determina o seu nível prévio e possibilita averiguar possíveis dificuldades que possa ter no decorrer do processo de ensino-aprendizagem. (p.24)

Também Hadji (citado por Ferreira, 2007) “aborda a função diagnóstica da avaliação, referindo que permite explorar ou identificar algumas características do aluno para a decisão da sequência de formação mais adequada a essas características.” (p.24)

Ribeiro e Ribeiro (2003) afirmam que “a avaliação diagnóstica tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens”. (p.342)

A avaliação formativa caracteriza-se por incidir no processo de ensino/aprendizagem e não nos seus resultados, ou na averiguação dos pré-requisitos necessários às novas aprendizagens. Este tipo de avaliação realiza-se ao longo de todo o processo ou ação, em todas as situações de aprendizagem, sobre cada objetivo. Identifica situações de aprendizagens mal conseguidas, informa sobre medidas correctivas a tomar. Incide, como o tipo de avaliação anterior, em cada objectivo de formação. É uma avaliação que deverá acompanhar todo o processo de aprendizagem.

Segundo Pais e Monteiro (1996) “a avaliação formativa assegura que os processos se vão adequando às características dos alunos, permitindo a adaptação do ensino às diferenças individuais.” (p. 44) Os mesmos autores afirmam ainda que “a avaliação formativa é para o professor porque o obriga:

- A atualizar os seus conhecimentos
- A procurar coerência entre os seus critérios e as escolhas didácticas
- A relativizar o peso da sua pessoa no comportamento de avaliador.” (p. 44)

Segundo Allal, Cardinet e Perrenoud (1986) a avaliação formativa “ É uma avaliação que visa orientar o aluno quanto ao trabalho escolar, procurando localizar as suas dificuldades para o ajudar a descobrir os processos que lhe permitirão progredir na sua aprendizagem.” (p.14)

Leite e Fernandes (2002) afirmam que:

Para que a avaliação formativa cumpra as intenções que a orientam, é necessário que seja sistemática e contínua, isto é, que acompanhe todo o processo de formação. Faz pouco sentido que a avaliação, numa perspetiva formativa, seja usada apenas em momentos estanques e separados por intervalos muito longos. Por outro lado, faz também pouco sentido que a avaliação formativa seja objeto de classificação. A intenção primeira que a deve orientar é constituir um dispositivo que permita a cada um (alunos e professores) melhorar a formação. (p.42)

Este tipo de avaliação destina-se a informar o aluno, o seu encarregado de educação, os professores e outros intervenientes no processo educativo, sobre o estado de cumprimento dos objetivos curriculares.

A avaliação sumativa distingue-se da avaliação formativa e da avaliação diagnóstica pelos seus objetivos. Esta avaliação ocorre, geralmente, no final de cada um dos períodos letivos e no final de cada ciclo. Este tipo de avaliação corresponde, pois, a um balanço final, a uma visão de conjunto relativamente a um todo, sobre o qual, até aí, só havia feitos juízos parcelares.

Desta forma, a avaliação sumativa é complementar dos restantes modelos de avaliação (avaliação diagnóstica e formativa), não podendo ser executada de forma isolada.

Para Ribeiro (citado por Pais e Monteiro, 1996) este tipo de avaliação “complementa os restantes, desempenha uma função distinta das cometidas a outros tipos de avaliação, resolve problemas de ensino, ainda que numa dimensão diferente, e serve finalidades não acessíveis através da avaliação diagnóstica e formativa.” (p. 49)

Pais e Monteiro (1996) afirmam que “a avaliação sumativa constitui sempre um balanço final, um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para a apreciação mais equilibrada do trabalho realizado.” (p.49)

A avaliação sumativa deve exprimir uma interpretação, tão rigorosa quanto possível, dos dados colhidos durante o processo de ensino-aprendizagem.

Este tipo de avaliação vai classificar os alunos no final de um período relativamente longo (um ano, um período...); esta forma de classificar é feita, geralmente, através de testes e de outros tipos de instrumentos, que vão decidir a progressão ou retenção do aluno.

Para avaliar os dispositivos de avaliação aplicados no decorrer da prática pedagógica, recorri a uma escala baseada na escala de Likert, com o intuito de avaliar os alunos tanto quantitativamente como qualitativamente. As escalas de avaliação, segundo Pais e Monteiro (1996, p.60), “permitem um processo sistemático, de verificar um juízo da observação”.

Seguidamente apresento o quadro 17 com a escala de avaliação utilizada para a avaliação destas atividades.

Quadro 17 – Escala de avaliação utilizada

Avaliação quantitativa	Avaliação qualitativa
Entre 9 e 10 valores	Muito Bom (MB)
Entre 7 e 8,9 valores	Bom (B)
Entre 5 e 6,9 valores	Suficiente (S)
Entre 3 e 4,9 valores	Insuficiente (I)
Entre 0 e 2,9 valores	Fraco (F)

O quadro 17 mostra o valor qualitativo e quantitativo, que o aluno irá obter, consoante a cotação atribuída. Desta forma, se a cotação for menor que 2,9 valores, o aluno, na execução da atividade, terá avaliação de Fraco. Se a cotação estiver compreendida entre os 3 e os 4,9 valores, a cotação da execução da atividade será de Insuficiente. Todavia, se a sua cotação for superior a 5 e inferior a 6,9 valores, será avaliado qualitativamente como Suficiente no seu desempenho. A classificação de Bom está compreendida entre os 7 e os 8.9 valores. E, como nota máxima, se o aluno se situar entre os 9 e 10 valores, o seu valor qualitativo é de Muito Bom.

3.3. Dispositivos de avaliação da área de Conhecimento do Mundo

3.3.1. Contextualização

Esta atividade foi realizada com as crianças de 3 anos, no dia 22 de junho de 2012, tendo uma duração de 15 minutos. Nela participaram todos os alunos presentes, sendo estes 28 crianças.

Depois de distribuir a atividade por todas as crianças, expliquei o que pretendia com esta, tirando algumas dúvidas que surgissem.

O objetivo principal desta tarefa era ver se as crianças conheciam a diferença entre os dois géneros (feminino ou masculino) e se sabiam a qual deles pertencem.

3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Nesta atividade, o 1.º parâmetro de avaliação é referente à capacidade da criança analisar e reconhecer o género (feminino ou masculino) a que pertence. Se identificar corretamente o género a que pertence, ser-lhe-á atribuído 8 valores. Se não identificar corretamente o género a que pertence, receberá 0 valores.

Relatório de Estágio Profissional

O 2.º parâmetro refere-se à forma como a criança preenche a imagem (motricidade fina). Se pintar a imagem, sem ultrapassar os seus limites, ser-lhe-á atribuído 1 valor. Se pintar a imagem, mas ultrapassando os limites, receberá uma cotação de 0 valores.

Enquanto as crianças iam realizando a proposta de trabalho, pude observar a forma como as crianças seguravam no lápis, se corretamente, com convicção ou se hesitavam.

Quadro 18 – Parâmetros, critérios e cotações do dispositivo de avaliação da área de Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Critérios	Cotação por critério	Cotação por parâmetro
Motricidade fina	Pinta dentro dos limites da imagem	2	2
	Não pinta dentro dos limites da imagem	0	
Identifica o género	Identifica	8	8
	Não identifica	0	
Total			10

3.3.3. Grelha de avaliação

No quadro 19 estão registadas as cotações atribuídas a cada aluno relativas a cada um dos parâmetros de avaliação.

Parâmetros	Motricidade fina		Identifica corretamente o género		Cotação	Cotação
Critérios	Pinta dentro dos limites da imagem	Não pinta dentro dos limites da imagem	Identifica o género	Não identifica o género		
N.º de alunos						
1	X		X		10	Muito Bom
2		X	X		8	Bom
3		X	X		8	Bom
4		X	X		8	Bom
5	X		X		10	Muito Bom
6		X	X		8	Bom
7		X	X		8	Bom
8		X	X		8	Bom
9		X	X		8	Bom
10		X	X		8	Bom
11		X	X		8	Bom
12		X	X		8	Bom
13		X	X		8	Bom
14		X	X		8	Bom
15	X		X		10	Muito Bom
16		X	X		8	Bom
17		X	X		8	Bom
18		X	X		8	Bom
19		X	X		8	Bom
20		X	X		8	Bom
21		X	X		8	Bom
22		X	X		8	Bom
23		X	X		8	Bom
24		X	X		8	Bom
25	X		X		10	Muito Bom
26		X	X		8	Bom
27		X	X		8	Bom
28		X	X		8	Bom

Quadro 19 - Grelha de avaliação dos parâmetros e critérios do dispositivo de avaliação da Área de Conhecimento do Mundo

3.3.4. Apresentação dos resultados em gráfico

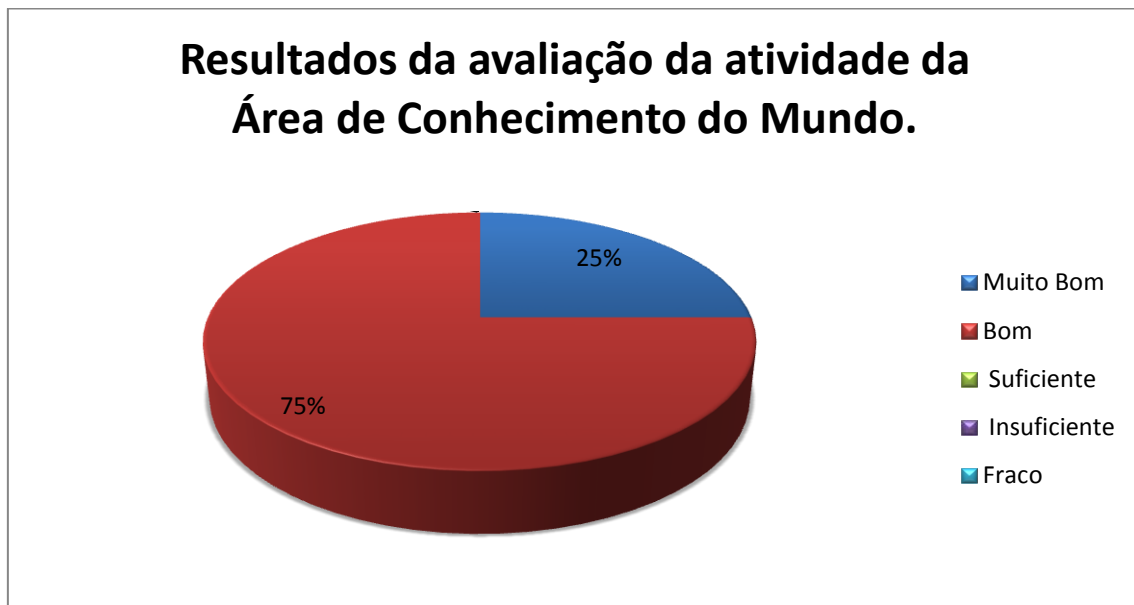


Figura 2 – Gráfico com o resultado da avaliação da atividade da área de Conhecimento do Mundo

3.3.5. Análise conclusiva

A Figura 2 mostra o gráfico relativo aos resultados da avaliação da atividade da área curricular Conhecimento do Mundo e apresenta os resultados da atividade, aplicada às crianças de 3 anos.

A legenda apresentada refere-se à cor correspondente a cada nível de classificação (Fraco, Insuficiente, Suficiente, Bom e Muito Bom).

Depois da elaboração, observação e análise do gráfico acima apresentado, pode concluir-se que, nesta proposta de atividade, no que diz respeito ao primeiro parâmetro – motricidade fina – verifiquei que grande parte das crianças ainda não consegue pintar dentro dos limites da imagem, sendo essa a sua maior dificuldade. Relativamente ao segundo parâmetro – identificar o género - pude verificar que todas as crianças conseguiram identificar corretamente o seu género.

Ao analisar esta avaliação, considero que a toda a turma atingiu o objetivo da mesma, pois 75% da turma (24 alunos) obteve o nível Bom e 25% (4 alunos) o nível Muito Bom, não havendo nenhuma criança com classificações inferiores às referidas anteriormente.

3.4. Dispositivos de avaliação da área do Domínio da Matemática

3.4.1. Contextualização

No dia 19 de junho de 2012, realizei uma proposta de trabalho na área do Domínio da Matemática com as crianças de 5 anos. Esta atividade foi realizada apenas com 27 crianças, no contexto sala de aula e teve a duração de 20 minutos.

Antes de iniciar a proposta de trabalho, li-a em voz alta para todas as crianças, perguntando, de seguida, se alguém tinha alguma dúvida.

O objetivo fulcral desta tarefa era, no primeiro exercício, as crianças interpretarem os dados, que eram referidos na legenda e, de seguida, pintarem corretamente o gráfico de barras. No segundo exercício, o principal objetivo era conseguirem identificar os dados desnecessários do problema.

Os instrumentos de avaliação por mim utilizados foram a observação direta e a concretização desta proposta de trabalho relacionada com a representação gráfica e com o cálculo.

3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios

Para realizar esta avaliação, utilizei os seguintes parâmetros (quatro parâmetros diferentes).

O 1.º parâmetro de avaliação desta atividade é referente à capacidade da criança analisar e interpretar a legenda do gráfico e saber ilustrar o mesmo corretamente, tendo em conta os números e as respetivas quantidades.

No caso de representar os quatro números corretamente, ser-lhe-á atribuída a cotação de 4 valores. No caso de representar três números corretamente, ser-lhe-á atribuída a cotação de 3 valores. No caso de representar dois números corretamente, ser-lhe-á atribuída a cotação de 2 valores. No caso de representar um número corretamente, ser-lhe-á atribuída a cotação de 1 valores. Se, por outro lado, não representar nenhum número corretamente, receberá uma cotação de 0 valores.

O 2.º parâmetro refere-se à forma como a criança preenche a imagem.

Se pintar a imagem, sem ultrapassar os seus limites, ser-lhe-á atribuído 1 valor. Se pintar a imagem mas ultrapassando os limites, receberá uma cotação de 0 valores.

O 3.º parâmetro é referente à capacidade da criança identificar as cores pedidas e realizar corretamente o cálculo do número de berlindes pedido.

No caso de identificar e escrever corretamente os dados, ser-lhe-á atribuída a cotação de 1 valor. No caso de escrever corretamente a indicação do problema, receberá 1,5 valores. No caso de escrever e realizar corretamente a operação

receberá 2,5 valores. No caso de realizar todos estes passos incorretamente, terá uma cotação de 0 valores.

O 4.º parâmetro prende-se com a apresentação que a criança confere à sua folha de trabalho. Se a folha se apresentar limpa, ser-lhe-á atribuído 1 valor. Por outro lado, se a folha de trabalho estiver suja, amachucada, riscada ou com pinturas fora da zona da imagem, a criança receberá a cotação de 0 valores.

Enquanto as crianças iam realizando a proposta de trabalho, pude observar que, no geral, apresentavam maiores dificuldades na realização do problema (segundo exercício).

No quadro 20 estão descritos os parâmetros de avaliação da atividade em causa, com a cotação destinada a cada critério.

Quadro 20 – Parâmetros, critérios e cotações do dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios	Cotação por critério	Cotação por parâmetro
Representação do número através de um gráfico de barras	Representa os 4 números	4	4
	Representa os 3 números	3	
	Representa os 2 números	2	
	Representa os 1 números	1	
	Resposta incorreta	0	
Motricidade fina	Pinta dentro dos limites da imagem	1	1
	Não pinta dentro dos limites da imagem	0	
Identificação de cores e cálculo do número de berlindes	Identifica e escreve corretamente os dados	1	4,5
	Escreve corretamente a indicação	1,5	
	Escreve e realiza corretamente a operação	2	
	Resposta incorreta	0	
Teve cuidado com a apresentação do trabalho	Apresentou a folha limpa	0,5	0,5
	Apresentou a folha suja e com borrões	0	
Total			10

Relatório de Estágio Profissional

3.4.3. Grelha de avaliação

No quadro 21 estão registadas as cotações atribuídas a cada aluno relativas a cada um dos parâmetros de avaliação

Parâmetros	Representação do número através de um gráfico de barras					Motricidade fina		Identificação de cores e cálculo do número de berlindes				Apresentação da folha de trabalho		Cotação	Cotação
Critérios	Repres enta 4 número s	Repres enta 3 número s	Represe nta 2 números	Represe nta 1 número	Respost a incorreta	Pinta dentro dos limites da imagem	Não pinta dentro dos limites da imagem	Identifica e escreve corretament e os dados	Escreve corretame nte a indicação	Escreve e realiza corretamente a operação	Resposta incorreta	Apres entou folha limpa	Apresent ou folha suja		
N.º de alunos															
1	X						X				X	X		4,5	Insuficiente
2	X						X	X		X		X		7,5	Bom
3	X					X			X	X		X		9	Muito Bom
4	X						X	X	X	X		X		9	Muito Bom
5	X						X	X	X	X		X		9	Muito Bom
6	X						X		X	X		X		8	Bom
7				X			X	X	X			X		4	Insuficiente
8	X						X	X	X			X		7	Bom
9	X					X		X	X	X		X		10	Muito Bom
10	X						X	X		X		X		7,5	Bom
11		X					X	X				X		4,5	Insuficiente
12	X						X	X		X		X		7,5	Bom
13	X					X			X			X		7	Bom
14	X					X					X	X		5,5	Suficiente
15	X						X	X	X			X		7	Bom
16			X				X	X	X	X		X		7	Bom
17	X						X	X	X	X		X		9	Muito Bom
18	X						X	X	X	X		X		9	Muito Bom
19	X						X	X				X		5,5	Suficiente
20		X				X			X	X		X		7,5	Bom
21	X						X				X	X		4,5	Insuficiente
22	X						X		X	X			X	7,5	Bom
23	X						X	X	X	X		X		9	Muito Bom
24	X						X				X	X		4,5	Insuficiente
25	X						X	X	X	X		X		9	Muito Bom
26	X						X		X	X			X	7,5	Bom
27	X						X		X	X		X		8	Bom

Quadro 21 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática.

3.4.4. Apresentação dos resultados em gráfico



Figura 3 - Gráfico dos resultados da avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática

3.4.5. Análise do gráfico

Ao observarmos a grelha de avaliação desta atividade, podemos verificar que dos vinte e sete alunos que realizaram a proposta de trabalho integrada no Domínio da Matemática, apenas 19% dos alunos (cinco alunos) obtiveram uma classificação negativa. Desta forma, os restantes vinte e dois alunos obtiveram uma classificação positiva, igual ou superior a cinco valores.

Em relação ao primeiro parâmetro é notório que a maioria das crianças assinalou corretamente toda a resposta.

A maior dificuldade sentida, por grande parte das crianças, diz respeito ao segundo parâmetro (motricidade fina), pois não pintam dentro dos limites da imagem.

Dos 27 alunos, uma criança obteve a classificação máxima de 10 valores, equivalente a “Muito Bom”, sendo que sete crianças, com a classificação de 9 valores, também obtiveram a mesma classificação qualitativa. As classificações mais baixas, como já referi anteriormente, foram de cinco crianças, correspondente a “Insuficiente”, com valores inferiores a 5 valores.

Depois de analisado o gráfico, considero que a maioria da turma atingiu o objetivo, pois quase metade da turma (44%) obteve o nível Bom e 30% o nível Muito Bom; apenas 7% obteve a classificação de Suficiente e, por fim, como já referi

anteriormente, apenas 19% da turma obteve classificação negativa. Não houve nenhuma criança com classificações inferiores a 2,9 valores (nível Fraco).

3.5. Dispositivos de avaliação da área do Domínio da matemática

3.5.1. Contextualização

No período que estagiei no 1.º ano B e, durante uma manhã de aulas, abordei, na área de Matemática, as frações. Deste modo, optei pelo material estruturado 5º Dom de Froebel para esta abordagem.

A atividade foi realizada com todos os alunos presentes no contexto sala de aula e teve a duração de 50 minutos.

Depois de falar um pouco com os alunos sobre as frações e os seus constituintes, realizei alguns exercícios, com o auxílio de duas construções, trabalhando o cálculo mental.

O dispositivo de avaliação pretendeu avaliar se a matéria dada foi bem trabalhada e se os alunos compreenderam e retiveram a informação passada durante aula.

3.5.2 Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

O 1º parâmetro de avaliação é referente à capacidade dos alunos conseguirem identificar as partes da fração. Neste parâmetro, pretende-se que os alunos tenham interiorizado os conceitos de numerador e denominador, identificando-os no sítio correto.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Identifica corretamente o numerador;
- Não identifica corretamente o numerador;
- Identifica corretamente o denominador;
- Não identifica corretamente o denominador.

O 2º parâmetro de avaliação é referente à capacidade dos alunos estabelecerem corretamente uma ligação entre uma figura e a respetiva fração.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Estabelece corretamente a correspondência das três figuras;
- Estabelece corretamente a correspondência das duas figuras;
- Estabelece corretamente a correspondência de uma figura;

- Não estabelece corretamente a correspondência de nenhuma figura.

O 3º parâmetro de avaliação é referente à capacidade dos alunos representarem, numa figura, a fração pedida.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Representar corretamente as duas frações;
- Representar corretamente uma fração;
- Não representar corretamente nenhuma das frações.

O 4º parâmetro de avaliação é referente à forma como os alunos ilustram as figuras no exercício 3.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Pinta dentro dos limites da imagem;
- Não pinta dentro dos limites da imagem.

E, por último, o 5º parâmetro prende-se com a apresentação que o aluno confere à sua folha de trabalho.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Apresentou a folha limpa;
- Apresentou a folha suja e com borrões.

No quadro 22 estão descritos os parâmetros de avaliação da atividade em causa, com a cotação destinada a cada critério.

Quadro 22 – Parâmetros, critérios e cotações do dispositivo de avaliação da Área do Domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios	Cotação por critério	Cotação por parâmetro
Identificar as partes de uma fração	Identificou corretamente o numerador	1	2
	Não identificou corretamente o numerador	0	
	Identificou corretamente o denominador	1	
	Não identificou corretamente o denominador	0	
Estabelecer a correspondência entre a figura e a respetiva fração	Estabelece corretamente a correspondência das três figuras	3	3
	Estabelece corretamente a correspondência das duas figuras	2	
	Estabelece corretamente a correspondência de uma figura	1	
	Não estabelece corretamente a correspondência de nenhuma figura	0	
Representar a fração pedida na figura	Representar corretamente as duas frações	4	4
	Representar corretamente uma fração	2	
	Não representar corretamente nenhuma das frações	0	
Motricidade fina	Pinta dentro dos limites da imagem	0,5	0,5
	Não pinta dentro dos limites da imagem	0	
Teve cuidado com a apresentação do trabalho	Apresentou a folha limpa	0,5	0,5
	Apresentou a folha suja e com borrões	0	
Total			10

3.5.3. Grelha de avaliação

No quadro 23 é apresentada a grelha de avaliação quantitativa, relativa à atividade do domínio da Matemática.

Parâmetros	1ª Questão: Identificar as partes de uma fração	2ª Questão: Estabelecer a correspondência entre a figura e a respetiva fração	3ª Questão: Representar a fração pedida na figura	Motricidade fina	Teve cuidado com a apresentação do trabalho	Cotação Quantitativa	Cotação Qualitativa
N.º de alunos							
1	2	3	2	0,5	0,5	8	Bom
2	2	3	2	0,5	0,5	8	Bom
3	2	3	4	0,5	0,5	10	Muito Bom
4	1	3	0	0,5	0,5	5	Suficiente
5	0	3	0	0	0,5	3,5	Insuficiente
6	2	1	0	0,5	0,5	4	Insuficiente
7	2	3	0	0	0,5	5,5	Suficiente
8	2	3	2	0	0,5	7,5	Bom
9	2	1	0	0,5	0,5	4	Insuficiente
10	0	1	4	0,5	0,5	6	Suficiente
11	0	3	0	0,5	0,5	4	Insuficiente
12	2	3	0	0	0,5	5,5	Suficiente
13	2	3	2	0	0,5	7,5	Bom
14	2	3	2	0	0,5	7,5	Bom
15	2	3	0	0,5	0,5	6	Suficiente
16	2	3	4	0	0,5	9,5	Muito Bom
17	0	3	2	0	0,5	5,5	Suficiente
18	2	3	0	0	0,5	5,5	Suficiente
19	2	3	4	0,5	0,5	10	Muito Bom
20	2	3	0	0,5	0,5	6	Suficiente
21	2	3	0	0,5	0,5	6	Suficiente
22	2	3	4	0	0,5	9,5	Muito Bom
23	0	3	4	0	0,5	7,5	Bom
24	2	3	2	0	0,5	7,5	Bom
25	2	1	2	0	0,5	5,5	Suficiente
26	0	3	0	0,5	0,5	4	Insuficiente
27	2	3	4	0	0,5	9,5	Muito Bom
28	2	3	0	0,5	0,5	6	Suficiente
29	2	3	0	0,5	0,5	6	Suficiente
30	2	3	0	0,5	0,5	6	Suficiente

Quadr

o 23 – Grelha de avaliação da área do Domínio da Matemática

3.5.4. Apresentação dos resultados em gráfico

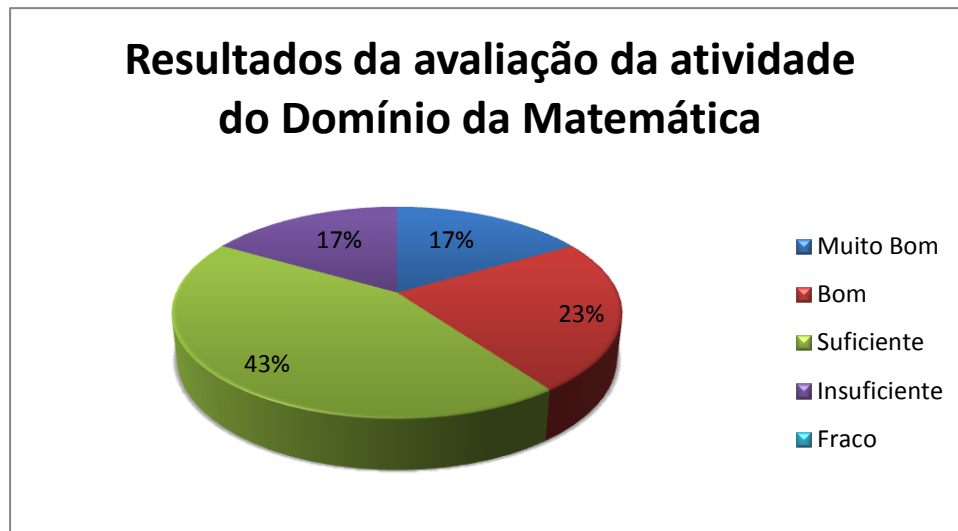


Figura 4 - Gráfico dos resultados da avaliação da atividade do Domínio da Matemática

3.5.5. Análise do gráfico

Depois da elaboração, observação e análise do gráfico acima apresentado, pode concluir-se, que nesta proposta de atividade, 17% da turma (5 alunos), conquistaram a classificação de Muito Bom, 23% da turma (7 alunos), obtiveram o Bom, 43%, isto é, 13 alunos da turma, conseguiram o Suficiente e, por fim, 17% da turma (5 alunos) obtiveram o Insuficiente. Constata-se, também, que nenhum dos alunos obteve a classificação de Fraco.

É de salientar, também, que a questão em que os alunos tiveram mais dificuldade, foi a terceira questão, em que tinham de representar a fração pedida na figura dada.

O objetivo desta avaliação dedicou-se ao desenvolvimento de noções matemáticas, principalmente à noção de fração. Assim sendo, compreende-se que estes conceitos sejam, ainda, complicados de aplicar no início, porém cabe ao professor saber trabalhá-los, de modo a que as crianças os pratiquem regularmente, para uma melhor compreensão e aplicação.

3.6. Dispositivos de avaliação da área de Língua Portuguesa

3.6.1. Contextualização

O dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa aqui presente foi aplicado ao 1.º Ano do Ensino Básico e foi realizada no dia 14 de janeiro de 2013. Este dispositivo

foi realizado a 30 alunos, tendo um tempo de duração aproximadamente de 15 minutos.

Comecei por entregar, a todas as crianças, um texto “Um camaleão na gaveta”, fazendo, de seguida, a leitura do mesmo. No decorrer da aula, cujo tema era a identificação da sílaba forte (última, penúltima ou antepenúltima), e após a leitura do texto, da interpretação e da análise gramatical do mesmo, relembrei alguns conceitos e algumas regras da *Cartilha Maternal*, referentes à sílaba forte, que os alunos já tinham falado anteriormente, na sala dos 5 anos.

De seguida realizei uma atividade com eles, em que tinham um quadro e algumas palavras móveis, onde os alunos faziam a divisão silábica e, de seguida, identificavam a sílaba forte dessa palavra.

Este dispositivo foi entregue aos alunos no final da aula, como objetivo de consolidar os conteúdos anteriormente falados/relembrados.

3.6.2 Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

O 1º parâmetro de avaliação é referente à capacidade dos alunos conseguirem fazer a divisão silábica das palavras. Neste parâmetro pretende-se que os alunos tenham interiorizado os conceitos de sílaba, sílaba forte, última sílaba, penúltima sílaba e antepenúltima sílaba, sabendo identifica-la corretamente.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Fazer corretamente a divisão silábica de 6 palavras;
- Fazer corretamente a divisão silábica de 5 palavras;
- Fazer corretamente a divisão silábica de 4 palavras;
- Fazer corretamente a divisão silábica de 3 palavras;
- Fazer corretamente a divisão silábica de 2 palavras;
- Fazer corretamente a divisão silábica de 1 palavras;
- Não fazer corretamente a divisão silábica de nenhuma palavra.

O 2º parâmetro de avaliação é referente à capacidade dos alunos identificarem corretamente a sílaba forte da palavra (última, penúltima ou antepenúltima).

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Identificar corretamente a sílaba forte de 6 palavras;
- Identificar corretamente a sílaba forte de 5 palavras;
- Identificar corretamente a sílaba forte de 4 palavras;
- Identificar corretamente a sílaba forte de 3 palavras;

Relatório de Estágio Profissional

- Identificar corretamente a sílaba forte de 2 palavras;
- Identificar corretamente a sílaba forte de 1 palavras;
- Não identificar corretamente a sílaba forte de nenhuma palavra.

O 3º parâmetro de avaliação é referente à capacidade dos alunos identificarem e pintarem corretamente a sílaba forte.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Identificar e pintar corretamente a sílaba forte de 3 palavras;
- Identificar e pintar corretamente a sílaba forte de 2 palavras;
- Identificar e pintar corretamente a sílaba forte de 1 palavras;
- Não identificar nem pintar corretamente a sílaba forte de nenhuma palavra.

E, por último, o 4º parâmetro prende-se com a apresentação que o aluno confere à sua folha de trabalho.

Os critérios estabelecidos foram os seguintes:

- Apresentou a folha limpa;
- Apresentou a folha suja e com borrões.

Quadro 24 – Parâmetros, critérios e cotações do dispositivo de avaliação da Área de Língua Portuguesa

Parâmetros	Critérios	Cotação por critério	Cotação por parâmetro
Fazer a divisão silábica	Fazer corretamente a divisão silábica de 6 palavras	3,5	3,5
	Fazer corretamente a divisão silábica de 5 palavras	3	
	Fazer corretamente a divisão silábica de 4 palavras	2,5	
	Fazer corretamente a divisão silábica de 3 palavras	2	
	Fazer corretamente a divisão silábica de 2 palavras	1,5	
	Fazer corretamente a divisão silábica de 1 palavras	1	
	Não fazer corretamente a divisão silábica de nenhuma palavra	0	
Identificar a sílaba forte	Identificar corretamente a sílaba forte de 6 palavras	3,5	3,5
	Identificar corretamente a sílaba forte de 5 palavras	3	
	Identificar corretamente a sílaba forte de 4 palavras	2,5	
	Identificar corretamente a sílaba forte de 3 palavras	2	
	Identificar corretamente a sílaba forte de 2 palavras	1,5	
	Identificar corretamente a sílaba forte de 1 palavras	1	
	Não identificar corretamente a sílaba forte de nenhuma palavra	0	
Identificar e pintar a sílaba forte	Identificar e pintar corretamente a sílaba forte de 3 palavras	2,5	2,5
	Identificar e pintar corretamente a sílaba forte de 2 palavras	2	
	Identificar e pintar corretamente a sílaba forte de 1 palavras	1,5	
	Não identificar nem pintar corretamente a sílaba forte de nenhuma palavra	0	
Teve cuidado com a apresentação do trabalho	Apresentou a folha limpa	0,5	0,5
	Apresentou a folha suja e com borões	0	
Total			10

3.6.3. Grelha de avaliação

No quadro 25 é apresentada a grelha de avaliação quantitativa, relativa à atividade da Área de Língua Portuguesa.

Parâmetros	1ª Questão: Fazer a divisão silábica	2ª Questão: Identificar a sílaba forte	3ª Questão: Identificar e pintar a sílaba forte	Teve cuidado com a apresentação do trabalho	Cotação Quantitativa	Cotação Qualitativa
N.º de alunos						
1	2,5	3	2	0,5	8	Bom
2	2,5	3	2	0,5	8	Bom
3	2	3,5	2,5	0,5	8,5	Bom
4	1	3	1,5	0,5	6	Suficiente
5	3,5	3	1,5	0,5	8,5	Bom
6	3,5	2	2	0,5	8	Bom
7	3,5	3	2	0,5	9	Muito Bom
8	3,5	3	2	0,5	9	Muito Bom
9	3,5	2,5	2	0,5	8,5	Bom
10	3	2,5	2	0,5	8	Bom
11	3	3	2	0,5	8,5	Bom
12	2,5	3	1,5	0,5	7,5	Bom
13	2,5	2	2	0,5	5	Suficiente
14	2	3	2	0,5	7,5	Bom
15	3	3	1,5	0,5	8	Bom
16	3,5	3,5	2,5	0,5	10	Muito Bom
17	2	3,5	2	0,5	8	Bom
18	2,5	3	2	0,5	8	Bom
19	3,5	3	2	0,5	9	Muito Bom
20	2	3,5	2	0,5	8	Bom
21	3,5	3	2,5	0,5	9,5	Muito Bom
22	3,5	3	2	0,5	9	Muito Bom
23	3	3	2	0,5	8,5	Bom
24	3	2	1,5	0,5	7	Bom
25	3	2	1,5	0,5	7	Bom
26	3,5	3	2	0,5	9	Muito Bom
27	3	3	2	0,5	8,5	Bom
28	2,5	2,5	1,5	0,5	7	Bom
29	2	3	1,5	0,5	7	Bom
30	2,5	3	2	0,5	8	Bom

Quadro 25 – Grelha de avaliação da Área de Língua Portuguesa

3.6.4. Apresentação dos resultados em gráfico



Figura 5 - Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de Língua Portuguesa

3.6.5. Análise do gráfico

Na análise do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio, aferi que quase toda a turma atingiu boas cotações dos parâmetros estipulados.

Ao observar o gráfico, pude constatar que toda a turma atingiu o objetivo da avaliação realizada, pois é fácil verificar que houve um predomínio da classificação “Bom” com 70% (21 alunos) de incidência face à totalidade dos resultados. 23% dos alunos (7 alunos) obtiveram a classificação “Muito Bom” e apenas 7% (2 alunos) da turma obteve a classificação “Suficiente”. Regista-se a ausência de classificações de “Fraco” e “Insuficiente”.

Reflexão

final

De seguida, farei um balanço de todo o trabalho realizado ao longo do período de estágio.

De seguida apresentarei a minha reflexão final, bem como as limitações ao trabalho realizado e sugestões de novas pesquisas.

1. Reflexão Final

O Relatório de Estágio Profissional representa apenas o princípio de uma longa caminhada na aprendizagem ao longo da vida.

Ao longo deste período de estágio profissional, que decorreu num Jardim-Escola de Lisboa, de entre 27 de setembro de 2011 e 25 de janeiro de 2013, vivi experiências que me permitiram crescer enquanto futura profissional. Esta oportunidade (contacto com a realidade educativa), que me deram ao longo destes cinco anos de curso, foi fundamental para o meu futuro como docente, pois durante todo este tempo, entendi o verdadeiro significado de responsabilidade e profissionalismo, pois este contacto com a realidade de sala de aula possibilitou-me, enquanto estagiária, perceber como devo agir em determinadas situações, moldando-me aos alunos e adaptando diferentes estratégias para a cada momento de ensino-aprendizagem.

Foi durante a Prática Pedagógica, que pude observar e aprender novas estratégias de ensino, sempre com a ajuda das educadoras/professoras das várias turmas por onde passei. Esta vivência foi fulcral para eu poder adquirir competências essenciais sobre como lecionar de uma forma dinâmica e correta. Após as aulas lecionadas, obtive críticas construtivas por parte dos Professores e das Orientadoras, tendo estes dado a sua opinião sobre os aspetos bons e os aspetos a melhorar, o que me fez refletir e tentar melhorar cada vez mais.

O período de estágio é primordial, pois enriquece a formação, promovendo um aperfeiçoamento da prática pedagógica. Alarcão e Roldão (2008) defendem que “a noção de supervisão remete para a criação e sustentação de ambientes promotores da construção e do desenvolvimento profissional num percurso sustentado, de progressivo desenvolvimento da autonomia profissional.” (p.54) deverá ter-se em conta que a supervisão como referem as mesmas autoras, que esta deve ser entendida como uma “actividade de apoio, orientação e regulação.” (p.56)

Durante este período, pude contactar, também, com materiais didáticos riquíssimos na concretização de aprendizagens que, ao ser colocado em prática, possibilitou-me perceber o quanto a Matemática e a aprendizagem da leitura podem ser fáceis, dinâmicas, motivadoras e principalmente divertidas.

Relativamente às áreas extracurriculares destaco a existência do “Clube de Ciências”, o qual, tive o privilégio de assistir, em anos de escolaridade diferentes, e que sempre proporcionou excelentes momentos de aprendizagem para os alunos.

Fazendo uma retrospectiva, posso dizer que todos os momentos me proporcionaram grandes aprendizagens, tanto a nível pessoal, como cultural e académico.

Foi durante a prática, no contacto direto com os alunos, que aprendi a ser Professora.

2. Limitações ao estudo

Durante a realização do Relatório de Estágio Profissional fui-me deparando com algumas limitações. Uma das limitações que encontrei foi o facto de o meu grupo de estágio ser constituído por três pessoas. Durante este período, o tempo para lecionar as aulas foi menor do que nos outros grupos que eram pares, e por essa mesma razão, assistimos a menos aulas dadas pela educadora/professora, pois em algumas turmas, chegámos a ser cinco estagiárias, todas com aulas para dar.

Outra das limitações que senti prendeu-se com a falta de muitos livros que estavam requisitados por longos períodos de tempo, por vezes, pela mesma pessoa. Por existirem poucos exemplares, os alunos têm de esperar algum tempo até que estes estejam disponíveis na biblioteca para consulta.

3. Novas pesquisas

Apesar de ter aprendido muito ao longo de toda a minha formação, sei que este é apenas o início de um longo caminho que espero percorrer e ao longo do qual ainda terei muito para aprender.

Para se ser um bom professor, tem que se ser um profissional atualizado e interessado, pelo que pretendo continuar a estudar e a pesquisar sobre os mais variados assuntos relacionados com a educação, pois ao escolher esta profissão, mais do que qualquer outra, tenho de ter consideração para o facto da sociedade em que vivemos estar em constante mudança.

Uma das áreas que vou procurar aprofundar é a área das necessidades educativas especiais.

Referências Bibliográficas

Relatório de Estágio Profissional

- Abrantes, P., Serrazina, L. e Oliveira, I. (1999). *A matemática na educação básica*. Lisboa: Departamento de Educação básica – Ministério da Educação.
- Aharoni, R. (2008). *Aritmética para pais*. Lisboa: Gradiva.
- Alarcão, I. e Tavares, J. (1987). *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma Perspectiva de Desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Alarcão, M. (1995). *Motivar para a leitura – estratégias de abordagem ao texto narrativo*. Lisboa: Texto Editora.
- Alarcão, I. e Roldão, M. C. (2008). *Supervisão: um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA.
- Allal, L. (1986). *Estratégias de Avaliação Formativa: concepções psicopedagógicas e modalidades de aplicação*. In Allal, L., Cardinet, J. & Perrenoud, P. *A Avaliação Formativa num Ensino Diferenciado*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativo*. Porto: Porto Editora.
- Amado, J. S. (2000). *Interacção pedagógica e indisciplina na aula*. Porto: Edições Asa.
- Antunes, C. (2005). *As inteligências múltiplas e os seus estímulos*. Porto: Edições Asa.
- Arends, R. I. (1999). *Aprender e Ensinar*. Lisboa: McGraw Hill.
- Azevedo, F. (2000). *Ensinar a aprender a escrever através e para além do erro*. Porto: Porto Editora.
- Barbosa, L. M. (2001). *Da análise de contextos educativos e da criança enquanto objecto de estudo à escola sensível e transformicista: análise da acção educativa*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Bartolomeis, F. (1968). *A nova escola infantil – as crianças dos 3 aos 6*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Belchior, M. (2004). *Desenvolvimento Profissional e Aprendizagem dos Professores do 1º C.E.B.* Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Boavida, A. M. (1993). *Resolução de problemas em educação matemática*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Bogdan, R. e Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Borrás, L. (2002). *Manual da educação infantil*. Setúbal: Marina Editores.

- Braga, F., Vilas-Boas, F. M., Alves, M. E. M., Freitas, M. J. e Leite, C. (2004). *Planificações novos papéis, novos modelos*. Porto:Edições ASA.
- Cachapuz, A., Praia, J. e Jorge, M. (2002). *Ciência, Educação em Ciência e ensino das ciências*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Calixto, J. A. (1996). *A biblioteca escolar e a sociedade de informação*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Campos, L., e Veríssimo, L. (2010). *Aprender a educar. Guia para pais e educadores*. Porto:Fundação Manuel Leão.
- Carvalho, T. R. (2002). *Padrões de comunicação na sala de aula*. In M. S. Lemos e T. R. Carvalho (Org.). *O aluno na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Castro, J. e Rodrigues, M., (coord. Serrazina, L.). (2008). *Sentido de número e organização de dados : textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Catita, E. M. (2007). *Estratégias metodológicas para o ensino do meio físico e social*. Porto: Areal.
- Cavacas, F., Ferreira, M., Gomes, A., Grilo, M., Martins, M. e Ribeiro, M. (1991). *Guia do professor de língua portuguesa – I volume, 3.º nível*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Colomer, T. e Camps, A. (2002). *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: ARTMED.
- Condemarin, M. e Chadqick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Contente, M. (1995). *A leitura e a escrita: Estratégias de ensino para todas as disciplinas*. Lisboa: Editorial Presença.
- Cordeiro, M. (2007). *O livro da criança* (5.ª ed.). Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Crato, N. (2006). *O “eduquês”em discurso direto. Uma crítica da pedagogia romântica e construtivista*. Lisboa: Gradiva.
- Cunha, S. H. & Nascimento, K. S. (2008). *Brincando, aprendendo e desenvolvendo o pensamento matemático*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Portugal: Editora Pergaminho.
- Curto, L.M., Morillo, M.M. e Teixidó, M.M. (2000). *Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler*. (vol.1). Porto Alegre: Artemed Editoras.

- Damas, M. J. e Ketele J. M. (1985). *Observar para avaliar*. Edições Almedina.
- Damas, E. Oliveira, V. Nunes, R. e Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática: guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal.
- Deus, L. M. (1997). *Método João de Deus. Guia Prático da Cartilha Maternal*. Lisboa: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.
- Dohme, V. (2007). *O valor educacional dos jogos: jogos e dicas para empresas e instituições de educação*. Petrópolis, Brasil: Editora Vozes.
- Dottrens, R. (1975). *O ensino individualizado*. Porto: Livraria Civilização.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas Práticas na Educação – O Papel dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes. Uma Estratégia de Formação de Professores*. (4.^a ed.). Porto: Porto Editora.
- Felton-Collins, V. e Peterson, R. (1998). *Manual de piaget para os professores e pais*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Fernandes, D. (2000). *Aprender matemática com calculadora e folha de cálculo*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, M. S. e Santos, M. R. (1994). *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ferreira, C. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Figueiredo, M. A. (s.d). *Estímulos à leitura e à escrita*. Cova da Piedade: Bola de neve – Materiais pedagógicos.
- Flores, M., e Simão, A. (2009) (Org.). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.
- Formosinho, J., Katz, L., McClellan, D. e Lino, D. (1996). *Educação Pré-Escolar – A construção social da moralidade*. (1.^a ed.). Lisboa: Texto Editora.
- Formosinho, J. (2009). *Formação de Professores – Aprendizagem profissional e acção docente*. Porto: Porto Editora. Coleção Currículo, Políticas e Práticas.
- Fourez, G., Maingain, A., e Dufour, B. (2008). *Abordagens didácticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Galvão, C. Reis, P. Freire, A. e Oliveira, T. (2006). *Avaliação de competências em ciências*. Porto: Edições Asa.
- Gomes, A., Fernandes, A., Cavacas, F., Gonçalves, J.; Gonçalves, M., Ribeiro, M. A., Canelas, M. C. e Grilo, M. J. (1991). *Guia do Professor de Língua Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Hohmann, M. e Weikart, D. (2004). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jacinto, M. (2003). *Formação inicial de professores. Concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens – um guia para pais educadores*. Lisboa: ASA Editores II, S.A.
- Jesus, J. M. S. (2002). *Educação do movimento: livro de apoio*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Landier, J. C. e Barret, G. (1993). *Expressão dramática e teatro*. Porto: Edições Asa.
- Leite, C. e Fernandes, P. (2002). *A avaliação das aprendizagens dos alunos: novos contextos, novas práticas*. Porto: Edições ASA.
- Lopes, J. A., Velásquez, M. G., Fernandes, P. P. & Bártolo, V. N. (2004). *Aprendizagem, ensino e dificuldades da leitura*. (1.^a ed.) Coimbra: Quarteto.
- Lopes, J. (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim-de-infância*. Porto: ASA Editores.
- Loureiro, M. J. (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula*. (1.^a ed.). Porto: Edições ASA.
- Magalhães, V. (2008). *A Promoção da Leitura Literária na Infância: Um Mundo de Verdura a não Perder*. In Otilia Sousa & Adriana Cardoso (ed.). *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais; p. 55-73.
- Marques, R. (2001). *Saber Educar – Guia do professor*. Lisboa: Editorial Presença.
- Marques, R. (2002). *O director de turma e a relação educativa*. Lisboa: Editorial presença.
- Martins, A. M. e Niza, I. (1998). *Psicologia da Aprendizagem da Linguagem Escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Martins, I., Veiga, M.L., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A. e Couceiro, F. (2007). *Educação em Ciências e Ensino Experimental. Formação de Professores*. Lisboa: ME, Coleção Ensino Experimental das Ciências.
- Martins, I. P. (2009). *Despertar para a ciência*. Ministério da Educação.
- Marujo, H. A., Neto, L. M. e Perloiro, M. (2002). *A família e o sucesso escolar*. Lisboa: Editorial Presença.

- Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita: textos de apoio a educadores de infância*. Lisboa. Ministério da Educação.
- Matos, J. e Serrazina, L. (1996). *Didáctica da Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mendes, M. e Delgado, C. (2008). *Geometria: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2006). *Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. (5.ª ed.) Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2012). *Gave 2011: Informação – Provas de Aferição 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Recuperado em 2012, maio 22, <http://www.gave.min-edu.pt/np3/447.html>
- Moreira, D. e Oliveira, I. (2003). *Iniciação à Matemática no Jardim de Infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica*. Lisboa: EDITORIAL PRESENÇA.
- Nabais, J. A. (s.d.). *À Descoberta da matemática com os cubos-barras de cor: Cores Cuisenaire*. (2.ªed). Lisboa: Centro de Psicologia Aplicada à Educação.
- Nérici, I. (1969). *Introdução à didática geral*. Editora: Fundo de Cultura.
- Niza, S. (1998). *Criar o gosto pela escrita – formação de professores*. Mem Martins, Portugal: Ministério da Educação.
- Pacheco, J. A. e Flores, M. A. (1999). *Formação e avaliação de professores*. Porto: Porto Editora.
- Pais, A. e Monteiro, M. (1996). *Avaliação: Uma prática diária*. Lisboa: Presença
- Pato, M. (1995). *Trabalho de grupo no ensino básico. Guia prático para professores*. Lisboa: Texto Editora.
- Pereira, G. (1998). *Professores e ensino num mundo em mudança*. Lisboa: Asa.
- Pereira, L. e Azevedo, F. (2005). *Como abordar... a escrita no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Areal

- Pérez M. R. (s.d). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem – ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Pessanha, A. (2001). *Actividade lúdica associada à literancia*. Lisboa: instituto de Inovação Educacional.
- Pombo, O., Guimarães, H. e Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade – reflexões e experiências*. Lisboa: Texto Editora.
- Ponte, J.P. e Serrazina, M. L. (2000). *Didática da matemática no 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Portugal, G. (1998). *Crianças, famílias e creches – uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. (2.ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Reis, C. e Adragão, J. V. (1992). *Didática do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Reis, R. (2003). *Educação pela arte*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación. Departamento de Didactica de la Lengua y la Literatura.
- Ribeiro, L. (1991). *Avaliação da aprendizagem*. (3.ª Edição). Lisboa: Texto
- Ribeiro, A. e Ribeiro, L. (2003). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rodari, G. (2002). *Gramática da fantasia*. Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- Rodrigues, D. (2002). *A infância da arte, a arte da infância*. Porto: Edições Asa.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de doutoramento inédita. Málaga: Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sá, J. G. (2002). *Renovar as práticas no 1.º Ciclo pela via das Ciências da Natureza*. Porto: Porto Editora
- Serrazina, L. (2002). *A formação para o ensino da matemática*. In L. Serrazina (Org.). *A formação para o ensino da matemática na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.
- Severino, M. A. F. (2007). *Supervisão em educação de infância: supervisores e estilos de supervisão*. Penafiel: Editorial Novembro.

- Silveira-Botelho, A. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sim-Sim, I., Duarte, I. e Ferraz, M. J. (1997). *A Língua Materna na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica.
- Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: ASA Editores.
- Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação - música e artes plástica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Spodek, B. e Saracho O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Sprinthall, N. e Sprinthall, R. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Teberosky, A. e Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever – uma proposta construtiva*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Trindade, R. (2002). *Experiências Educativas e Situações de Aprendizagem: Novas práticas pedagógicas*. Porto: Edições Asa.
- Turrioni, A. M. S. (2004). *O laboratório de educação matemática na formação inicial de professores*. Unesp, Rio Claro.
- Varela, C. (2009). *As visitas de estudo e o ensino aprendizagem das ciências naturais: um estudo sobre representações de professores e alunos do 9.º ano de escolaridade*. Minho: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.
- Veloso, R. M. (2001). *Literatura Infantil e Práticas Pedagógicas*. Malasartes, Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude, nº 6, Lisboa (22-24).
- Vieira, H. (2005). *A comunicação na sala de aula*. Lisboa: Presença.
- Vilar, A. M. (1998). *O professor planificador*. Porto: Edições ASA
- Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.
- Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação*. Porto Alegre: Artmed
- Zabalza, M. A. (2001). *Didáctica da educação infantil*. Porto: Edições ASA.

Relatório de Estágio Profissional

Anexos

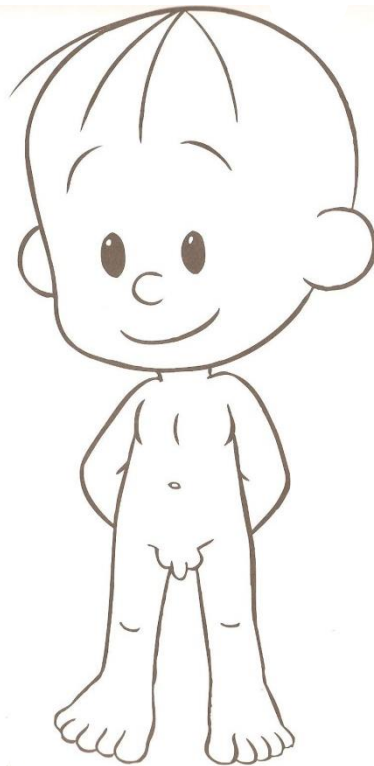
Relatório de Estágio Profissional

Anexo 1

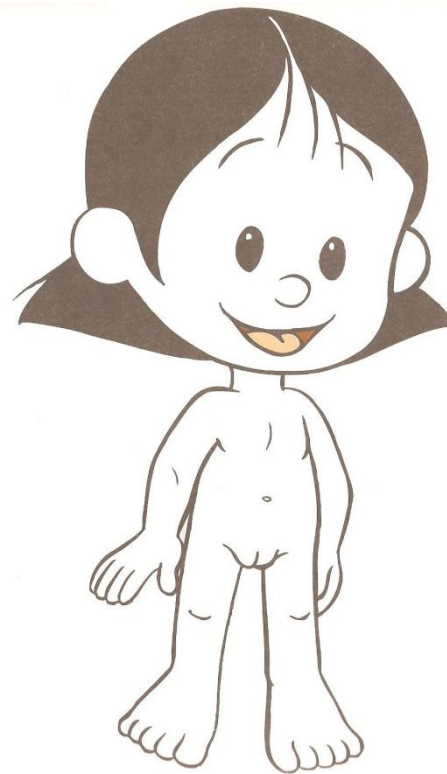
Proposta de trabalho na área de Conhecimento do Mundo na sala dos 3 anos

Relatório de Estágio Profissional

1. Observa o desenho. Pinta o menino se fores menino, e a menina se fores menina.



menino



menina

Aluna estagiária: Carmen Cardeal

Relatório de Estágio Profissional

Anexo 2

Proposta de trabalho na área de Expressão e Comunicação do Domínio da
Matemática na sala dos 5 anos

Relatório de Estágio Profissional

Matemática

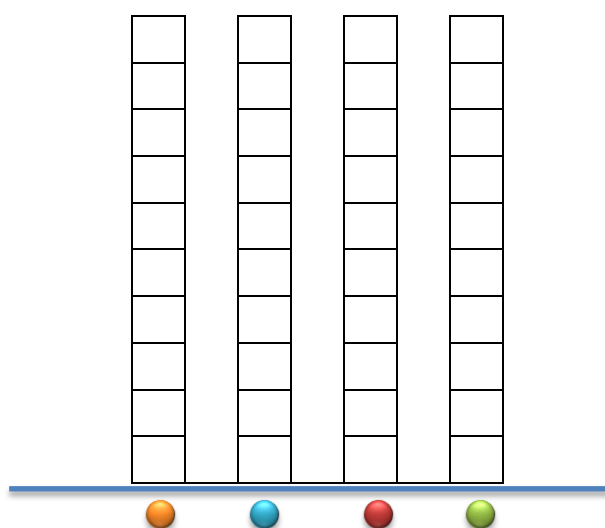
Nome: _____ Data: _____

Resolve os seguintes exercícios:

1. O Tiago faz coleção de berlindes.
 Observa a legenda e representa o número de berlindes
 no gráfico de barras.



Legenda	
	6
	4
	10
	5



- 1.1. Quantos berlindes encarnados e verdes tem o Tiago?

Dados

Indicação

Operação

R: _____

Relatório de Estágio Profissional

Anexo 3

Proposta de trabalho na área de Matemática na sala do 1º ano

Relatório de Estágio Profissional

Matemática

Frações

Nome: _____ Data: _____

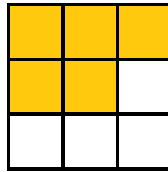
1. Identifica o numerador e o denominador desta fração, escrevendo o seu nome no espaço.

$$\frac{1}{2}$$

→ _____

→ _____

2. Estabelece a correspondência, com um traço, entre o desenho e a fração correspondente.



•

•

•

•

•

•

$$\frac{1}{2}$$

$$\frac{5}{9}$$

$$\frac{3}{4}$$

3. Representa, fazendo o desenho, das seguintes frações.

$$\frac{3}{4}$$

$$\frac{1}{2}$$



Aluna

Relatório de Estágio Profissional

estagiária: Carmen Cardeal

Anexo 4

Proposta de trabalho na área de Língua Portuguesa na sala do 1º ano

Relatório de Estágio Profissional

Português

1. Faz um X na coluna correta.

	Sílabas fortes		
	<u>antepenúltima</u>	<u>penúltima</u>	<u>última</u>
menina			
áspera			
verdes			
alguém			
sim			
tirar			

2. Pinta a sílaba forte.

sí	la	ba
----	----	----

fi	ca	ram
----	----	-----

des	li	zar
-----	----	-----

Bom trabalho!

